VI

MADRID

COLLECÇÃO AFRA A 200 RÉIS

VI

M. PINHEIRO CHAGAS

MADRID

LISBOA
LIVRARIA DE CAETANO SIMÕES AFRA
180, Rua Aurea, 182

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

MANOEL VAZ PRETO GERALDES

Meu excellente amigo.

É este o primeiro livro que publico, depois que tive a honra de travar mais intimo conhecimento com v. ex.ª Dedicando-lh'o, cumpro não só um dever de gratidão e de amizade, mas presto uma sincera homenagem a uma das mais nobres intelligencias, a um dos mais altos espiritos, e dos mais honrados caracteres que tenho encontrado na minha vida.

Aperto-lhe affectuosamente a mão.

M. PINHEIRO CHAGAS.

I

Partida para Hespanha — Defeza intrepida de um wagon — Montijo — Os sete castellos da Serena — Um almoço ideal — Como se formam bandidos — Argamasilla — D. Quixote — Entrada em Madrid — El coche — Á procura de um sereno.

Já que tomei o encargo de narrar, n'um volume de rapida leitura, as aventuras e as sensações de uma viagem sem peripecias, de uma viagem de comboyo de recreio, que durou apenas desde o dia 22 até ao dia 31 de outubro do corrente anno, é indispensavel que diga o modo como se constituiu o pequeno grupo, que, desde Lisboa até Madrid, de Madrid até ao Escurial, se conservou unido, recebendo as mesmas impressões, supportando os mesmos incommodos, encontrando as mesmas surpresas.

Esse grupo compoz-se de Claudio José Nunes, Silveira Vianna e sua esposa, o doutor Bizarro, eu e minha mulher. Bandeira de Mello fazia parte da caravana, mas uma teimosa doença, que o salteiou no caminho de ferro, privou-nos em Hespanha quasi sempre da sua companhia.

Nada é mais desagradavel do que viajar em caminho de ferro, no mesmo repartimento de wagon, com pessoas desconhecídas. Por muito expansivos que sejamos, difficilmente nos poderemos lançar nos braços de um pacifico sujeito, pelo simples facto de elle haver comprado um bilhete do comboyo que nos transporta. Até Santarem reina forçosamente um silencio absoluto; no entroncamento já se trocaram talvez algumas frases indifferentes ácerca das bellesas da estrada e da duração da viagem, na fronteira ainda forçosamente conservam as relações um tom ceremonioso, e não está banida a etiqueta, quando se torna indispensavel dormir. Sem ser inglez, acho muito *shocking* ouvir resonar uma pessoa, cujos antecedentes ignoro, e ainda não descobri o modo de adormecer polidamente diante de um sugeito a quem não fui regularmente apresentado. Estas considerações, e outras menos graúdas, actuavam fortemente no nosso espirito quando vimos que eramos sete n'um wagon de dez pessoas, e onde por conseguinte estava authorisada pelo regulamento a invasão de tres desconhecidos.

A situação era critica, approximava-se a hora da

partida, e tornava-se indispensavel que antes d'isso encontrassemos tres amigos que preenchessem as vagaturas. As portas dos wagons iam sendo assaltadas por viajantes que procuravam accommodar-se. Dois sugeitos, armados com a lei e com as suas malas, dirigiam-se para o nosso repartimento. Fizemos um simulacro de resistencia; os invasores estavam porém conscios do seu direito, e via-se que sabiam de cór o artigo 145 da Carta Constitucional, e o artigo não sei quantos do regulamento dos Caminhos de ferro. Pintava-se nos nossos rostos o mais profundo abatimento. Produziu porém a vista de uma das malas uma revolução no nosso espirito. Não era mala, era a arca de Noé transportada para o monte Ararat pelo caminho de ferro de leste; era uma *valise krupp*, um bahú ante-diluviano, o mammouth das malas, monstruosa e aterradora; era um monumento portatil... portatil como monumento, colossal como saco de viagem. O senhor d'essa *Great-Eastern* procurava accommodal-a com o maximo sangue-frio. Não conseguindo mettel-a debaixo das bancadas, queria suspendel-a sobre as nossas cabeças. Vimo-nos em risco de viajar debaixo d'essa mala... de Damocles. O excesso do perigo restituiu-nos a coragem. Appellámos para as nossas recordações de rhetorica, tomámos por modêlo a deprecação de Ignez de Castro a D. Affonso no poema de Camões *Se já nas brutas feras* etc. Fallámos na Scythia fria e na Lybia ardente, sem

arrancarmos lagrimas aos nossos adversarios, o que nos espantou sobremaneira, porque, fiados no nosso grande epico, tinhamos essas citações por muito commovedoras. A vista constante da mala fez com que arrancassemos do coração frases altamente patheticas. Dissemos que tinhamos familia, que podiamos tirar folha corrida, e que não mereciamos que nos condemnassem a ficar sepultados no desabamento da mala, como os antigos réus de pena ultima eram postos debaixo das abobadas acabadas de construir. Fomos eloquentes. Assomavam ao longe o visconde de Moreira de Rey, sua esposa e o par do reino Mello e Carvalho. Soltámos um grito de alegria. Repellimos brandamente os estupefactos invasores, capturámos os recem-chegados, mettemol-os no wagon sem mais explicações, fechámos a portinhola, vendo desapparecer no horisonte, a mala e o seu cornaca, e, ufanos do triumpho, estabelecemos os arraiaes no campo de batalha tão vigorosamente conquistado.

Assim se constituiu a caravana, e assim conseguimos companheiros de viagem, cuja amabilidade fez com que nos parecesse curto o longo trajecto de Lisboa a Madrid.

Partimos. No rapido galope da locomotiva passam ao nosso lado, como se desenrolam n'um panorama do theatro diante dos olhos do espectador, o rio e as suas lezirias, as casas de Santarem, as admiraveis paizagens que vão do Entroncamento á

ponte do Téjo, e entretanto vae declinando o dia, esfumam-se já nas sombras do crepusculo as linhas vagas da paizagem, desce a noite envolvendo no seu manto negro os campos agora aridos e despovoados, as longas charnecas do Alemtejo. Entre a escuridão ouve-se apenas o surdo arfar do comboyo, e de quando em quando os longos silvos que solta na amplidão, como os gritos d'uma ave sinistra, a locomotiva que nos arrasta. Á volta demorarei com mais deleite a vista nas terras portuguezas; agora todos nós temos apenas um desejo, atravessar a fronteira, respirar novos ares, sentir novas impressões. O nosso ideal resume-se na calça vermelha do primeiro soldado hespanhol que divisarmos. Portugal parece-nos immenso. Dormita-se, acorda-se, e os nomes de estação, que os guardas nos arrojam, são sempre nomes portuguezes. *Caramba!* Quem é que diz que Portugal é pequeno? A fronteira parece fugir diante de nós. O Alemtejo é interminavel. O Caya mudou de latitude.

Entretanto a conversação reanima-se no wagon. Passa-se uma revista ás provisões. Os nossos companheiros de viagem vêm abastecidos, como se tencionassem fazer naufragio. O primeiro jantar de Robinson Crusoé está seguro. Eu, que não acreditava nas narrações de Alexandre Dumas e de Theophilo Gautier, contemplo-os espavorido. Não tardarei a ser castigado pela minha falta de boa fé.

«Elvas» bradam emfim os guardas. Demora de

alguns minutos. A cidade heroica, a cidade dos cercos, não se vê, sumida entre as sombras nocturnas. Todos se conservam agora álerta, com os olhos avidamente cravados na paizagem que nos rodeia. De subito, á luz pallida das estrellas, scintilla um riacho insignificante. Atravessa-o, em alguns segundos, o comboyo. Estamos em Hespanha.

Quem sae pela primeira vez da sua patria, sente uma impressão extraordinaria, ao atravessar essa linha ideal da fronteira. Involuntariamente olha em torno de si, para vêr se nota nas arvores, na estrada, no céo uma indicação qualquer da sua mudança de paiz. Suppõe encontrar uns symptomas de hostilidade no vôo da ave, que poisa nos fios telegraphicos, sem saber que tem o raio debaixo dos pés. Eu suppunha que a noite se envolvia em Hespanha n'uma capa á hespanhola, e que as estrellas nos espreitavam pelas rechas de uma janella andaluza. Depois de observar que o negro manto das sombras parecia que fôra cortado pelo mesmo alfayate em Hespanha e em Portugal, procurei adormecer, seguindo o exemplo dos nossos companheiros. N'aquelle meio somno inquieto dos wagons ouvi vagamente o nome d'uma estação «Montijo». Esta palavra soou aos meus ouvidos como um hymno de victoria, e acalentou-me brandamente com a sua musica bellicosa e festiva. A imagem da patria, engrinaldada com os seus loiros reverdecidos de subito pelo orgulho nacional em terra estranha, esvoa-

çou diante dos meus olhos semi-cerrados. Montijo! Aqui, ha duzentos e vinte e sete annos, conseguiu Portugal a primeira victoria das tantas com que soube esmaltar a sua reconquistada independencia. Ah! como é bom ouvir pronunciar por uma bocca hespanhola o nome de uma victoria portugueza! Bom?! não haveria na voz do guarda uma ponta de ironia? Não será um sarcasmo fallarem-nos ainda n'essas recordações gloriosas, que tanto contrastam com a nossa situação presente? Que allegoria tão verdadeira! Essa colonia portugueza, que o comboyo de recreio transportava, passava dormindo, quasi por unanimidade, no campo de batalha de Montijo! Dormia sobre os seus loiros! Foi o que fez Portugal. Tinham rasão os meus companheiros. Patria! balbuciei eu com os olhos fechados, patria ao menos... dormirei comtigo. E adormeci. Tive sonhos horriveis. Sonhei que Mathias de Albuquerque fôra para a Zambezia com um posto de accesso, e apanhara uma derrota monumental diante da aringa do Bonga, e sonhei que o conde-duque de Olivares entrara para socio do centro promotor. De vez em quando acordava sobresaltado. O nosso excellente companheiro de viagem, Bandeira de Mello, cuja imperturbavel jovialidade não se altera por caso algum, despertava-me de vez em quando, bradando em puro castelhano: *Una poblacion.* Eu amaldiçoava-o em legitimo portuguez, tornava a adormecer, e sonhava que a commissão 1.º de Dezembro pedira o res-

tabelecimento da pena de morte, afim de Bandeira de Mello ser enforcado, o que eu achava excessivamente justo.

A luz tibia e frouxa de uma alvorada de outono illuminava os serros escalvados, que por toda a parte nos rodeiavam. Que tristesa n'essa paizagem hespanhola! E não é comtudo esta a parte mais arida da estrada. Desdobram-se a perder de vista campos de trigo, mas já se fez a colheita, já não fremem ao sopro da brisa as espigas doiradas, e o longo trigal, despido de vegetação, entristece como uma charneca. Por entre os sulcos vasios serpeiam o Guadiana e alguns dos seus affluentes. Ainda de quando em quando um olival nos preserva contra a nostalgia do arvoredo, que haviamos de sentir cruelmente nas interminaveis planicies da Mancha. De vez em quando no alto de um serro, passa diante dos nossos olhos, na rapida visão das locomotivas, o vulto solitario de um castello, tristemente envolto na sua armadura de pedra, como uma sentinella da edade media, que a mão do tempo petrificou, e que julga talvez, ao vêr surgir no horisonte o penacho de fumo do comboyo, ao vêr espargirem-se pela atmosphera milhares de scentelhas, que a almenara moirisca accende ao longe o seu guerreiro signal.

É algum dos sete castellos da Serena, d'esse paiz que foi um permanente campo de batalha contra os moiros, emquanto o rijo montante dos lidadores néo-gothicos os não confinou na Andaluzia, até que

os despenhou no occeano e os obrigou a voltarem para os desertos africanos.

Almorchon! dizem os guardas. Este nome reanima-nos. Tinham-nos fallado vagamente n'um almoço que haviamos de comer n'este sitio; e as reclamações do nosso estomago fizeram com que não prestassemos attenção ás ruinas de um castello mourisco, para pensarmos unicamente em subsistencias christãs. Ó suave illusão! As seitas materialistas, o realismo contemporaneo, vão invadindo terrivelmente a crença e a arte hespanhola; o idealismo refugiou-se porém, segundo nos pareceu, nas refeições das estalagens. *Chateaux en Espagne*, dizem os francezes quando querem fallar n'esta architectura devaneada e aerea em que a imaginação se compraz na hora dos sonhos vaporosos; eu modifico a frase, e digo *dèjeûners en Espagne*... isso é que é incorporeo, vago, intangivel. Á falta de almoço tivemos em Almorchon uma primeira scena de costumes: Um estalajadeiro risonho, tendo o cynismo da sua falta de viveres, flanqueado por umas viragos perscrutadoras, que namoravam as nossas pecetas com uma persistencia atroz; a turba do comboyo gritando por almoço que estrugia tudo, e o estalajadeiro risonho, amavel, impudente, invocando todos os santos da côrte do céu, e multiplicando as chavenas de chocolate como outr'ora Christo multiplicou os cinco pães e os dois peixes. O tumulto era indescriptivel; havia um tal montão de

braços estendidos, que se diria uma das muitas scenas de juramento das assembléas constituintes. Pedia-se chocolate n'um côro ameaçador com as chavenas erguidas. Não se obtinha, e o estalajadeiro reclamava rindo as pecetas. A situação era comica de si; havia porém um incidente que a complicava. Era a scena de um criado encarregado de servir a mesa a que se tinham sentado os mais felizes, e que pedia chocolate para elles. Não o attendia o estalajadeiro; não escutava o seu proprio cumplice. Estava o continuo transformado em pretendente; pedia-nos a nossa interferencia, collocava-se debaixo da nossa protecção, e cruzava os braços com desespero, estupefacto em presença d'esta situação inesperada. A attitude do estalajadeiro, typo de gitano, cara morena e astuciosa, olhar de velhaco, sorriso de cumplice de bandidos, e a do criado, soltando uivos furiosos e praguejando em puro castelhano, constituiam a mais divertida de todas as scenas.

Eu entretanto bebia tristemente, para me aquecer, meia chavena de chocolate que detesto, e roia um pedaço de pão duro que odeio mais do que a morte e menos do que um artigo de fundo. Chegára a occasião das grandes provações; ia sentir a fome. Se a viagem se prolonga, o repartimento do wagon transformava-se em jangada da *Meduza*.

Não se nos apresentava a Hespanha debaixo do seu aspecto mais seductor. Nos bufetes das estações mos-

travam os nossos visinhos uma avidez incrivel, e uma desconfiança a toda a prova. A lista dos preços dos comestiveis tomava aos nossos olhos umas proporções espantosas! Se a zero de comida correspondia uma peceta, aonde chegaria, passando pelos decimaes, a progressão dos preços! Parecia-nos impossivel que a lista civil do rei Amadeu chegasse para um jantar de sopa, vacca e arroz. Saindo de Almorchon, iamos discreteando no wagon ácerca dos varios incidentes do nosso phantastico almoço. Claudio José Nunes contava um dialogo admiravel de concisão, que tivera com um dos criados da estalagem.

—Uma chavena de chá! bradou elle.—Não ha nenhum.—Duas pecetas por uma chavena!—Prompto, cavalheiro.—É um dos melhores exemplos de substancioso laconismo, que se podem apresentar. O *Fere mas escuta* de Themistocles, o *Sint ut sunt aut non sint* do jesuita Ricci ficavam a perder de vista, e nós pensavamos tristemente que a laconica resposta do criado fôra a unica coisa substanciosa, que se colhera em Almorchon.

Trocando as nossas confidencias, viemos a descobrir que nenhum de nós escapára á suspeita de ter comido sem pagar, quando a dolorosa verdade era que tinhamos pago sem comer. Os hespanhoes depositavam em nós a mais tocante desconfiança. A sua theoria era que todos eramos ladrões em quanto se não provasse o contrario. Tinhamos sido obrigados a repellir, alguns quasi a murro secco, as mais

violentas interpellações. Desde que conhecemos a hostilidade da população das estalagens, tornámo-nos ferozes. Sermos despojados na caverna de salteadores de *Gil Blas*, e ainda por cima accusar-nos dama Leonarda de termos mettido na algibeira as colheres de chá da quadrilha, era caso para abalar, pelo scepticismo, a nossa inconcussa moralidade. Já olhavamos com vistas sinistras para os longiquos ramaes da Sierra Morena, que avultam no horisonte, delimitando, com a sua linha flexuosa, as planicies aridas, núas e fastidiosas da Mancha. Quando chegámos a Ciudad-Real iamos uns salteadores endurecidos. Tinhamos resolvido pagar, mas comer, o que é nas estalagens hespanholas, segundo parece, *un cas pendable.* Entrámos na estalagem com essa sombria resolução. A scena de Almorchon ameaçava renovar-se. Começavamos a ver ao longe travessas de carne assada, e comtudo ameaçava-nos a fome á vista das provisões. Tomámos uma resolução heroica, arrojámo-nos a um criado com umas pecetas em punho, encostámol-o ao balcão, e arrancámos-lhe cada um o seu pedaço de carne, que substituimos pelas pecetas, á viva força, no meio dos gritos de umas mulheres, que protestavam contra a violencia e recebiam o dinheiro. *Por la Virgen Santissima!* bradava o criado espavorido! S. Jorge e ávante, respondiamos nós. Lembremo-nos de Aljubarrota, compatriotas e amigos. Comemos então com tal ou qual seriedade; era a primeira vez desde que entráramos

em Hespanha, e deviamol-o puramente á nossa intrepidez. Nas estalagens do caminho de ferro, pelo menos quando passa um comboyo de recreio, dando-se dinheiro, paga-se, mas não se come; para pagar e comer é necessario dar dinheiro... e pancada.

Não se imagina como são aridas aquellas immensas planicies da Mancha, que o comboyo atravessava na sua rapida carreira. Percorrem-se leguas e leguas sem se vêr uma arvore, uma casa, sem se divisar senão muito ao longe no horisonte uma leve ondulação; a vista do Oceano inspira uma profunda melancholia; sente-se a vida referver na agitação perpetua das ondas, ouve-se o seu rugido constante, a imaginação póde povoar ao menos de entes phantasticos a espuma de que se corôam as vagas. Aqui, n'estas planicies sem vegetação, que se desenrolam monotonas, tranquillas, silenciosas, forma-se uma idéa do anniquilamento completo. A phantasia dos povos primitivos não poderia animar estes desertos com os deuses, que elles escondiam nas arvores, nas fontes, nos rios, em todos os incidentes da paizagem, e que não tinham um unico refugio n'estes vastos plainos, onde só impera o nada.

Um pequeno oasis—Manzanares. A cidade é bonita, e parece populosa; rodeiam-n'a campos que se nos affiguram risonhos, não sei se pelo contraste que formam com o deserto que atravessámos. Da portinhola do comboyo divisam-se algumas fabricas. A cidade representou um certo papel nas luctas politicas

da moderna Hespanha; se não me engano, O'Donnell, o fallecido duque de Tetuão, d'aqui datou as proclamações de um dos seus pronunciamentos. Não tenho paciencia de verificar o facto, e aterra-me a idéa de penetrar no labyrintho das revoluções hespanholas. Quem escrever a historia modernissima da peninsula, deve enfiar de pavor ao contemplar a rêde intrincada das revoltas, contra-revoltas, constituições, restaurações, golpes de Estado que matizam os fastos constitucionaes de Hespanha e de Portugal.

Partimos; o primeiro nome de estação, que os guardas nos atiram, faz-nos erguer a todos sobresaltados—Argamasilla. Argamasilla de Alba! a terra onde viveu ou antes onde não viveu D. Quixote, mas onde nasceu esse livro immortal! a terra onde Cervantes esteve preso, victima do estupido furor dos habitantes, que o accusavam já não sabemos de que! e na solidão do seu quarto de captivo, elle, o manco glorioso, que vira crestarem-se-lhe, ao sopro queimador de um mundo egoista e máo, as suas ingenuas illusões, as suas nobres crenças, os seus santos enthusiasmos, pensou então esse livro immortal. Do fundo da sua prisão, Cervantes soltou essa gargalhada sarcastica, motejou da sua propria dôr, curou com o seu riso as suas feridas mortaes. Ah! louco, pois tu sonhavas um ideal de justiça e de bondade! ambicionavas uma gloria pura! acreditavas no amor das mulheres, na amizade dos homens, em tudo o que é santo e sublime! defen-

dias heroicamente a patria, a civilisação, a fé que regenera, lá ao longe nas aguas de Lepanto, e julgavas que isso te seria levado em conta, e que as multidões, ao vêrem-te passar, se descobririam dizendo: Elle ahi vae, o soldado da cruz, um bravo de D. João d'Austria! Pensavas tudo isso, louco, e estás no fundo de uma prisão, D. Quixote, cavalleiro andante, sonhador de chimeras, fossil, imbecil! E Cervantes ria-se, ria-se de si mesmo, e martyrisava-se, e parodiava os seus proprios sonhos d'oiro, e essa gargalhada repercutia-se no espaço, atravessava as eras, e ainda hoje nos sôa aos ouvidos, immortal como o protesto ironico do genio contra o mesquinho egoismo dos homens, contra a celeuma confusa e má das sociedades.

Sôa-nos ainda aos ouvidos, hade soar-nos sempre, porque D. Quixote é immortal! A sua loucura contagiosa passa de seculo a seculo, e sempre os grilhetas de todos os tempos hão-de moer de pancadas o homem que os quer libertar, porque os julga bons. Ha-de haver sempre ardentes devaneadores de utopias. Sempre se ha-de rir o mundo do homem que reveste de perfeições ideaes o vulto da mulher amada, e ajoelha em extasis perante a Dulcinéa que phantasiou, e que é apenas uma *coquette* banal. Sempre ha-de haver homens, que tenham o sincero culto das santas e nobres tradições, e ao mesmo tempo as nobres aspirações para um radioso porvir. D. Quixote ha-de sempre sonhar as

generosas aventuras, as puras conquistas das idéas, o santo amor pelos principios; e, voltando moido e fatigado da sua louca peregrinação, ou ha-de morrer abraçado aos seus sonhos, como o pobre cavalleiro da Triste Figura, ou, rindo-se amargamente de si mesmo, ha-de entrar de novo no mundo sabendo combater com as armas com que os outros combatem, vendo as Aldonzas Lorenços, não como Dulcinéas, mas como ellas são na realidade, e será feliz, e respeitado, e máo e torpe, como qualquer outro que sonhasse menos e lucrasse mais.

E aqui nasceu n'esta aldeia, que já nos fica ao longe, aqui nasceu essa comica epopéa, que tem no fundo, para quem a sabe lêr, um doloroso drama. Não é um acaso que faz com que seja um dos soldados de Lepanto o homem que escreveu o *D. Quixote*. Lepanto é a ultima pagina solta da grande epopéa das cruzadas; D. João d'Austria é o ultimo representante dos seculos cavalheirescos, tão deslocado no meio da côrte de Philippe II, como o pobre D. Quixote no meio da Santa-Hermandad, dos aguasís e dos estalajadeiros do seu tempo! Como elle ia esbelto, airoso, soltando ao vento os seus louros cabellos, a espelhar-se-lhe nos olhos a alma de Carlos V, a combater nas Alpujarras os revoltados Moiriscos! Sonhava as guerras cavalheirescas de Granada, os torneios na Vega, mas quando, ao voltar-se, julgava encontrar o rosto sympathico, energico, e generoso de Isabel a Catholica, apenas encontra-

va a livida physionomia de Philippe II. Quando julgava achar nas aguas de Lepanto a corôa de uma pequena soberania, como o cavalleiro cruzado, que levantava na ponta da lança o diadema de Jerusalem ou de Antiochia, via-se enleiado nas rêdes de uma diplomacia tortuosa, sentia cravadas no seu rosto as pupillas sem luz de seu suspeitoso irmão!

Se ia aos Paizes-Baixos procurar a popularidade, achava-se apertado entre o vulto sombrio do duque d'Alba, e a physionomia hypocrita de D. Luiz de Requesens! A sua coragem, as suas nobres ambições, a sua brilhante e cavalheiresca audacia sentiam-se envoltas sempre nos tramas subtis de Philippe II. Era a intriga de Antonio Perez, era a espionagem constante. Era a prosa funesta da diplomacia a pungir o aventuroso cavalleiro de Lepanto, o ultimo d'essa raça de generosos D. Quixotes, que sonhavam cruzadas e feitos d'armas, e encontravam diante de si Luiz XI quando se chamavam Affonso V de Portugal, Philippe II quando tinham o glorioso nome de D. João d'Austria.

Ferido, magoado na sua esphera humilde, tanto como o seu illustre chefe na sua elevada posição, Cervantes, aqui, n'esse carcere de Argamasilla de Alba, soltou contra si mesmo, contra as suas proprias illusões uma gargalhada de sarcasmo doloroso e desesperado—e essa gargalhada ainda hoje nos vibra aos ouvidos, porque se chama... *D. Quixote.*

E descia a noite, e o grande vulto de Cervantes

povoava para mim as vastas solidões da Mancha. Foi por estes sitios que D. Quixote passeiou a sua sede de aventuras, além seria manteado Sancho, aqui encontrou o barbeiro a quem apanhou o elmo de Mambrino, não deve estar longe Toboso, onde Dulcinéa recebeu, tratando dos bacorinhos, a mensagem que lhe era communicada pelo fiel e sentencioso escudeiro. Ah! se Cervantes vivesse no nosso tempo, que morte sublime daria ao seu herôe!... Collocal-o-hia de lança em riste diante do comboyo fumegante, e D. Quixote, a flôr da cavallaria, morreria no seu posto, esmagado, como a França, pela victoria da machina.

E a noite já envolvia no seu negro manto essas interminaveis planicies... e os meus companheiros de viagem jogavam o voltarete. Aqui os denuncio. Elles assetearam de epigrammas e immolaram um pobre chapeu alto que eu levava, tanto que o visconde de Moreira de Rey teve de me emprestar misericordiosamente outro chapeu mais ligeiro, que me fluctuava na cabeça como o elmo de Mambrino na fronte augusta de D. Quixote... mas eu vingo-me agora. Jogavam o voltarete no wagon! Eu a pensar em D. João d'Austria, elles a irem á casca; eu a ver pela portinhola passar o livido espectro de Philippe II, elles a pedirem licença; eu como o soldado de Lepanto e o captivo de Argel, elles a fazerem remissas. Ó sombra de Cervantes!

Pára o comboio. Vêmos á nossa direita um arvo-

redo espesso: é Aranjuez. Oasis fugitivo, que em breve se perde nas trevas, como os desertos que atravessámos. Lá foge para Portugal o Tejo infantil, que saudamos com alvoroço, e que se nos esconde, envergonhado por o surprehendermos na sua humildade nativa. Já se apodera de nós a fadiga; trinta e cinco horas de viagem! Mas apparecem-nos luzes no horisonte. Madrid! Madrid! Eis-nos chegados!

Saltamos dos wagons, soffregos, anciosos por conhecermos a capital da Hespanha. A amabilidade do sr. Fernandez de los Rios, nosso companheiro de viagem, poupa-nos o incommodo da revista das bagagens, as delicadissimas attenções da familia do sr. D. Benigno Martinez a quem tributo aqui os meus vivos agradecimentos pela sua constante obsequiosidade, livram-nos dos cocheiros, e salvam-nos de andarmos á procura de hospedaria. Uma complicada caranguejola, para onde nos içámos como nos foi possivel, transporta-nos ao centro de Madrid. O cocheiro anima os cavallos com uns gritos estranhos, que sôam selvagemmente aos nossos ouvidos. Atravessamos rapidamente uma porção do Prado; passam por diante de nós as casas da Carrera de San-Geronimo. Algumas, cheias de luz, de rumor, de movimento, chamam-nos a attenção um pouco distrahida pelos cuidados que nos inspira a nossa propria existencia, que nos parece um perigo no pincaro da almofada do cocheiro, onde o acaso nos collocou. São os cafés. Eis-nos emfim na Puerta del

Sol. Mais dois passos e *el coche* deposita-nos, sãos e escorreitos, á porta do hotel do Oriente na *calle del Arenal.*

A fadiga chamava-nos aos leitos extraordinariamente fofos da hospedaria. Eu comtudo, ancioso de côr local, pedia um *sereno* a todos os echos do hotel, berrava por um sereno com uma insistencia feroz; não faria empenho em ser assassinado na cama por um bandido de bacamarte, como seria de rigor n'um romance de Paulo Féval passado em Hespanha, não exigiria uma serenata, mas queria um sereno, fallava já em o reclamar por via diplomatica; por mais que prestasse o ouvido a todos os rumores da rua, não ouvia uma voz castelhana apregoar as horas, e informar-me do estado da atmosphera. Se não estivesse morto de fadiga, derramaria lagrimas amargas sobre esta primeira illusão perdida, mas não podia ao mesmo tempo chorar e dormir, e dormir pareceu-me mais urgente. Adormeci, tendo nas mãos a *Correspondencia de España*, de que apenas chegára a decifrar o titulo, e murmurando ainda: O meu reino por um sereno!

II

Aspecto de Madrid—A mantilha e a capa—A opera comica nas ruas—Symbolismo de tres praças—Puerta del Sol, Plaza Mayor, e Plaza del Oriente—O Palacio Real e a estatua de Philippe IV—Uma lição de historia no horisonte—Montanha do principe Pio, e quartel de S. Gil—A monarchia constitucional—O que dizia Frederico o Grande da côrte portugueza—A estatua de Cervantes—O drama da calle del Turco—Os cocheiros de Madrid.

Quando no dia seguinte os raios de oiro d'um sol peninsular nos despertaram, e que, depois de nos levantarmos, chegámos á janella, sentimos um verdadeiro deslumbramento. Estavamos residindo no coração da cidade. Viamos a Puerta del Sol com a sua fonte no meio, e o palacio do ministerio de la *gobernacion*; e todas as ruas que vão desembocar na

celebre praça, jorravam, para assim dizermos, gente em borbotões. As carruagens cruzavam-se em todos os sentidos, uns omnibus muito elegantes, carregados de passageiros, resvalavam rapidamente pelos *rails* do caminho de ferro americano. Saímos. Mettemo-nos em carruagens de praça, baratas, e sugeitas á acção vigilante da policia, e fomos percorrer a cidade um pouco *à l'aventure.*

Quem está habituado a esta grandiosidade orgulhosa e melancholica de Lisboa, não póde comprehender o turbilhão da vida madrilena. Cidade essencialmente moderna pelos habitos e pelas tendencias, pequenina, cheia de uma população agglomeradissima, que precisa de desaffogar, encerrada como se acha em predios onde se aninha uma multidão de familias, Madrid vê as suas ruas incessantemente cruzadas pelos seus habitantes. Na Puerta del Sol quasi se póde dizer que passa todos os dias a maior parte da população da capital. O estrangeiro, que atravessa a praça, tem por conseguinte diante dos olhos um espectaculo animadissimo, que se torna ainda mais alegre pelo genio expansivo dos madrilenos. Não gosam essa fama os habitantes das duas Castellas, e o castelhano tradicional é um sugeito grave, taciturno, embrulhando-se orgulhosamente na sua capa, e respeitando a etiqueta como se respeita um deus. De todos esses caracteristicos, o unico que os madrilenos parecem conservar é o segredo de se embuçarem com um denaire especial

na sua ampla capa. No mais ou a febre da vida moderna, concentrada n'esse foco de Madrid, os transformou, ou o castelhano legendario, deixando-se corrigir pelo andaluz, imitando um pouco o parisiense, espanejou-se á luz da civilisação moderna, e saiu, animada borboleta, da velha chrysalida hespanhola.

A capa e a mantilha continuam a imperar sem rivaes em Madrid, digam o que disserem os viajantes, que entenderam dever consagrar uniformemente um episodio á mantilha desapparecida. Mulheres mais ou menos gentis passavam a cada momento ao nosso lado, e nos seus cabellos loiros ou negros poisava sempre, leve, aerea, vaporosa, a negra e fluctuante mantilha, que só ellas sabem pôr de um modo gracioso que lhes moldura as feições, e as tranças com uma linha flexuosa e delicada. Os homens passavam tambem, envolvendo-se quasi todos na airosa capa, e levando nos labios o *cigarito* ou o *puro*. Entre esses fatos negros destacavam as côres vivas dos uniformes militares, as calças vermelhas da infanteria, o boné agaloado de prata dos officiaes do estado-maior. Os *curas*, que assim são designados todos os padres, atravessavam, gordos e floridos, a multidão azafamada. Não lhes faltava o chapeu tradicional de D. Basilio. Mais elegante, mais curto, com as abas recurvadas, não deixa comtudo de nos despertar um sorriso, e de nos incitar a acompanharmos com a musica de Rossini o passeio dos sacerdotes; os guardas civis, caminhando sempre, dois

a dois, com os seus uniformes tambem conhecidos dos *dilettanti*, vem completar a illusão. Decididamente parece-nos que estamos transportados para uma cidade de opera-comica, que não nos rodeiam passeiantes, mas córos de zarzuella, e que, a um signal dado, se começará a ouvir uma orchestra escondida, as mãos enluvadas das damas de mantilha surgirão armadas de castanholas, de debaixo da capa dos elegantes saltará a guitarra de Almaviva, e romperá toda a Madrid n'uma *malagueña*, n'uma *jota*, n'uma *cachucha* desordenada.

Madrid não nos seduz pelo seu aspecto monumental, mas em compensação não desconhece nem uma só das seducções da bonitesa moderna. Não se encontram os marmores, os edificios grandiosos, a cantaria magestosa a que nós os Portuguezes estamos habituados, mas em compensação as paredes das ruas desapparecem debaixo dos estofos, das quinquilharias, das *montres* dos ourives, inclusivamente dos espelhos que as forram. Tudo se expande, tudo se mostra, tudo procura um logar ao sol, e os olhos dos passeiantes ficam realmente encantados com esse novo aspecto. Qualquer recanto é aproveitado pelos alfarrabistas, que ao longo dos passeios encostam ás paredes das casas as suas longas estantes, carregadas de livros, cujas encadernações juntam mais um matiz variegado á palheta que se ostenta pelos muros da cidade. Este systema dá realmente a Madrid um aspecto encantador á primeira vista.

Seguimos pela *calle* do Arenal para o lado da praça do Oriente onde fica situado o palacio dos soberanos de Hespanha, que tem pouco mais de um seculo desde a sua completa reconstrucção, mas que já viu passar nas suas salas, inauguradas por Carlos III, os representantes de tres dynastias; alli habitaram os Bourbons, esses degenerados descendentes de Henrique IV de França, aqui sonhou o seu rapido e maravilhoso sonho, que terminou com o estrondear do raio, como o sonho de Athalia, o pallido irmão de Bonaparte, aqui procura agora conciliar as velhas tradições da monarchica Hespanha, com as arrojadas aspirações da moderna democracia, o principe saboiano, rei não por graça de Deus, mas por eleição do povo.

N'este primeiro passeio vimos as tres principaes praças da capital, a *Puerta del Sol*, o *forum* de Madrid, a praça onde o commercio agita os seus *réclames*, onde as revoluções lançam ao vento, que os leva, pela boca dos seus tribunos os seus auspiciosos programmas, aqui se trocam as noticias politicas, as novidades theatraes, aqui se vêem passar, caminho do Prado, as elegantes madrilenas, por aqui se dirigem para o congresso os deputados ou os que se interessam pelas discussões parlamentares; é este o centro, o coração onde pulsa a vida da cidade; é a praça moderna, tumultuosa, agitada, cheia de movimento e de vida.

A Praça Maior é a praça das vetustas tradições,

melancholica e um pouco sombria; ainda lhe ennublam o céo que a cobre os ultimos rolos de fumo dos autos de fé, porque alli se celebravam outr'ora essas horrorosas solemnidades. Alli se davam tambem as corridas de toiros em honra da côrte; alli parece que se representavam ao ar livre, como complemento artistico das lugubres ceremonias da inquisição, os autos sacramentaes de Lope de Vega, em cujos versos, tão facilmente escriptos, muitas vezes parece reflectir-se a luz vermelha das labaredas.

Um pouco affastada do movimento geral de Madrid, orgulhosa com as suas arcarias magestosas, com a sua estatua de Philippe III, communicando com as ruas proximas por uns arcos, que as carruagens não atravessam, e havendo por conseguinte sempre alli, a dois passos do turbilhão vertiginoso da capital, um silencio relativo, a Praça Maior parece guardar, no seu recondito e magestoso tabernaculo, a arca preciosa das velhas recordações. Á noite aninham-se n'aquelle recinto os seculos decorridos, e os phantasmas da antiga monarchia, affastados da Puerta del Sol pelo turbilhão e pela luz brilhantissima dos candelabros, devem percorrer as arcarias da Praça Maior, ouvindo ao longe com espanto tumultuar a cidade moderna.

A *Panaderia*, casa monumental, cujo destino é designado pelo seu nome, occupa um dos lados da Praça Maior, e completa a symbolica d'este recinto

isolado. *Pan y toros, quemadero y autos sacramentales*... não se resume n'estas quatro palavras a Hespanha tal como a legaram aos descendentes de Henrique IV de França os descendentes de Carlos V da Allemanha?

Se dissermos que a *Puerta del Sol* é a praça republicana, a *Praça Maior* a praça do velho absolútismo theocratico, podemos dizer que a *Praça do Oriente* é a praça da monarchia constitucional.

A Praça do Oriente é pacata e ordeira, tem no centro um jardimsinho, ou antes uns *square*, onde alguns velhos tomam o sol, e onde algumas crianças brincam. Ao fundo o palacio real apresenta um aspecto magestoso; ha porém emtorno d'elle pouco movimento. Os soldados da guarda passeiam enfastiados, e contemplam distrahidamente os estrangeiros que passam. O symbolismo da praça é representado pelo rei Philippe IV rodeado de um parlamento de estatuas. Um parlamento mudo! Ó ministerios! Que ideal supremo!

A estatua de Philippe IV, que se ostenta no meio do largo, feita por um esculptor italiano, é considerada com justa rasão como a melhor de Madrid, o que, em quanto a mim, prova mais contra Madrid do que a favor da estatua. Sem ser entendedor, ouso dizer que o cavallo me pareceu tratado melhor que o cavalleiro. A attitude é arrojada, e demanda um verdadeiro prodigio de equilibrio. A cabeça do soberano é um pouco mesquinha, pare-

cendo que o estatuario attendeu mais á verdade historica do que ao sentimento da perfeição artistica. É uma pallida physionomia esta de Philippe IV! Desfez-se completamente nas suas mãos a vasta monarchia hespanhola; e, se Valasquez e Calderon lhe não illustrassem o reinado, a Hespanha não poderia votar senão maldições ao soberano, que teve por primeiros ministros o frivolo conde-duque de Olivares, que achava a perda de Portugal um optimo negocio porque ia ter um pretexto para confiscar os bens do duque de Bragança, e o jactancioso D. Luiz de Haro, que entrou em Portugal com uma pompa de triumphador, para afinal ser miseravelmente derrotado em Elvas pelo conde de Cantanhede. Não foi feliz nem na guerra, nem na diplomacia, nem na administração. Em França, Condé e Turenne revezaram-se para lhe darem sovas monumentaes; Portugal não lhe poupou uma unica das suas victorias da guerra da restauração, porque a ultima, a de Montes-Claros, a infligimos ainda a Philippe IV, morrendo elle pouco depois. Em diplomacia fez com o astucioso Mazarino o tratado dos Pyrineos, tratado, que, tendo depois Luiz XIV por commentador, valeu á Hespanha a perda de duas provincias, e preparou o caminho por onde ascendeu ao throno a dynastia bourbonica. Em administração teve a infelicidade de a confiar ao conde-duque de Olivares, que era capaz de devorar em dois dias a indemnisação de guerra paga pela França á Prussia.

Deixámos a praça das estatuas, e fomos dar volta ao palacio real; das proximidades do paço divisa-se a Montanha do principe Pio e o quartel de artilharia de S. Gil. Alli brotam as revoltas, alli nasceu a celebre insurreição de 1866, affogada em sangue por Isabel II nos fusilamentos da Fonte Castelhana. Ainda me corre pelas veias o fremito que me agitou, quando vi nos despachos telegraphicos a noticia d'esse desafio arrojado á Europa e á civilisação por essa mulher risonha, que tão descuidosamente assignava, na sentença de morte dos fusilados de junho, a condemnação da sua propria dynastia.

Soavam-me aos ouvidos aquellas lugubres descargas. Estava uma noite de junho, clara, luminosa, cheia de aromas e de melodias. A nuvem de fumo d'aquelles tiros distantes empanava aos meus olhos o luar, que se espraiava no céo, candido e ridente. Sentei-me á mesa, e escrevi, n'uma noite de febre, um artigo onde vibravam todas as coleras do homem, que vê surgir em pleno seculo XIX a face livida das velhas tyrannias, que vê em pleno seculo XIX a liberdade calcada aos pés, o direito violado, e a mão sanguinolenta de uma mulher rasgando na sombra os foros liberaes, a cuja reivindicação deveu outr'ora a corôa e o sceptro.

As palavras, que eu então escrevia arrebatado pelo ardor da indignação, pareceram propheticas d'ahi a dois annos; quando eu bradava «as torrentes de san-

gue não cimentam os solios; são a onda vermelha, que os arranca da praia e os arroja ao mar das tempestades» dir-se-hia que me passára por diante dos olhos da imaginação, n'um sonho vingativo, a perspectiva de Cadiz insurreccionada, da Ponte de Alcoléa, e da fuga da dynastia para França.

É que os exemplos da historia surgiam diante dos olhos do escriptor, tão repetidos, tão frisantes, que seria impossivel desconhecer ou menosprezar a sua funesta lição.

No nosso seculo, quando os governos, desamparados pela opinião publica, pretendem sustentar-se, apoiando-se na violencia; quando suffocam o pensamento e a palavra, quando intentam emfim essa obra nefanda da asphyxia de uma nação, a sua perda é inevitavel e proxima.

A Montanha do Principe Pio, o baluarte das revoluções, o quartel de S. Gil, onde se travou uma lucta encarniçada entre os insurgentes e os isabelistas, levantam-se, como uma lição de historia, muda mas eloquente, diante dos habitantes do palacio de Carlos III.

O rei Amadeu não empallidece de certo, quando, chegando á janella, vir ao longe erguer-se o vulto ameaçador da Montanha do Principe Pio. É um italiano, que tem a coragem fria dos homens do Norte. É além d'isso um homem do seu tempo. Sonhou a fundação da monarchia democratica em Hespanha; imaginou ser, como Lafayette dizia de Luiz

Philippe, a melhor de todas as republicas. Queira Deus que os seus esforços sejam coroados de exito, e que a Hespanha, agrupando-se emtorno do singelo throno de Amadeu, dê por finda a era das revoluções, e caminhe, pela senda pacifica do progresso, á conquista de todas as liberdades.

No nosso seculo comtudo é difficil fundar dynastias. A monarchia constitucional é uma transigencia. O seculo XIX encontrou a monarchia fundada na tradição, no respeito dos povos, na veneração superstíciosa de algumas classes; entendeu, e entendeu bem que a liberdade póde viver com a monarchia como póde viver com a republica; da mesma fórma que póde esta ser tão despotica, tão authoritaria como aquella. Acceitou a instituição estabelecida, e vasou nos seus moldes seculares a torrente das idéas novas. Evitou assim uma revolução que não faria senão agitar infructiferamente as sociedades, sem que d'ahi resultasse um aperfeiçoamento importante nas suas condições politicas.

Quando porém uma revolução, que os erros da monarchia tornaram inevitavel, veio desfazer no pó um throno secular, quando os abalos que a monarchia constitucional evita se produziram fatalmente, é difficil erguer um novo throno sobre esse chão semeado de ruinas. Não tem os alicerces da tradição, porque esses pertencem ao solio desmoronado, não encontra nas idéas modernas, um pouco indifferentes quando não são hostís, o amparo de que pre-

cisa. O novo soberano reina sustentado pela divisão dos partidos, como os antigos reis electivos da Polonia imperavam sobre a sua tumultuosa dieta. A inviolabilidade do seu throno é uma fórmula vã, logo que a sua propria realeza é o primeiro desmentido d'essa inviolabilidade. O sceptro, como a pasta dos ministros, passou a ser o alvo de todas as ambições, e os pretendentes despeitados constituem, com os seus partidar ios, uma opposição mais violenta do que a dos proprios republicanos. É o que succede em Hespanha. O rei Amadeu tem contra si os montpensieristas, os affonsinos, os carlistas e os defensores da republica. Em vez de ser o chefe de uma nação, é o chefe d'um partido. Elevou-o ao poder a votação de uma maioria; as circumstancias podem mudar; a maioria de agora póde ser a minoria de ámanhã, e ahi temos o poder moderador em conflicto com o poder legislativo.

E comtudo o estabelecimento da fórma republicana em Hespanha seria um verdadeiro infortunio; seguindo passo a passo os erros dos seus correligionarios francezes, e ambicionando, como todas as opposições, ganhar força no paiz, acceitaram os republicanos a alliança dos internacionalistas. Se ámanhã a republica se estabelecesse em Hespanha, depois de ámanhã brotaria uma horrivel lucta; chegados ao poder, os republicanos teriam de coarctar a revolução social, que infallivelmente rebentaria, e os horrores da Communa repetir-se-hiam em Hespanha com todos os

floreados, que lhes podesse accrescentar a fecunda imaginação castelhana. A reacção viria, mil vezes mais poderosa do que em França, e, depois de longas e sanguinolentas luctas, voltaria a Hespanha um pouco atraz do ponto de partida, e teria de reconquistar a uma e uma as liberdades que grangeou com tão perseverante energia.

Por isso desejamos sinceramente que o nobre filho da Italia, o democratico moço de convicções sinceras e inabalavel intrepidez, consiga reunir emtorno de si os homens que vêem nas instituições monarchicas a salvação das liberdades patrias, e que, não tendo de luctar senão com as duas reacções, a reacção do throno e do altar e a reacção do despotismo socialista, funde em Hespanha uma dynastia sinceramente constitucional.

Em quanto faziamos estas reflexões, davamos volta ao palacio, que desenrola os seus jardins pelo declive que desce ao Manzanares, e iamos a visitar a Armeria que encontrámos fechada. Para não tornarmos ao palacio real, que não visitámos por dentro, fallaremos nas cavallariças, que pertencem ao numero d'aquellas curiosidades, com que os *ciceroni* opprimem um viajante. Nós felizmente andavamos á vontade, completamente desprendidos d'esses tyrannos da admiração official. Visitámos portanto de corrida as cavallariças, que nos pareceram vastissimas, e muito bem dispostas, vimos a sala dos arreios, e deixámos em paz os coches

que nos affirmavam que eram magnificentes. Quem viu porém os coches da nossa casa real, essas reliquias admiraveis, que ainda hoje attestam a sumptuosidade do Sr. D. João V, não tem mais que vêr no que respeita a coches de gala. Não julguem que anda n'isto tola vaidade nacional; nós pagámos tão caro as prodigalidades de D. João V; esses coches maravilhosos significam tanta miseria no reino, uma tão profunda decadencia na instrucção, um tal debilitamento das forças vivas do paiz, um atrazo tão grande na civilisação moral, que não vale a pena vangloriarmo-nos d'elles; mas a verdade é essa, a verdade é que no seculo XVIII nenhuma côrte européa vencia a nossa em luxo. O que havia mais precioso na Europa era comprado por D. João V. Fazia aos artistas estrangeiros as mais luxuosas encommendas. A Europa já o sabia e a magnificencia de D. João V era proverbial; tinha fama o luxo de que se rodeiavam os nossos embaixadores. Ha d'isso um testemunho curioso nas memorias de Frederico II da Prussia. Fallando de seu avô, Frederico I, que tivera tambem a mania do apparato, o grande amigo de Voltaire diz o seguinte: «A magnificencia de Frederico I era apenas a dissipação de um principe vaidoso e prodigo. A sua côrte era uma das mais soberbas da Europa; *as suas embaixadas eram tão magnificas como as dos Portuguezes.*»

Regosijemo-nos; as nossas embaixadas estavam consideradas na Europa como o ideal supremo da ma-

gnificencia; e entretanto o nosso povo morria de fome

Lazaro esfaimado aos pés do grão festim.

Já se vê pois que tinhamos serias rasões para deixarmos os coches, e irmos tratar de coisas mais urgentes.

Depois de pararmos á porta do Senado, edificio mesquinho, onde não entrámos, porque não havia sessões, nem as houve em quanto estivemos em Madrid, mettemo-nos por um labyrintho de ruas, e finalmente os cocheiros deram comnosco em plena *carrera de San-Geronimo*, uma das ruas mais brilhantes de Madrid. Passámos por diante do palacio do congresso, em cujo perystilo debalde procurei os dois leões de cabelleira de que falla Theophilo Gautier. Em compensação tinha defronte a estatua de Cervantes.

Ha homens de genio, que são infelizes ainda além da campa, e é um d'estes o author do *D. Quixote*. Perdeu um braço em Lepanto, esteve captivo em Argel, foi preso em Argamasilla, padeceu miserias, fomes, calumnias, viu o seu talento menospresado, a sua gloria aviltada; morreu emfim, sem ter podido deliciar-se com o incenso que a posteridade lhe veiu a queimar em torno do seu tumulo. Decorre um seculo, os seus compatriotas querem prestar-lhe uma homenagem, e encommendam para Roma uma calumnia de bronze; ha um desalmado, um Avella-

veda posthumo que lhe falsifica o vulto, da mesma fórma que aquelle figurão falsificou a segunda parte do immortal *D. Quixote*. Noto que na peninsula o excessivo amor do uniforme faz-se sentir inclusivamente nas estatuas. Se elevarmos um monumento ao visconde de Almeida Garrett, somos capazes de apresentar o poeta de *Fr. Luiz de Sousa* de chapeu armado, farda de ministro, e um correio allegorico no pedestal; José Estevão surge-nos talvez de soquete em punho, porque serviu na artilheria. Effectivamente não se póde negar que Cervantes esteve em Lepanto, e Camões em Ceuta; mas o grande serviço que elles prestaram á sua patria foi terem dado um o *D. Quixote* á Hespanha, outro os *Lusiadas* a Portugal. Ora quem vê Cervantes defronte do Congresso, e Camões ao Loreto, suppõe encontrar-se frente a frente com dois guerreiros famosos. A catana é que faz figura, e os livros apparecem timidamente. Camões, rodeado das formosas estatuas do pedestal, parece commandar uma estação de homens celebres; Cervantes parece fazer sentinella ao congresso, e eu convenço-me que elle, quando ouviu os tiros da *calle del Turco*, saltou para o meio da rua e foi acudir a Prim.

Em quanto a Camões temos uma desculpa no verso em que diz: que tem n'uma das mãos a espada, e na outra a penna, mas esse verso era um memorial, e Camões não julgou inutil juntar aos *Lusiadas* um attestado de serviços; pois eu por mim

confesso que podia Camões ter sido o sujeito mais pacifico d'este mundo, que nem por isso deixaria de votar-lhe egual admiração.

Desculpe-me o sr. Victor Bastos ter assóciado por um instante ao monumento de Cervantes o seu monumento de Camões, que lhe é incomparavelmente superior; mas este defeito de concepção é commum ás duas estatuas.

Referimo-nos ha pouco ao assassinio de Prim; foi effectivamente proximo do congresso que elle se perpetrou, e mostram se ainda na *calle del Turco* os signaes das balas. Não precisamos de contar esse drama que está na memoria de todos. Vendo-se a rua, que lhe serviu de tablado, percebe-se facilmente a estrategia dos assassinos. N'aquella rua estreita, logo que se pozesse um trem parado em cada extremidade, a carruagem que fosse a passar ficava entalada por força, e tinha de receber o fogo dos conjurados.

A memoria de Prim é hoje muito venerada em Madrid, principalmente entre os radicaes, e ouvi attribuir-se definitivamente aos republicanos a responsabilidade do attentado. Não sei o que havia de verdadeiro n'esses boatos; o processo corrêra com uma grande morosidade, e andava em tudo aquillo um extraordinario mysterio. Quem não tem contemplações, e pede constantemente, implacavel como uma castelhana de velha raça, o castigo dos culpados, é a duqueza de Prim. Forte demais a mais

com as sympathias populares, a tragica viuva pede vingança, quer prestar essa homenagem um pouco pagã aos manes ainda inultos de seu marido.

É este comtudo um dos personagens contemporaneos, ácerca do qual ainda não póde a historia formular um juizo definitivo. Foi ambicioso e energico; possuio uma bravura cavalheiresca e uma viva intelligencia; mas não se póde dizer talvez que primasse pela firmesa das convicções. Em todo o caso foi elle a alma, o prestigio d'essa revolução de setembro de 1868, fecunda em magnificos resultados para as liberdades hespanholas. O serviço não foi pequeno, e a Hespanha deve por isso ser-lhe grata. Aquelles tiros comtudo, devemos confessal-o, cortaram muito a tempo a sua existencia politica. Tendo terminado o provisorio com a chegada do rei Amadeu, chegado o ensejo de affirmar definida e positivamente as suas convicções politicas, lançado emfim no movimento regular da vida constitucional, como procederia esse homem, que está sendo hoje o idolo dos radicaes? As balas dos assassinos vieram impedir a tempo que o sopro das discussões parlamentares crestasse a popularidade do revolucionario, e juntaram ao mesmo tempo á sua corôa de libertador a auréola de martyr.

Fazendo todas estas reflexões, tinhamos chegado finalmente ao edificio da exposição, onde nos apeámos despedindo a carruagem, sem termos discussão com os cocheiros, como nos succederia infallivel-

mente em Lisboa, se tivessemos a ingenuidade de pagar pelo preço da tabella, que é tão inviolavel e tão violada como a carta constitucional. Não imaginem por isto que eu vou entoar um hymno de louvores aos cocheiros de Madrid. Nunca exigem preço mais elevado que o da sua tabella, não pedem gorgeta, não resmungam, não deixam o trote regulamentar, quando são tomados ás horas, para moerem a paciencia e o tempo do viajante; mas concentram todo o seu engenho na invenção de subtilesas, para nos apanharem o dobro do que se lhes deve. Uma corrida paga-se com uma peceta, mas, se um viajante está, supponhâmos, á porta de uma casa do lado direito da *carrera de San-Geronimo,* e commette a imprudencia de chamar um trem que vae pelo lado esquerdo, em vez de atravessar a rua, para se metter dentro d'elle, já sabe que tem de pagar duas corridas, sendo a primeira a da largura da rua, e a segunda a que o conduz ao seu destino.

Comigo seguiam um systema singular, embirravam em me não entender. Depois de estar tres dias na *calle del Arenal*, mudára a minha residencia para a *Plazuela del Angel*. Foi essa a origem dos meus tormentos. Comprei uns livros na livraria do sr. D. Agostinho Duran, disse-lhe onde morava, não hesitou em me comprehender, e mandou-me os livros. Pedia a qualquer madrileno que me ensinasse o caminho para casa; indicava-m'o logo. Os cocheiros porém tinham feito uma conspiração para

me não entenderem, e levavam-me a quantas *plazuelas* havia em Madrid, pedindo-me em seguida o numero de pecetas correspondentes ás praças visitadas. Um d'elles era o melhor actor que eu encontrei em Hespanha. Depois de me passeiar por toda a cidade, quando chegámos á ultima praça que nos faltava sem ser a *plazuela del Angel*, vendo que não era ainda ali que eu morava, apeiou-se e começou a passeiar ao lado da carruagem, com uns ares de profundo desespero que me enterneceram. Supponho que o homem estava afflictissimo por não haver mais praças em Madrid, a não ser a *plazuela del Angel*. Coitado, tomára-me affeição, e custava-lhe a separar-se de mim! Eu do fundo da carruagem contemplava-o mudo, porque já desistira de procurar modos de pronuncia. Tirou-nos d'esta situação um rapazito, que chamei em meu auxilio, e que me entendeu logo á primeira. Eu é que principiava-a receiar que o homem tambem não entendesse o pequeno. Se houvesse mais praças em Madrid, o cocheiro esquecia-se da sua lingua materna. Dei comigo finalmente na *plazuela del Angel*... por exclusão de partes.

Eu já andava desorientado e rouco... e tremia de me metter n'uma carruagem. Se a longa convivencia é que produz a intimidade, assevero que sou intimo dos cocheiros de Madrid.

III

A Exposição—Os seculos e as artes—A critica—A escola portugueza—Quadros historicos—Prisão do principe de Viana—Morte de Lucrecia—Enterramento das victimas de 2 de maio—Shakespeare e os pintores—Um retrato—As esculpturas—Phryné—Morte de um toureiro—Placidez hyperbolica de Archimedes.

Deixei os leitores á porta do edificio da exposição de bellas-artes, e vou buscal-os para que entremos juntos. A visita á exposição foi o pretexto da nossa ida a Madrid, e cumprimos, indo vêl-a, um dever puramente official. Effectivamente quem nunca viu, antes de sair da sua patria, quadros de Raphael, de Ticiano, de Rubens, de Velasques, de Murillo, etc., etc., e sabe que tem em Madrid um

dos primeiros museus do mundo, não faz grande empenho em visitar a exposição de bellas-artes, e em ver quadros modernos, quando é incontestavel que as escolas de pintura no seculo XIX estão longe de rivalisar com as suas antecessoras.

Parece que tem cada época uma arte especial, em que attinge á perfeição, porque é a que mais corresponde á indole da sociedade n'esse tempo. Assim a antiguidade grega resumia nas suas inimitaveis esculpturas aquelle culto da bellesa serena, aquella tranquillidade de espirito, aquella perfeita harmonia que era o ideal supremo, a aspiração do delicado atheniense. N'aquelles marmores immortaes, doirados pelo sol da Grecia, sente-se a correcta e suave formosura, reflecte-se a tranquillidade olympica das almas, que consideram a paixão como uma tempestade de que devem acautellar-se. A renascença tem a pintura, e nas telas cheias de vida e de movimento reflecte-se tambem a existencia aventurosa e apaixonada dos homens d'esses tempos, em que se espraiava por novos mundos, a cada instante desvelados, a actividade do corpo e do espirito, em que as navegações portentosas ampliavam o globo, as investigações dos sabios desenterravam do olvido o mundo radioso da antiguidade pagã, e a descoberta da imprensa dava azas ao pensamento, e por toda a parte lhe rasgava os horisontes. O seculo XIX tem a musica; e a vaga poesia dos sons que nos transporta os espiritos ás

regiões nebulosas dos sonhos, reflecte bem a melancolia d'este crepusculo da alma humana, que vamos atravessando, a fadiga d'esta época laboriosa, onde, embebido n'uma immensa actividade scientifica, o espirito humano despresa a ardente pesquisa do ideal.

Pouco tempo demorarei os leitores nas salas da exposição, vi-as de corrida, e não tenho os conhecimentos necessarios para fazer a critica technica, em que alguns escriptores, tão alheios como eu aos processos da arte, se comprazem, para divertimento dos artistas que os leem. A critica da arte, em quanto a mim, tem duas partes perfeitamente distinctas, uma puramente esthetica, para a qual são competentes todos os que teem no espirito a elevada concepção do bello, e ai! dos artistas, que, por mais correctos que sejam, não approximem as suas obras d'esse ideal a que todos aspiramos! A outra parte, porém, technica perfeitamente, a que investiga os processos e a que fiscalisa a execução, essa, para ser bem feita, precisa de conhecimentos especiaes, do trato quotidiano com os artistas nos seus gabinetes, do estudo dos grandes modelos. Theophilo Gautier é um excellente critico de arte, todos os critiqueiros o procuram imitar, mas esquecem que Theophilo Gautier, antes de ser um folhetinista deslumbrante, foi um pintor muito apreciavel, e na vida do *atelier* ganhou auctoridade e experiencia para dirigir, para aconselhar, para censurar os que cultivam a arte, a cujos segredos elle não é estranho.

Eu só posso fazer critica de impressões, e n'este caso então de impressões fugitivas. Notei que a nossa modesta escola não fazia má figura, e que, se passava um tanto despercebida aos olhos do visitante superficial, era apenas porque os nossos artistas não tratam os assumptos, que chamam a attenção nas exposições, a pintura historica e a pintura de genero; mas em paizagem é ainda em Madrid como em Lisboa o nosso eminente Annunciação quem melhor conhece o segredo d'esses toques suavissimos, que fazem reviver um sitio pittoresco diante dos nossos olhos embevecidos, quem sabe animar os campos com o bulicio dos rebanhos, ou immobilisar, com os olhos melancolicos fitos no horisonte, o boi que parece que vae soltar na tela o seu longo mugido. As marinhas de Tomasini agradavam a todos os visitantes, e a *Familia,* um quadrinho encantador de Lupi, figurava como um dos primeiros no seu genero, aliás muito cultivado em Hespanha. Comtudo, como naturalmente um portuguez não vem a Madrid na intenção de ver os quadros do sr. Lupi ou as bellas paizagens do sr. Christino, depois de termos satisfeito o nosso orgulho patrio, com a certesa de que os artistas nossos conterraneos não ficaram escurecidos pela visinhança dos seus collegas hespanhoes, passemos a travar um rapido conhecimento com os pintores que nos são desconhecidos.

Já em 1855 Theophilo Gautier notava que a es-

cola hespanhola, em vez de seguir as tradições de independencia dos seus gloriosos avoengos Murillo, Velasquez e Zurbaran, caía na imitação da escola franceza. *Il n'y a plus de Pyrénées*, dizia tristemente o critico francez, repetindo, com applicação á arte, o dito celebre de Luiz XIV. Não sei se a escola hespanhola conserva ainda hoje esse defeito, é certo porém que em muitos dos quadros hespanhoes notei o que chamarei, não sei se technologicamente com acerto, a falta de estylo. O catalogo desenrola-nos uma longa serie de quadros historicos; poucos episodios da rica historia de Hespanha deixaram de ser aproveitados pelos pintores d'esse paiz, mas as figuras, que apparecem n'essas composições muitas vezes notaveis, terão o cunho caracteristico dos personagens que representam? Haverá na sua physionomia, no seu gesto, a grandesa adequada ás scenas em que figuram? Parece-nos que não.

Vimos por exemplo, um quadro, que occupava o logar de honra em uma das salas, que chamava a attenção dos visitantes, e que tinha um incontestavel merecimento. Intitulava-se a *Prisão do principe de Viana.* O catalogo não dava mais explicações, e deixava por conseguinte os espectadores na mais completa incerteza. Pela simples inspecção do quadro, e sem se ter bem presente o seu assumpto historico, era difficil comprehender-se que estava ali aquelle nobre principe de Viana, preso por seu proprio pae, João II de Aragão, envenenado talvez

por ordem d'elle no seu carcere, só porque se lembrára de reclamar a corôa de Navarra, que era a sua herança maternal. Aquella physionomia do principe de Viana merecia ser tratada de um modo mais caracteristico; é um doce e pallido semblante que scintilla aos olhos do historiador n'uma época e n'um paiz, onde o crime se desencadeiava ás soltas.

Outro quadro muito inferior como execução a este, e cujo auctor ainda menos do que o da *Prisão do principe de Viana* podia tomar a responsabilidade de um assumpto historico, era o que se intitulava *A Heroina de Saragoça.* As lembranças d'esse feito de armas immortal não inspiraram a fria imaginação do artista; não illuminou o seu quadro nem um relampago d'aquelle fogo de patriotismo, que inflammou em sublime ardor todos os espiritos, todos os corações, na cidade, que soube rivalisar com o antigo heroismo de Sagunto e de Numancia.

Devo confessar que, ainda que admirasse a *Morte de Lucrecia*, que obteve a primeira medalha na distribuição dos premios, não me pareceu qae o talentoso artista houvesse comprehendido bem o alcance tragico d'esse severo episodio da primitiva Roma. A pintura historica não póde conservar-se alheia ás investigações dos modernos historiadores, e quem tratar em 1871 a *Morte de Lucrecia* não póde inspirar-se exclusivamente nas paginas academicas do velho Tito Livio.

Quadro historico, em que havia verdadeiro sentimento dramatico, era um que D. Vicente Palmaroli denominou *Enterro das victimas de 2 de maio.* Os parentes dos hespanhoes fusilados por ordem de Murat, depois da mallograda insurreição, vão enterrar na Moncloa os cadaveres dos patriotas, e exhalam a sua dôr, invocando sobre os algozes as maldições do céu. A naturesa parece acompanhar as orphãs e as viuvas na sua tragica imprecação; as arvores estorcem-se, como que desgrenhando tambem os ramos que o vento açoita. O quadro produzia um verdadeiro estremecimento. Sentia-se ali um poeta.

Um quadro, que a *Ilustracion Española* reproduziu, e que tinha incontestavel merito, era o *Othello e Desdémona*, de D. Ramon Rodriguez. N'esse quadro, bem desenhado e bem colorido, não seria um pouco arbitraria a denominação de *Othello e Desdémona?* No Beduino requebrado, que aperta a mão de uma gentil menina, debalde procuro aquelle general nobre, sereno, que encerra no fundo da alma paixões que hão de rugir furiosas, quando uma faisca as incendiar; debalde procuro o typo tão accentuado por Shakespeare, o moiro cortez, que ás coleras de Brabancio responde apenas com uma phrase leve e urbanamente ironica: «o seu captivo o segue». Debalde procuro aquelle mesmo homem, em cujos olhos scintilla uma indomavel energia, quando vem apartar a rixa entre Ro-

drigo e Cassio. E, Desdémona, que tanto prazer tomava em ouvir historias de naufragios e de batalhas, será tambem aquella ingenua bem educada, que baixa timidamente os olhos diante do olhar do Moiro? Quando se toca nos personagens de Shakespeare, é necessario prescrutar-lhes bem o intimo da alma; porque o grande tragico inglez não arrojou ao mundo phantasioso da scena um só personagem, que não tivesse um cunho muito particular, um typo perfeitamente caracterisado.

Havia por todas aquellas salas quadros notaveis, que só podemos ver de corrida, mas que bastaram para nos mostrar que a escola hespanhola trabalha, e que lhe sobejam artistas de grande talento. Arrojam-se aos grandes generos, e não lhes falta a audacia. Houve um pintor que tomou nem mais nem menos que o seguinte assumpto: *Ticiano retratando o imperador Carlos V.* Refazer o retrato do grande imperador, cara a cara com o artista veneziano, é para fazer tremer o mais intrepido. Não hesitou porém o sr. D. Eusebio Valldeperas. Corajoso como um catalão que é! Passemos rapidamente. D'aqui chama nos a attenção um quadro de D. Domingos Valdiviezo, que representa *Filippe II assistindo a um auto de fé.* A um canto da sala captiva-nos um pequeno quadro, quasi uma miniatura, um retrato apenas. Não nos lembra o nome do auctor, mas vemos ainda com os olhos da imaginação aquella physionomia cheia de vida, illumi-

nada admiravelmente por um raio de luz, que vem da janella apanhar um pouco de escorço a cabeça, que deixa quasi toda na penumbra.

Vamos á sala das esculpturas. Entre os nossos compatriotas distingue-se um moço esculptor, que enviou de Roma, onde estava, estatuas e baixos-relêvos em que se revela um verdadeiro talento. Entre as estatuas hespanholas, que mais captivam a attenção, ha uma que representa um toureiro expirando na arena. É do sr. D. Rozendo Novás. Ouvi dizer a um entendedor que o toureiro não caía n'uma posição academica; é possivel, mas caía com verdade, o corpo estorcia-se devéras nas convulsões supremas, e o rosto de marmore contrahia-se com as angustias da morte. Outra estatua, que nos deixou agradavel impressão, foi uma *Phryné* do sr. D. Francisco Barzaghi. Já não diremos o mesmo de um grupo que representa a *Morte de Archimedes*. O soldado romano esfaqueia o honrado sabio de Syracusa com uma paz de espirito que o proprio assassinado lhe invejaria, e não me parece que a tradicional resolução de um problema geometrico auctorisasse o mathematico a receber a estocada com despreoccupação tão evidente. Archimedes não mostra abstracção, mostra o socego de um homem, que não é effeminado, e que se resolve a sangrar-se, o soldado revela no rosto a serenidade de consciencia de um Esculapio de aldeia.

Já declinava o sol; a exposição ia fechar-se, e

portanto saímos. Não levavamos uma impressão nimiamente favoravel, mas tambem diremos que não estava a escola hespanhola completamente representada. Alguns dos seus pintores mais notaveis, como Gisbert e outros, tinham exposto apenas quadrinhos insignificantes. Não havia nenhum d'esses retratos maravilhosos de D. Frederico Madrazo, que fizeram furor em Paris, e comtudo vimos quadros de muito merecimento. Prouvera a Deus que os nossos pintores, instigados pela emulação, se entregassem mais á pintura historica e á pintura de genero, que se occupassem emfim da figura humana, e do reflexo com que a illuminam a chamma da paixão e a luz do pensamento.

IV

Os theatros—A Judia no theatro del Oriente—Reflexões ácerca da casaca—A musica e a diplomacia—Theatro da Zarzuela—Justos por peccadores—D. Luiz Marianno Larra—Uns excerptos da Oração da tarde—Actores e cantores—Os Bufos Arderius—O genero burlesco em Hespanha—Mephistopheles—Theatro do Circo—Los niños grandes—Catalina e Mathilde Diez—Rapidas reflexões ácerca do theatro hespanhol.

Eu assisti no theatro do Oriente, o theatro lyrico de Madrid, a uma recita lugubre. O theatro é sumptuosissimo. Entra-se de carruagem n'uma vasta galeria coberta, apeia-se a gente á porta de um salão de espera, onde as senhoras podem aguardar que se approxime o trem, arrastando pelos flacidos tapetes os veludos e sedas, e pondo negligentemente, sobre os hombros decotados, e as tranças opu-

lentas, sem receio da acre mordedura da viração nocturna, as suas aereas mantilhas. Sobem-se alguns degraus, vendo-se por todos os lados adornos luxuosos, correm-se magnificos reposteiros, e estáse emfim na platéa.

Não é menor o luxo na sala de espectaculo; as cadeiras estofadas de veludo carmezim, a pompa dos camarotes, o aspecto magestosamente opulento do theatro, tudo parece transportar-nos para um palacio encantado das *Mil e uma noites*, e convidar-nos a saborear com uma voluptuosidade oriental as melodias, que vão jorrar sobre nós dos labios dos cantores e do seio fremente da orchestra. Querem porém que lhes diga? A final a impressão é triste.

Note-se comtudo uma coisa: eu não sou d'estes viajantes que, pela rapida observação de alguns momentos, formam dictatorialmente um juizo absoluto. Havia poucos espectadores: o desempenho da opera não excitava enthusiasmo. Tudo isso devia actuar no meu espirito. É certo porém que, no meio de todas aquellas magnificencias, eu sentia uma impressão de desconforto. Parecia-me estar n'um theatro lyrico do Escurial. A sala decididamente não pecca por excesso de luz; ou a decoração, um tanto pesada, absorve e amortece os esplendores do gaz. Os espectadores, quasi todos de casaca, aborrecemse magestosamente no fundo das suas poltronas de veludo carmezim. A gravidade e a etiqueta hespa-

nhola, banidas do Prado, dos botequins, das galerias do congresso, onde se espaneja, nas differentes fórmas da sua multipla actividade, a vida expansiva e buliçosa do meio-dia, parecem ter-se refugiado na platéa do theatro lyrico.

Depois aquella maioria de casacas gela o enthusiasmo. A casaca leva a toda a parte, aonde vae, um perfume lugubre de enterro. As abas da casaca, mesmo fluctuando n'uma valsa, parecem desfiar na atmosphera um rosario de *Requiescat in pace* e de *A porta inferi*. Ter espirito de casaca é um *tour de force*, ter seducção de casaca é um prodigio, mas ter enthusiasmo de casaca é redondamente impossivel. Um poeta de casaca póde fazer um soneto de annos, ou uma epistola em alexandrinos e em louvor da vaccina, mas é-lhe indispensavel pelo menos um fraque para soltar com enthusiasmo o verso apaixonado; um orador de casaca póde fazer um elogio academico muito supportavel, mas desafio o proprio Emilio Castelar a arrojar, de casaca, á turba que o escuta anciosa, as torrentes de fogo da sua eloquencia tribunicia.

A Hespanha tem conservado sempre, através dos seculos, as suas duas faces contradictorias, a mascara risonha e a mascara lugubre, o rosto luminoso que seduz, o rosto livido que esfria, o perfil de D. João Tenorio, e o semblante de Filippe II. Hoje ainda a Hespanha de D. João Tenorio apparece-nos vivaz e seductora no elegante da Puerta

del Sol, que se envolve, com um donaire especialissimo, nas airosas pregas da sua capa á hespanhola; a Hespanha de Filippe II apparece-nos, respirando fastio, no dilettante de casaca, que ouve friamente a *Judia* na platéa do Theatro Real.

Vistam uma casaca a Filippe II, debrucem sobre um lenço branco a sua fronte macilenta, sentem-no n'uma d'essas cadeiras de veludo carmezim, e vejam se acham desharmonia entre a figura historica e os accessorios modernos; enfiem a D. João Tenorio a mesma casaca, e vejam se são capazes de o pôr a tocar guitarra debaixo das janellas de Elvira.

Pelo contrario a capa, elegantemenie sobraçada, parece que está pedindo o languido instrumento andaluz, em cujas cordas palpitam os *boleros* e as *malagueñas*, e para ouvir a serenata d'esse D. Juan immortal, que é a mocidade e a paixão, ainda hoje se debruçaria da varanda, banhada pelo luar, e moldurada pelos ramos flexuosos da madre-silva e de baunilha, o rosto levemente moreno de uma sevilhana de vinte annos.

No Theatro Real a casaca impera despoticamente; a platéa é toda uma, de cima a baixo reina o preço de 30 reales; falta-lhe aquella geral enthusiastica de S. Carlos, que paga menos e applaude mais, aquella geral que os empresarios desdenham e os artistas cortejam e temem, a geral onde se refugiam os artistas, os estudantes, os dilettanti de coração, os que vão ouvir a musica, os que fazem as ovações e as assuadas,

os que decretam o Capitolio ou a Rocha Tarpeia, os que dão aos artistas as commoções febris da anciedade e os jubilos ineffaveis da gloria, os que lhes arrancam lagrimas de desespero, e os que lhes pagam n'um momento de triumpho annos e annos de decepções.

Os cantores, que representavam a *Judia* diante das cadeiras de veludo carmezim e das casacas pretas do theatro do Oriente, soffreriam em S. Carlos uma derrota monumental. Escaparia a custo a Ortolani do naufragio, mas o tenor esse iria a pique á segunda scena, mais o seu gorro e o seu gibão: haveria tempestade, desmaios nos bastidores, todas as commoções de um Waterloo musical, mas *canario!* aposto que os actores preferiam isso á recepção glacial de um publico engravatado, e ás palmas compassadas com que eram brindados de vez em quando!

A opera estava posta em scena com extraordinario luxo; era magnifico o scenario do 1.º acto, e verdadeiramente esplendido o cortejo do legado do papa. Nada perturbava a indifferença dos espectadores, nem as magnificencias da *mise-en-scene*, nem as barbaridades musicaes do tenor. Em theatros assim, exclusivamente de bom tom, vêem-se e ouvem-se as peças, como se contradança n'um baile diplomatico. Supponho que o embaixador de Inglaterra não sente um prazer por ahi além em fazer *grand'chaine* com a embaixatriz da Russia, a contradança é o pretexto, é o ceremonial obrigado

d'essas reuniões *fashionables;* assim nos theatros como o do Oriente em Madrid, as operas parecem ser um pouco o pretexto de uma convocação da sociedade elegante; seria talvez de mau gosto não se ouvir distrahidamente uma obra prima de Halévy, e seria da ultima inconveniencia mostrar symptomas de desagrado a cantores que se escutam com meio ouvido apenas.

Mas porque motivo escolheria a moda por capitolio seu os theatros onde se falla a linguagem mais divina, que póde saír dos labios do homem? Porque não preferiu um circo de cavallinhos? uma praça de toiros? porque não tomou debaixo da sua egide a opereta de Offenbach? Porque não deixou livres para os poetas, para os scismadores, para os enthusiastas, essas salas prestigiosas, onde a melodia impera? Porque não deixou frente a frente, podendo enlaçar-se e comprehender-se nas regiões sublimes da arte, o pensamento do maestro e a paixão que acorda enthusiastica e fremente nas almas dos que lhe escutam as divinas inspirações? Porque ha de ser Donizetti obrigado a servir a *Lucia de Lammermoor*, como um sorvete de flôr de laranja, á sociedade elegante que vem entre-mostrar nos camarotes as suas casacas constelladas de commendas, os seus setins e as suas perolas, e o seu phantastico penteado? Que horrivel crime praticariam Meyerbeer ou Rossini para que um duque enfastiado, ou um banqueiro somnolento escolhesse a

Africana e o *Guilherme Tell* para victimas dos seus bocejos? Que tribunal condemnou artistas como a Malibran ao espectaculo hediondo de uma fila de gravatas brancas nos pescoços impertigados de trinta lords britannicos, e de uma alameda de suissas officiaes nas faces polidas de vinte addidos de embaixada? Que genio mau inscreveu na lista das exigencias do *grand monde, une loge á l'Opéra?*

Encor si la musique arrivait à ton âme!
Mais entre l'art et toi, l'or met son mur infâme.
L'esprit, qui comprend l'art, comprend le reste aussi.
Tu vas donc dormir là, sans te douter, qu'ainsi
Que tous ces verts trésors que dévore ta bourse,
Gluck est une forêt, et Mozart une source.

Assim fulminava Victor Hugo um d'esses desdenhosos opulentos, que enfeitam habitualmente nos theatros lyricos os camarotes de primeira ordem.

Não tivemos coragem de ouvir o terceiro acto da *Judia;* no meio das magnificencias do Theatro Real tinhamos saudades da modesta bancada de S. Carlos, onde tantas vezes escutámos, no seio de uma atmosphera tepida, luminosa, impregnada de enthusiasmo, vozes apaixonadas, e divinaes gorgeios, onde muitas vezes tambem sentimos correr pela platéa indignada o primeiro sopro da tempestade. Alem d'isto parecia-nos que abandonáramos Madrid, e que haviamos passado sem transição para uma Necropolis de veludo Saimos, e a Madrid buliçosa, inquieta, apaixonada, palreira, lá a fomos encontrar,

agitando-se e tumultuando nos seus esplendidos cafés.

Fomos n'uma outra noite ao theatro da Zarzuela. Representava-se pela primeira vez uma peça intitulada *Justos por peccadores*. Em Hespanha segue-se o systema francez de só se revelar o nome dos auctores no fim da primeira recita. Ouvimos a zarzuela, que teve um successo rasgado, e depois do 2.º acto é que, entre os bravos enthusiasticos do publico, veiu um artista dizer: «O auctor da musica é o sr. D. José Marquez (se bem me lembra) e o auctor do poema o sr. D. Luiz Mariano Larra.» O publico então chamou os auctores. Só appareceu o maestro; o poeta não estava no theatro.

Desejava ardentemente conhecel-o; percebi comtudo que elle não viesse receber os applausos, elle que tinha de certo a consciencia de que esse libretto pouco valia, e que provavelmente o escrevêra sobre o joelho, com a facilidade que parece ter, para servir de thema á deliciosa musica do maestro. D. Luiz Mariano Larra é um dos mais brilhantes dramaturgos da moderna Hespanha; maneja o verso fluente da redondilha com uma naturalidade encantadora, e a sua penna delicada tem dado ao theatro hespanhol verdadeiros primores; ha no seu talento um não sei que do mimo casto e familiar de Octavio Feuillet, desenha com tanto amor figuras tão suaves, pinta com tão doce colorido as scenas da vida intima que os seus dramas tornam-

n'o deveras sympathico ao espectador ou ao leitor. Esta zarzuela, que tinhamos visto, era em prosa, e D. Luiz Mariano Larra, como Victor Hugo, parece que está mais á vontade quando falla o idioma sonoro e musical da poesia. Com um drama em verso, *El caballero de Gracia*, acaba elle de conquistar um verdadeiro triumpho no theatro hespanhol, e os jornaes em Madrid congratulam-se por ouvirem de novo em scena as mimosas redondilhas do filho de Figaro, porque D. Luiz é filho do celebre Mariano Larra, do chistoso folhetinista, que tanto honrou o pseudonymo, que fôra buscar á comedia celebre de Beaumarchais. Em verso tambem é o lindo drama *Los lazos de la familia*, que o publico do Gymnasio em Lisboa, applaudiu em prosa, e que ainda mais applaudiria em redondilha; em verso é a sua obra prima *La Oracion de la tarde*, uma verdadeira perola, uma violeta immortal que ha de rescender sempre, modesta mas perfumada, na corôa de flores com que, desde Lope de Vega, tantos poetas teem engrinaldado o theatro hespanhol.

E, para que os leitores, que talvez conheçam pouco D. Luiz Mariano Larra, possam ver se são ou não fundados os nossos louvores, arrancaremos uma pagina d'uma traducção que estamos fazendo do lindo drama hespanhol, e aqui lh'a damos. São tão irmãs as duas linguas, que pouco perdem com a humilde interpretação de um obscuro poeta os magnificos versos de Larra.

E uma scena entre duas ingenuas, uma d'ellas, Margarida, criança de treze annos, viva, azougada, angelica, a outra Maria, melancolica e pallida como pobre orphã que é, recolhida por caridade em casa do pae da sua amiga, tendo um secreto amor, e sentindo no fundo da alma a amargura da sua situação.

SCENA IV

MARGARIDA

Maria, não passa de hoje,
que a mim ninguem me resiste;
cada dia estás mais triste,
a côr do teu rosto foge!
Dize: quem póde murchar
a flor da tua alegria?
Perguntei-t'o no outro dia,
hoje tens de m'o contar.

MARIA

Menina, desejas lêr
no meu luctuoso porvir?
Nem eu te quero affligir,
nem me podes entender

MARGARIDA

Tenho treze annos!

MARIA

A dôr
só se comprehende, soffrendo!

MARGARIDA

Se de prompto não entendo,
depois m'o explicas melhor.

MARIA

É filha a melancholia
do genio que Deus nos dá!

MARGARIDA *(sorrindo)*
Filha que tanto agonia!...
olhem que filha tão má!

MARIA
Margarida, eu não padeço,

MARGARIDA
Podes calar o que sintas,
Maria; mas que me mintas
francamente não mereço.
O que eu vi não me esqueceu...
e votei-me a Belzebuth...
Sou mais menina que tu,
tu és mais candida que eu.

MARIA *(sorrindo)*
Tão cedo maliciosa!

MARGARIDA
Pois não te dás por vencida?
Vou descrever-te a tua vida,
e vê se eu sou mentirosa.
De manhã, mal 'stás álerta,
logo a furto eu olho e miro;
primeiro... é sempre um suspiro
que no teu labio desperta.
Vaes-te vestindo entretanto,
que a missa nunca te esquece;
não começa em riso a prece,
porém sempre acaba em pranto.
Voltas com os olhos pisados,
e que os contemplo tu ignoras...
Quanto mais passam as horas,
mais vejo os olhos magoados!
Vaes ao jardim; entre as plantas
teus cuidados espaireces;
se te chamam, estremeces,
e se te encaram te espantas.
Buscas sempre, quando sais,

o monte ou a triste floresta,
ficas em casa, se ha festa,
se ha baile tu nunca vaes.
Desce a noite; eis te collocas
junto da luz a bordar,
sem teus olhos levantar
do tenue fio em que tocas.
E... de esfriar com o trabalho,
sobre uma flor já bordada,
uma lagrima gelada
cáe a servir-lhe de orvalho...
(Maria faz um movimento)
Vi eu!... Por enganador
o meu olhar nunca pecca.
A lagrima estava secca,
'stava maculada a flor.
Sôam Trindades, além
no sino da ermida santa,
logo meu pae se levanta
e resa por minha mãe.
Dá-nos, depois da oração,
a benção do fim do dia,
tu choras sempre, Maria,
quando lhe beijas a mão.
....

Esta narrativa da criança é verdadeiramente primorosa, e todo o papel de Margarida tem um encanto, um mimo extraordinario. Tem sido representada esta peça em todos os theatros de Hespanha; não ha companhia ambulante que a não leve no seu repertorio, e, seja qual fôr o merecimento dos actores, que interpretem os diversos typos, sempre as platéas cobrem de applausos aquelle quadro da vida intimo, aquelle drama singelissimo, que uma criança desenlaça, aquellas paixões violentas, que refreia

a voz cheia de lagrimas de um anjo casto e meigo, e a melancholica melodia do sino que bate ao longe Trindades no campanario da ermida.

Era do poeta da *Oração da Tarde* a letra da zarzuela *Justos por Peccadores*; sinceramente não valia muito; algumas situações de effeito, e no resto uma certa banalidade, um gracioso, talhado pelo modelo dos *clowns* do velho theatro inglez, um pae barbaças sensivel e baixo-profundo, uma ingenua que é amada por toda a gente, uma protectora culpada, um fidalgo disfarçado para se fazer amar pela ingenua, emfim todas as molas da opera-comica, empregadas milhões de vezes, e nunca enferrujadas.

Encontrava a musica do maestro magnificos interpretes; Dalmau, que apreciámos em Lisboa, é incontestavelmente um magnifico tenor de opera-comica, tem a senhora Isturiz uma voz deliciosa, e eu declaro que preferia ouvil-a a ouvir cantar no theatro lyrico a Ortolani. Os córos são optimos, e não concorreram pouco para o exito da zarzuela. Não diremos o mesmo de todos elles como actores; a arte de representar em Hespanha está muito longe da perfeição. O gosto publico satisfaz-se porém com as palhaçadas dos artistas; e não me espantava pouco ver a sinceridade, a ingenuidade com que os espectadores se riam a bandeiras despregadas com as caretas do actor comico da peça. Eu suppunha estar n'um theatro de feira, assistindo ás grutescas macaquices de Polichinello. Era a voz sacudida e sem

inflexões do homem que agita os cordeis por traz da cortina; eram os movimentos burlescamente impertigados dos titeres; era a mesma ingenuidade e a mesma ignorancia. Todos os outros declamavam a phrase n'aquelle tom cadenciado, que fez as delicias dos espectadores do theatro do Salitre. Eu por mim confesso que exultava, quando a batuta do chefe de orchestra dava signal de que ia começar a musica.

Julgam que me vi livre em Hespanha do genero offenbachiano? Lá o fui encontrar, o maldito, em toda a sua hediondez. Era nos *Buffos Arderius*, um theatro primitivo, uma especie de theatro da Rua dos Condes complicado com o circo de Price. Foi alli que o mau destino me conduziu uma noite para ouvir o *Petit Faust*, disfarçado com o nome de *Mephistopheles*, e sem musica de Hervé. Como não são os maestros que faltam em Hespanha, muita vez os nossos visinhos tomam os librettos francezes para lhes adaptarem musica nacional.

O *Petit Faust*, vestido com uma pobreza franciscana, representado com uma semsaboria digna de especial menção, e com musica pouco appropriada ao genero, mostrava, sem rebuço, quanto é tedioso e indigno da arte esse genero espurio que nasceu na lama da Paris do segundo imperio. O *Fausto*, representado assim, era perfeitamente o ilota embriagado que servia aos Espartanos para lhes inspirar o horror da bebedeira. Exhalava um cheiro fetido

de vinho e de crapula, era perfeitamente a palhaçada ignobil e devassa; o genero offenbachiano, desornado alli de todas as lentejoulas que o fazem reluzir, apparecia com o olhar turvo, com a voz balbuciante, e com os seus esgares de lupanar. Causava nauseas; apresentava-se, como na realidade é, como o supremo aviltamento da intelligencia humana e da moralidade social.

Saímos á pressa dos Buffos Arderius, como se sáe d'um *mauvais lieu,* onde se entrou por engano, e n'uma outra noite, mais felizes, fomos ter ao theatro del Circo, onde nos tinham dito que estava então a melhor companhia hespanhola. Effectivamente vimos actores afinal, vimos que se sabia representar em Madrid.

Os dois artistas dominantes da companhia eram Catalina e Matilde Diez. Representava-se uma comedia graciosissima intitulada *Los niños grandes,* que talvez já tenha sido representada em Lisboa, quando este volume vir a luz publica. Não sei como a acolherão as nossas platéas; em Madrid obtinha um successo rasgado, e merecia-o. A idéa da peça é altamente comica, e os actores do theatro do Circo representavam bem.

Catalina é um actor distinctissimo; sente-se nas suas maneiras, no seu modo de estar em scena, um homem de fina educação e de perfeita elegancia. Vê-se que é instruido, pela attenção que presta ao dizer; que conhece bem a sua arte, porque nunca

se affasta do caracter do seu papel, imprime ao typo que representa uma individualidade sua, e desenha-a primorosamente. O nosso José Carlos dos Santos tem, além de tudo isto, uma veia comica, franca e rasgada, que promove o riso da platéa mais ignorante. Catalina só é bem apreciado por um grupo escolhido. Na figura, no modo de se apresentar, em alguns gestos predilectos, lembra um pouco Furtado Coelho; mas dá mais colorido á phrase e mais expressão ao rosto. Não o vi no drama; e o papel do protogonista dos *Niños grandes* não tinha uma physionomia tão accentuada, que podesse ser, para assim dizermos, o papel de exame de um artista. Catalina é considerado, segundo me disseram, como o primeiro actor de Hespanha, e seria um bom artista no theatro de qualquer nação.

Mathilde Diez é um phenomeno artistico. Idosa, gorda, representa ainda intrepidamente os papeis mais juvenís, de que os auctores a queiram encarregar. Tem sido amada por umas poucas de gerações de galans, e continua a modular a linguagem enamorada com os seus labios de sessenta annos. Dizem-me que no drama segue ainda a escóla da sua mocidade, e que declama em cadencia, como se fazia nos bons tempos da *Torre de Nesle*. Na comedia confesso que me não desagradou; o papel era insignificante, mas a distincta actriz não o deixava esconder-se na sombra. A sua physionomia tinha mobilidade, e tomava expressões verdadeira-

mente comicas. Por mais de uma vez me lembrou a nossa grande actriz Delphina.

Parece que em geral os actores hespanhoes peccam pelas tendencias declamatorias. Arrasta-os a isso de certo o gosto publico, e a indole do seu theatro. O velho reportorio hespanhol é incontestavelmente um dos mais ricos da Europa A critica moderna rehabilitou-o e apreciou condignamente o genio immenso de Calderon. Schlegel mostrou um vivo enthusiasmo por esse grande escriptor, e o nome de Calderon foi inscripto por muitos ao lado do nome de Shakespeare nos fastos theatraes da Europa. Confesso que, apesar de ter uma admiração profunda pelo talento do poeta hespanhol, vejo ainda um abysmo entre elle e Shakespeare.

O theatro é, foi e ha de ser sempre o espelho da vida humana. No mundo phantasioso da scena queremos nós encontrar as paixões que nos agitam, os sentimentos que nos animam, os pensamentos que nos tumultuam no cerebro. Só nos commove, só nos impressiona, só nos arrasta quem penetra no mais recondito da nossa alma, quem estuda as paixões e os caracteres, e depois os reproduz de modo tal que nós vejâmos nos personagens, que se movem na scena, não titeres que obedecem ao impulso do auctor escondido, mas entes verdadeiros que teem physionomias proprias, e typo caracteristico. O estudo da alma humana é o grande fim do theatro; a descripção verdadeira, apaixonada, vehe-

mente das tempestades que a agitam o triumpho supremo do poeta.

N'isso não tem rival Shakespeare. Não ha um só personagem das suas trinta e tantas peças que não possúa uma physionomia tão cheia de vida, que ficou povoando para sempre a imaginação da humanidade, não ha paixão que não encontrasse no verso do poeta inglez a sua mais vigorosa e mais completa expressão. Seja qual for a platéa que assista a uma récita do *Othello*, do *Hamlet* ou do *Romeu e Julieta*, ha de sentir correr-lhe pelas veias um fremito de enthusiasmo ou de terror, porque n'esses dialogos ficou impressa a linguagem definitiva das grandes paixões. Tem a bellesa eterna, porque tem a eterna verdade. Shakespeare ha de ser sempre o dominador dos animos, porque desceu ao fundo da alma humana, veio deslumbrado, pallido, mas trazendo o conhecimento dos seus immortaes segredos. Como Prometheu, o grande audacioso, roubou á Providencia o fogo da vida, como elle animará as figuras que a sua mão de artista fabricar, e tanto Julieta e Desdémona como Hamlet ou Macbeth deixarão de ser estatuas que admiremos friamente, para serem creaturas que vivem a nossa vida, que sentem as nossas paixões, cujos sentimentos se repercutem no nosso peito, que nos inflammam com os relampagos do seu olhar, illuminado pela colera, pelo amor, ou pelo ciume.

Calderon é sem duvida um grande poeta. A sua

linguagem é apaixonada e lyrica, cheia de dôr e vehemencia. Enreda maravilhosamente as peças, o verso sáe-lhe sempre espontaneo e magnifico tem os grandes lances dramaticos, a frase torrentuosa e altisona, é eloquente emfim; mas o estudo dos caracteres pouco o preoccupa, a verdade humana ou lhe é indifferente, ou a desdenha talvez. Os heroes de Calderon collocariam com jubilo no rosto a mascara de bronze dos actores gregos: os de Shakespeare repelliam-n'a de certo, porque precisam das inflexões naturaes da voz humana para os rugidos de Macbeth, e para os arrulhos de Romeu, porque na sua gamma dramatica só querem as notas da escala das paixões que nos agitam na vida. Os heroes de Calderon declamam, os de Shakespeare fallam; os de Calderon tem só um guia supremo — a honra castelhana, só um agente dramatico — o amor; os heroes de Shakespeare oscillam ao sopro de todas as paixões, de todos os affectos, de todos os instinctos da humanidade; teem vicios e virtudes, são complexos, apparentemente contradictorios como os homens na vida real, porque não ha caracteres inteiriços, porque ha uma perola no fundo dos mais torvos espiritos, porque ha uma sombra nas mais lucidas almas, e esses toques fugitivos, a fraquesa de Julieta, o remorso de Macbeth, a culpada cegueira paternal do rei Lear, a colera brutal de Othello, é que accentuam as physionomias, e lhes dão, como os assombreados nos desenhos, o relevo e a verdade.

Calderon pelo contrario tem um modelo eterno, que sempre copía em todas as suas peças; é, nos homens, o fino amante, leal, valoroso, cheio de brios, de pundonor, e de extremos; é, nas mulheres, a donzella apaixonada e casta, que ama com requintes de delicadesa, que préza em elevado gráu a fama, a gloria, a honra do seu amador. Os typos de Calderon são portanto os bellos ideaes do cavalheiro castelhano e da dama hespanhola, que dizem uns aos outros formosissimas coisas em admiraveis versos de primorosos dialogos, mas que exprimem afinal as paixões dos livros e não as paixões da vida real. Calderon toma os seus heroes não na sociedade que o rodeia, mas no mundo imaginoso das lendas e dos romances. O D. Carlos de *Ni siempre lo peor es cierto*, o D. Pedro de Torrellas de *El postrer duelo en España* são um verdadeiro composto do Cid e do Amadis.

Onde se podem comparar melhor dois grandes genios é n'um mesmo assumpto tratado por ambos. Ora Calderon e Shakespeare dramatisaram a tradição romana de Coriolano, o primeiro na peça que se intitula *Las Armas de la Hermosura*, o segundo n'uma tragedia que tem o titulo do heroe — *Coriolano*. N'esta ultima peça o profundo estudo, que Shakespeare fazia sempre da alma humana, dálhe uma pasmosa intuição historica; seculos antes de Niebuhr, de Michelet, de Macaulay e de Mommsen,

Shakespeare, não podendo estudar a historia da cidade eterna senão nos livros academicos dos escriptores da edade d'oiro, adivinha comtudo a indole verdadeira da sociedade da primitiva Roma, recompõe maravilhosamente a lucta entre patricios e plebeus, que é a chave da sua historia, e, conhecedor dos segredos do coração do homem, pelos actos de Coriolano adivinha as suas causas, cria um caracter logico, uma alma conforme com as leis que regem as tempestades e as variações do mundo moral, desenha portanto uma physionomia cheia de verdade, e é assim que Shakespeare, que não era um erudito, que não investigava pacientemente as fontes historicas, que se contentava com um volume de Plutarcho talvez na traducção de Amyot, com duas paginas de Tito Livio, precedeu no estudo sensato e profundo da historia romana os grandes criticos do seculo XIX.

Coriolano é o aristocrata orgulhosissimo, todo imbuido nos preconceitos da sua raça, cheio do mais completo despreso pelas classes populares; mas estas já participam do poder, já tem alguma influencia na eleição dos magistrados, e todos os candidatos aos cargos da republica precisam de sollicitar no *forum* os votos do povo, mostrando as feridas que receberam pela patria; é ambicioso Coriolano, mas tem ainda mais orgulho que ambição. A muito custo o seu amigo Menenio Agrippa, o homem do apologo, o convence de que o não deshonra seguir

as praticas dos seus antecessores. Elle responde sempre cheio de furia:

It is a part
That I shall blush in acting, and might well
Be taken from the people.

Resigna-se emfim e vae sollicitar os votos; mas, como elle esquece o papel que representa! como a sua altivez indomavel se atraiçôa a cada momento pelas suas supplicas ironicas!

CORIOLANUS
You know the cause, Sir, of my standing here

1.º CIDADÃO
We do, sir; tell us what hath brought you to't.

CORIOLANUS
My own desert.

1.º CIDADÃO
Your own desert?

CORIOLANUS
Ay, not
Mine own desire.

1.º CIDADÃO
How! not your own desire?

CORIOLANUS
No, Sir:
T'was never my desire yet
To trouble the poor with begging.

O povo espanta-se primeiro d'este modo original de supplicar, depois começa a perceber a ironia desdenhosa do seu novo consul, irrita-se, brame d'ahi a pouco revolto; para o apaziguar aconselha Menenio Agrippa os meios brandos, e as concessões, Corio-

lano os meios violentos. Estabelece-se a nova magistratura dos tribunos do povo, e Coriolano vencido, proscripto pela democracia romana, parte furioso, vae offerecer aos Volscos a sua espada victoriosa, e emprega contra a sua patria o seu valor, a sua energia, os seus talentos militares.

Esta figura do Coriolano de Shakespeare é por tal fórma radiante de verdade que em todas as épocas historicas se reproduz; a explicação, dada pelo tragico inglez á traição de Coriolano, é a que explica o procedimento impio dos partidarios dos Stuarts invocando contra a sua patria as armas francezas, é a que explica o ardor com que os emigrados do principe de Condé combatiam contra a França republicana nas fileiras dos austriacos. As orgulhosas aristocracias calcam aos pés, sem remorsos, o sentimento patriotico; é só a aristocracia? Não; o espirito de classe em geral é dissolvente para uma nação. A classe aristocratica associa-se, com plena tranquillidade de consciencia, aos seus irmãos do estrangeiro contra os plebeus seus compatriotas; a classe sacerdotal não hesita em sacrificar os interesses e a independencia da sua nação ás exigencias de Roma; a classe operaria fórma a sua Internacional, que préga a extincção do patriotismo.

Shakespeare, com a admiravel intuição que illuminava para elle os recantos mais obscuros do mundo moral, adivinhou tudo isto, e desenhou a altiva figura de Coriolano. Coisa notavel! Na revolução

franceza vamos encontrar um homem que tem as feições do vulto de Shakespeare: Dumouriez. Não é fidalgo o general republicano, mas tem todos os instinctos da aristocracia, como Danton. Como o tribuno violento dos dias de setembro, despresa profundamente os homens que agitam a canalha, e dirigem os destinos da França. Com muito custo se resigna a acceitar das mãos d'elles a sua espada de general, como Coriolano não póde affazer-se á idéa de mendigar, para ser consul, os votos do populacho; Dumouriez, o homem da fina roupa branca, o alegre conviva das ceias luxuosas, faz um gesto de repugnancia, quando a mão sordida de Marat aperta as suas mãos lavadas. Shakespeare tambem põe na bocca de Coriolano as seguintes palavras, quando Menenio Agrippa lhe aconselha que se dirija ao povo:

Bid them wash their faces,
And keep their teeth clean.

«Que lavem primeiro a cara e que limpem os dentes.»

Como Shakespeare reproduziu com pasmosa verdade os sentimentos que vivem no fundo da alma d'estes aristocraticos servidores da democracia, os seus actos resultam como consequencias logicas e inevitaveis. O que Coriolano faz é o que Dumouriez executa. Coriolano passa para os Volscos, Dumouriez para os Austriacos. Coriolano despresa e odeia

a democracia romana; Dumouriez despresa e odeia a democracia franceza. Por isso este atraiçôa a França, como Coriolano atraiçôa Roma.

O Coriolano de Shakespeare é pois um vulto cheio de realidade, que tem um caracter logico e estudado com assombrosa perfeição. Vejâmos agora o Coriolano de Calderon.

O titulo da peça, em que o poeta hespanhol trata o assumpto, já denuncia o caminho que elle ha de seguir. Intitula-se *Las Armas de la Hermosura*. Quem poderia imaginar que se introduzissem madrigaes n'aquellas épocas varonis da primitiva Roma? Pois foi o que fez Calderon. O motivo a que elle attribue a acção de Coriolano é d'uma frivolidade pasmosa. O senado promulgou uma lei prohibindo os adornos mulheris; Veturia, noiva de Coriolano, queixa-se ao invicto general, quando este regressa a Roma, e Coriolano, com a galanteria de um Amadis, trata immediatamente de fazer revogar a lei; o senado oppõe-se, Coriolano, á testa dos seus soldados, quer empregar a força, e succede então o que Veturia conta no seguinte trecho, que a um tempo mostra os predicados, e os defeitos de Calderon, as suas qualidades de poeta, o seu estylo dramatico de narrador, e ao mesmo tempo a sua indifferença pelo estudo da alma humana, e pelo desenho dos caracteres:

Resuelto, pues, Coriolano
en volver por nuestra fama,

toda la milicia suya
tomó la voz, empeñada
en que igual ley el Senado
habia de revocarla:
el, empeñado tambien
en que, una vez promulgada,
habia de mantener
inviolable su observancia,
dando nombre de traidor
motin à la repugnancia,
echó bando de que, pena
de serlo, ninguno osára
á seguir a Coriolano,
dejando desamparada
de favor á la justicia,
con que la nota de infamia,
arrastrando tras si al pueblo,
puso á toda Roma en arma.

Coriolano, nas mãos de Calderon, passa a ser mais uma incarnação do ideal do seu theatro, o cavalleiro hespanhol, fiel escravo da sua dama, brioso e cheio de pundonor, ideal que sobreviveu ao *D. Quixote*, que ha de ser o eterno typo dos authores dramaticos da Hespanha. Veja-se effectivamente que differença profunda entre Calderon e Shakespeare. Tomam ambos o mesmo facto, e, remontando ás origens, Shakespeare encontra-lhe com tal intuição as causas logicas que, reproduzindo-se ellas em circumstancias identicas, o mesmo facto se reproduz tambem; Calderon não vê no facto senão o pretexto para fazer umas variações dramaticas sobre o seu eterno thema da honra e do amor. Por isso a linguagem de Shakespeare é rude ás vezes, mas sem-

pre verdadeira, a de Calderon é florida mas declamatoria.

Despresando o estudo da verdade, o theatro hespanhol perpetuou na sua scena a declamação. Por isso tambem o verso ainda hoje campeia quasi sem rival nas peças da nação visinha. Tem a Hespanha notabilissimos dramaturgos; em todos ou em quasi todos parece actuar a influencia lyrica de Calderon. Lendo-se as *Obras escolhidas* de D. Antonio Garcia Gutierrez, o poeta laureado da Hespanha moderna, encontram-se peças admiraveis pelo primor do verso, pelo interesse do enredo e pelo effeito dramatico das situações; não nos fica porém impresso na imaginação um só dos typos d'esses formosos dramas, não se desvela n'esses dialogos, essencialmente lyricos, um só dos pequeninos segredos do coração humano. O typo predominante, o ideal do seu theatro, é ainda o cavalleiro castelhano de Calderon, o pundonor hespanhol continúa a ser quasi o unico agente de todos os enredos. Veja-se uma das melhores peças, a *Venganza Catalana*. Como é bella, mas como é declamatoria tambem! Roger de Flor é ainda o cavalleiro enamorado e brioso da tradição hespanhola, todo protestos amorosos, e todo orgulho nacional. Embora elle seja simplesmente um aventureiro feliz e denodado, o proprio Cid não podia ser pintado com mais vivas côres. Oiçâmos Maria, a esposa grega, descrevendo seu marido, o valente catalão:

Esta Grecia, que la copa
De su ignominia hoy apura,
Salvada por la bravura
Del mejor pueblo de Europa,
Al implorar su favor,
Con temerosa impaciencia,
No ha comprado su existencia,
Sino á precio de su honor.
Asi, al aceptar los lazos,
Que al noble Roger me unieron,
Con doble afecto se abrieron
Á recibirle mis brazos.
Pues mi altivo corazon,
Que su dicha comprendia,
Á un mismo tiempo sentia
Cariño y admiracion.
Y, como no darle amante
El mejor de mis deseos,
Á el, que entre tantos pigmeos
Se me apareció gigante?

Póde attribuir-se esta linguagem á exaltação da noiva cantando os louvores do homem a quem ama; mas o proprio Roger de Flor não falla de outro modo:

Veinte años de fatigas,
En que abatió mi brazo venturoso
Por haces las banderas enemigas,
Responden del soldado,
Que nunca vió su nombre generoso
Con dudas ultrajado.

E não é só elle, é Berenguer, é Perich de Naclara, todos fallam esta linguagem sonora e magnifica, declamatoria, trovejante. O verso é indispensavel ao drama hespanhol; estes sentimentos pomposos precisam de ser expressos n'essa musica magestosa.

O drama em que Garcia Gutierrez mais sacrifica o estudo da alma humana, o estudo das paixões e dos sentimentos d'um povo, é aquelle a que poz um titulo de Calderon—*Afectos de odio y amor.*

A scena passa-se em Portugal em 1580.

D. Diogo de Tavora é um portuguez que vive em Evora com uma filha e uma pupilla, Ignez e Theodora. Cada uma d'ellas está occultamente apaixonada por um capitão hespanhol dos terços do duque d'Alba. Entra o seu terço em Evora, e ambas reconhecem que o seu namorado é o mesmo. D'aqui resultam ciumes entre as duas, e na patria nenhuma d'ellas pensa, nem sequer ao menos para sentir no fundo do coração um ligeirissimo remorso. Pelo contrario Theodora chama insolente ao povo portuguez, que accusa de atrocidades os castelhanos, e ambas desejam que o prior do Crato se affunde por uma vez no Doiro, e que essa guerra acabe com a victoria de Philippe II! Acompanha-as n'esse desejo a sua criada Beatriz, que tambem traz amores com o camarada do capitão, em conformidade com os velhos *imbroglios*, a que o theatro hespanhol é mais fiel do que seria para desejar.

O capitão, D. Juan de Silva, é o typo eterno do valoroso galan, que, como o juiz de Shakespeare *full of wise saws*, anda sempre cheio de protestos; *mi honor*, *mi corazon*, e *voto a brios* são os elementos da linguagem d'estes Cides *jeunes premiers*. Tres homens conspiram contra o capitão, e pretendem

aprisionar em Evora o seu terço; um d'elles é D. Diogo, portuguez, tutor de Theodora, homem perverso que deitou fogo á casa da mãe da sua pupilla, para lhe poder ficar com os bens muito a seu salvo, attribuindo esse crime ás tropas hespanholas, Pereira, um vulto secundario, um verdadeiro poltrão, e Aremberg, um official tudesco ao serviço de Philippe II, que se apaixonou por Theodora, e que, para obter a sua mão, conspira com D. Diogo. O mais notavel é que Theodora, que estranha a D. Diogo o ser fiel á causa da sua patria, manifesta um profundo despreso por Aremberg, que atraiçoa o rei a cujo serviço está! Diz-lhe D. Diogo, referindo-se a Aremberg:

Con nosotros lo verás
Defender nuestro pendon.

THEODORA

Esa será una razon
Para despreciarle más.

D. DIOGO

Que dices?

THEODORA

Quien vende asi
La fé qué debe á su rey,
Quien mancha su honor, que ley
Me puede guardar á mi?

Ora esta gentil portugueza, a quem tanto repugnam as traições, estranha muitissimo que D. Diogo, portuguez e partidario do prior do Crato, conspire contra os soldados de Philippe II!

Theodora é aquella a quem o capitão hespanhol verdadeiramente ama; galanteou porém Ignez, e Theodora ciosa vae-lhe revistar a maleta, quando elle sae, para ver se descobre provas da sua perfidia. Encontra o seu proprio retrato, mas tambem encontra uma cruz que pertenceu a sua mãe, e D. Diogo, que entra n'esse momento, sabe habilmente persuadil-a, de que isso prova que foi D. Juan quem saqueou e incendiou a casa, onde sua mãe morreu. Theodora, cheia de colera, jura vingança, e promette a D. Diogo demorar o capitão, até que o povo se alvorote e o prenda; mas, no dialogo com o seu enamorado, sabe que, longe de ter incendiado a casa, foi elle que salvou a pobre velha, que vive ainda, como se prova pelas cartas que escreve ao seu salvador. Theodora afflige-se, mas o mal está feito, e o povo não tarda.

Passemos com rapidez. No terceiro acto descobre-se a infamia de D. Diogo, ao mesmo tempo aproximam-se de Evora outros terços hespanhoes, os portuguezes aterrados fogem deixando as praças e as ruas juncadas de mosquetes. O capitão, a quem as suas duas namoradas forneceram de pistolas, foge passando por cima dos seus guardas, como se deduz d'este dialogo entre D. Diogo e Pereira.

D. DIOGO

Y tu imbécil....

PEREIRA

Yo no puedo

Remediar....

D. DIOGO

Dime, porqué
Le dejaste?

PEREIRA

Yo no sé:
Me parece que fué miedo.

A generosa Theodora pede a D. Juan que deixe ir D. Diogo livre, e, depois de terem combinado que D. João peça a sua amada em casamento a sua mãe, Beatriz, a criada, diz maliciosamente para a sua ama

Dia de albricias es hoy!
Me habré engañado?

THEODORA

No, soy
Completamente feliz.

No coração d'aquella compatriota de Philippa de Vilhena não ha nem uma lagrima para a patria aviltada e calcada aos pés!

Podem os leitores acreditar que na critica que faço a esta peça não me impelle de modo algum um estulto amor-proprio nacional; os *Affectos de odio e amor* servem me apenas para demonstrar como os vultos mais eminentes do theatro hespanhol despresam o estudo da alma humana e o desenho dos caracteres. Pois n'uma nação, onde demais a mais tantos cidadãos deram ao mundo o vergonhoso exemplo da venalidade e da fraqueza, onde o oiro castelhano corrompeu tantos caracteres, tantos espiri-

tos maculou, é entre os poucos, que não transigem com a invasão estrangeira, é entre os poucos que são fieis á sua patria, entre os poucos que abraçam generosamente a causa do principe proscripto, do fugitivo prior do Crato. porque demais a mais a acção dos *Afectos de odio y amor* passa-se já depois da batalha de Alcantara, é por conseguinte entre os poucos leaes, que combatem sem esperança, não já pela independencia que essa está perdida sem remissão, não já pelo rei nacional que anda fugido e disfarçado, mas pela honra da patria, pelo esplendor immaculado da bandeira, pela fidelidade ao infortunio, é entre esses poucos, heróes e martyres, diante dos quaes se descobriria com respeito Francisco I de França, é entre esse grupo escolhido de almas de tempera robusta, de nobres e levantados espiritos que o sr. Garcia Gutierrez vae recrutar os typos perversos do seu drama, é em mãos, ridiculamente covardes como as de Pereira, manchadas pelas maiores infamias como as de D. Diogo, que o distincto dramaturgo hespanhol vae collocar, desfraldando-a intrepidamente ao vento, a bandeira vencida de D. Antonio! Repetimos que não falla o nosso amor proprio nacional, falla o nosso senso critico. Que demonio! Não costumam ser os covardes os que não capitulam, e parece-nos que um auctor francez nos faria rir muito, se se lembrasse, n'um drama, de guarnecer a brecha de Saragoça com um batalhão de poltrões!

E Theodora, Ignez, e Beatriz! Ha por ventura verdade n'aquelles typos, principalmente no de Theodora? Pois uma mulher, de tão nobre caracter, a quem tanto repugna a traição, póde lá vêr com tão completa indifferença as desgraças da sua patria! Não exigimos que todas as mulheres sejam heroinas, mas n'uma época de desgraça nacional (vimol-o agora em França) as mulheres de caracter digno e elevado não despresam tão profundamente, como Theodora, o sentimento patriotico, e sobretudo não manifestam com tanta impudencia a sua indifferença pela sorte do seu paiz, e a sua paixão pelos vencedores. Que a paixão vencesse, percebe-se, mas sem lucta, sem remorso...!

Não censuramos o sr. Garcia Gutierrez pelo altivo escarneo com que trata a frouxa resistencia do povo portuguez a Philippe II; o nosso orgulho nacional não se revolta, ou pelo menos não se queixa. Em questões de arte não fazemos intervir um patriotismo deslocado; mas o que nos impressiona, revelando-nos mais uma vez o defeito caracteristico do theatro hespanhol, é a negligencia no estudo das paixões, na investigação psychologica; é esse *castelhanismo* declamatorio, que substitue a linguagem da verdade e do sentimento pelo pomposo e muitas vezes admiravel lyrismo das apotheoses da honra hespanhola, e da grandesa de Castella. *Amor, honor y poder* é o titulo de uma peça de Calderon, póde tambem ser o eterno mote glosado pelo theatro hespanhol.

Artistas educados n'esta escóla aprendem a declamar, não a estudar nos typos differentes da galeria humana as diversas expressões do pensamento e da paixão. O actor, que estudar o typo do cavalleiro castelhano, que vae sustentar um passo pela sua dama, que morre pelo seu rei, e que exalta, quando o caso vem a proposito, a grandesa da sua patria, está apto, com ligeiras variantes, para representar quasi todos os papeis do reportorio da nação visinha. Diga o verso de modo que cante no ouvido, falle com enthusiasmo e calor, satisfez ao ideal de quasi todos os auctores hespanhoes, satisfez plenamente o publico.

Será este desdem pela creação dos typos, que, emquanto a mim, constitue o principal merecimento da litteratura dramatica, será este desdem que leva alguns escriptores da nação visinha a serem tão pouco escrupulosos nos emprestimos que levantam na litteratura franceza. Representára-se em Madrid uma comedia do sr. D. Eusebio Blasco, intitulada *El Pañuelo Blanco;* vira eu nos jornaes hespanhoes celebrada com muito elogio a peça que obtivera um grande exito; assisti no theatro do Gymnasio a uma recita d'essa comedia, traduzida com mimo pelo meu amigo o sr. Rangel de Lima, e deliciosamente representada pelos nossos actores. Nos folhetins, que então escrevi, não occultei o meu espanto ao ver que a tão celebrada peça não era mais do que uma traducção paraphrastica do *Caprice* d'Alfredo de Musset.

Devemos d'aqui deduzir que o sr. Eusebio Blasco fez ás escondidas um plagiato vergonhoso? Não; esse plagiato seria ingenuo. O *Capricho* de Musset anda em todas as memorias, tem sido representado em todas as salas, e em todos os theatros elegantes. Pois apesar d'isso tambem não póde haver duvida em que o sr. D. Eusebio Blasco chamou orignal a uma peça que o não era, e que o jornalismo o não censurou por semelhante sem-ceremonia. Porque? porque o sr. D. Eusebio, complicando mais o enredo, entendeu que transformara a peça, porque a creação d'essas tres figuras, tão finas, tão elegantes, com os seus diversos caracteres, a mordaz e sympathica M.^me^ de Léry, o leviano Chavigny, que não tem outro defeito que não seja a moral facil do seculo, e a meiga e resignada Mathilde, tão boa e tão ingenuamente senhoril, a creação d'essas tres figuras, que é, em quanto a mim, a grande difficuldade, o grande escolho, e tambem a grande gloria do author de uma comedia, pareceu a D. Eusebio Blasco uma insignificancia, como a d'aquelles contos de Bandello, que, transformados pela mão poderosa de Shakespeare, foram a materia prima de algumas tragedias immortaes.

Eis a nossa opinião ácerca dos defeitos principaes do theatro hespanhol, defeitos que actuam fatalmente na arte de representar, e que forçosamente a paralysam. Os actores esmeram-se em se exprimir com fogo, com enthusiasmo, porém não se habituam a

crear papeis, a desenhar figuras, a estudar physionomias, a reproduzir caracteres. Em compensação a tradição calderoniana conserva-se admiravelmente no moderno theatro hespanhol, que tem algumas peças verdadeiramente eloquentissimas. Representava-se no theatro hespanhol, com grande applauso, a *Beltraneja*, que não pude ver, mas que, segundo me disse o sr. Porto-Alegre consul do Brasil em Lisboa, escriptor distinctissimo, e que é principalmente um dos homens de mais fino gosto, de conversação mais agradavel, e mais amena erudição que tenho encontrado, encerrava trechos poeticos de uma rara bellesa.

Estas considerações, como se póde imaginar, são muito geraes, nem eu estou fazendo um livro de critica litteraria, mas fixando no papel as impressões rapidas de uma rapida visita. Não me parece comtudo que me engane muito, e os hespanhoes entendem que o drama em verso, a comedia de intriga, a peça declamatoria e um pouco de capa e espada, constituem a sua originalidade nacional, e que hão-de ser o eterno modelo, que os seus escriptores devem seguir, sob pena de estrangeirismo. A revolução litteraria do drama moderno contra a tragedia classica, que em França foi a revolta da paixão espontanea e ardente contra as convenções frias e os regulamentos prosaicos, na Hespanha foi simplesmente a reacção do theatro nacional contra as importações francezas. Em França esse movimento foi,

para assim dizermos, a expressão litteraria da grande revolução; na Hespanha foi uma repercussão na litteratura do movimento patriotico de 1808. Em França demoliu-se o theatro classico, bradando-se: «Morra a aristocracia», que a tragedia era o theatro aristocratico; na Hespanha bradou-se «Morra o estrangeirismo» porque a tragedia era para áquem dos Pyreneus uma *afrancezada*, quasi uma *jacobina*. Os francezes passaram sem hesitação de Racine a Shakespeare, porque Racine era a convenção e a etiqueta, Shakespeare a verdade e a paixão; para os hespanhoes substituir o theatro francez pelo theatro inglez era só mudar de jugo; voltou-se portanto a Calderon. O theatro hespanhol ha de caminhar comtudo, já alguns talentos o dirigem por novas sendas, e hão de comprehender emfim authores e actores que o theatro deve estudar o homem nas suas differentes phases e nos seus diversos caracteres, como a historia estuda a humanidade nas suas differentes épocas e nos seus varios grupos.

V

O Museu Real de Pintura — A historia da arte — O catholicismo de Zurbaran — A Perola — As Virgens de Raphael — O Spasimo — Ticiano — A Virgem das Dores — Guido, Rubens, Van-Dick, Alberto Durer — Velasquez e o realismo — As Lanças, os Borrachos, as Meninas e o Christo — Explicação artistica de um facto historico — Murillo — A Adoração dos Pastores — A Sacra familia e o cãosinho — Ribera — Goya e os seus esboços.

O museu real de pintura! Era o nosso sonho durante a viagem, foi a nossa preoccupação, durante a nossa estada em Madrid! Um dos primeiros museus, talvez o primeiro museu da Europa! Uma das mais opulentas collecções de quadros de grandes mestres! Iamos ver todas as escólas, as producções de todos esses pintores immortaes, cujo magico pincel ha de eternamente enlevar a humanidade! Não

fallavamos senão no museu, não pediamos outra coisa, não socegámos emfim senão quando uma carruagem nos depositou no fundo das escadas do vasto edificio situado no Prado!

Liga-se um nome portuguez ao museu de Madrid. Foi uma princeza nossa, mulher de Fernando VII, quem lhe inspirou a idéa de reunir n'um edificio unico os centenares de quadros maravilhosos, que estavam dispersos por differentes palacios de Madrid. Isabel II mandou para o museu muitas obras primas que havia no Escurial, e assim formou uma collecção admiravel, a primeira da Europa, segundo dizem muitos viajantes.

Não é comtudo no museu de Madrid que se póde estudar a historia da pintura. É uma collecção aristocratica, onde estão representadas quasi exclusivamente as escolas das edades de oiro. Formaram-n'a soberanos para satisfação do seu orgulho e prazer dos olhos, não eruditos, que desejassem principalmente seguir nas vastas galerias as evoluções do genio da arte nas differentes épocas e nos differentes povos. Alli estão as telas mais preciosas com que a Italia subjugada rendia preito aos monarchas hespanhoes. Quem foi nunca tão poderoso? as montanhas do Novo Mundo desentranhavam-se em oiro e diamantes, que rolavam aos pés de Philippe II; o pincel maravilhoso de Ticiano desentranhava-se em maravilhas, que vinham, saudosas do céo da Italia, agrupar-se respeitosamente nos frios corredores do

Escurial, e, entre esses prodigios da natureza e da arte, o pallido monarcha sentia invadil-o o tédio immenso, a livida desconfiança, o lugubre terror. Mas as pareas que o genio offertava ao brilhante Carlos V, ao sombrio Philippe II, deleitam hoje os olhos e o espirito d'esta geração democratica. Philippe IV, o rei artista, que se consolava da perda de Portugal, comprando a *Sacra familia* de Raphael, legou tambem ao museu de Madrid as suas preciosas galerias; Philippe V, o neto de Luiz XIV, costumado ás magnificencias artisticas de Versailles, Carlos III, o intelligente soberano, que reinára em Napoles, e tomára tanto a peito o embellesamento de Madrid, não concorreram pouco para a riqueza d'essa esplendida collecção. Formada comtudo ao acaso do capricho e da munificencia do monarcha, opulentou-se com obras primas e desdenhou as timidas tentativas das escolas rudimentares.

Dizem-me que o museu do Louvre é precioso debaixo d'esse ponto de vista. Alli póde ver-se a pintura balbuciar na confusão da edade media, accentuar-se a pouco e pouco, até attingir ao ideal supremo, até dizer quasi a sua ultima palavra nas telas divinas de Raphael. Veem-se alli os quadros de Cimabue com os seus fundos de oiro, fieis ás tradições byzantinas; as figuras, presas ainda á tela, as roupagens sem ondulação, lembram as fórmas constrangidas das esculpturas das cathedraes. Segue-se Giotto; animam-se os personagens, tomam expres-

são as physionomias; ainda no fundo se conserva o oiro das illuminuras, mas entre-mostra-se a paisagem, que se ha de espanejar emfim em toda a sua verdade, com os céos azulados e a natureza verdejante, nos frescos de Padua. E assim vae desenrolando a escola italiana as suas épocas successivas, até que, passando pelos quadros quasi immateriaes de fr. Angelico, chegue á terceira maneira de Raphael, ao colorido luminoso de Ticiano, á perfeição maravilhosa de Leonardo de Vinci.

No museu de Madrid brilham principalmente os mestres. Velasquez, Murillo, Ribera representam a Hespanha; Raphael, Leonardo de Vinci, Ticiano, Paulo Veronese, Correggio a Italia; Rembrandt, Van-Dick, Teniers, Rubens os Paizes-Baixos; Alberto Durer a Allemanha, Poussin, Claude Lorrain a França. E, no meio de tantas maravilhas, o visitante, deslumbrado, estupefacto, chamado a cada momento á contemplação de novos primores, julga atravessar um mundo phantasioso, povoado de virgens de Murillo e de Raphael, de bacchantes de Ticiano, de Magdalenas de Correggio, de voluptuosas Cleopatras de Guido, de nymphas travessas do Albano, de opulentas bellesas de Rubens, que volteiam, rodeiadas de um nimbo voluptuoso, por entre as architecturas sumptuosas de Paulo Veronese, nas paisagens luminosas de Claudio Lorrain. E ao nosso lado, seguindo com fino olhar esses vultos femininos, todos radiantes de uma formosura ideal, pas-

sam os pallidos e elegantes cavalleiros de Van-Dick, em quanto á porta de uma taberna flamenga de Teniers os borrachos de Velasquez conservam nos rostos illuminados o seu riso immortal.

Como póde haver pintores entre nós? Como podem os que se dedicam a esse ramo fazer a sua educação artistica? Não podendo saber o que é o bello ideal da pintura, não podendo formar o gosto pela contemplação d'estes eternos modelos, como hão de elles comprehender a que altas regiões se póde elevar a phantasia humana, que segredos se encerram na palheta dos grandes mestres, que maravilhas podem nascer debaixo d'um pincel carregado de tinta, como nasciam as flores debaixo dos pés das deusas do paganismo? N'essas vastas galerias do museu de Madrid viam-se homens, senhoras, crianças, copiando os grandes quadros, convivendo intimamente com os artistas inexcediveis da Renascença, habituando-se a exprimir o bello.

Muitos d'esses desenhadores estavam alli não tanto para estudarem a arte como para tirarem copias dos quadros celebres, que vendiam depois aos estrangeiros. Notámos entre esses copistas um moço valenciano dos seus quatorze annos, que fazia uma copia em miniatura da *Adoração dos pastores* de Murillo. A copia era admiravel, e as ideaes figuras do grande pintor sevilhano reproduziam-se no pequenino quadro com pasmosa perfeição. Pintores portuguezes, que visitavam comnosco o Museu, pre-

sagiavam ao moço valenciano um bello futuro artistico.

A primeira sala, apesar de ter muitos quadros notaveis, não prende a attenção com tanto vigor como a sala immediata, correspondente ao antigo salão de Isabel, e onde estão reunidas as perolas da collecção. Anciosos de conhecermos as grandes obras primas, percorremos com muita rapidez a sala de entrada. N'esta primeira visita attrahe-nos comtudo um quadro que tem o titulo modesto de *Assumpto mystico;* é de Zurbaran. Que sombrio catholicismo o seu! como lhe ennegrecem a tela os rolos de fumo dos autos de fé! como n'aquellas visões mysticas se arripiam as carnes, que sombrios phantasmas povôam a imaginação dos seus monges extaticos! O ascetismo, em toda a sua hediondez, reflecte-se nos quadros de Zurbaran. Essa religião da morte, que pesou por tanto tempo sobre a Hespanha, herança lugubre da edade media, tem em Zurbaran o seu pontifice artistico. N'um paiz, onde a natureza se ostenta cheia de luz e de vida, como poderam as imaginações acceitar esta religião ascetica, lugubre, cheia de terror, de chammas, e de visões infernaes, onde se presta um culto á morte, onde os risonhos e expansivos affectos são condemnados como inspirações do demonio? É quasi incomprehensivel; mas essa religião de inquisidores, que teve no Escurial a sua expressão architectonica, guiou constantemente o pincel de Zurbaran.

N'essa mesma sala vêmos tambem um quadro, onde a disposição das figuras lembra a descripção que os guias fazem do celebre quadro das *Lanças* de Velasquez. Procurámos no catalogo, e o titulo é effectivamente o mesmo, *Entrega de Breda.* Debalde procurámos comtudo no quadro, que temos diante dos olhos alguma d'essas qualidades deslumbrantes, que são o caracteristico do talento de Valasquez. Olhando com mais attenção para o catalogo, temos a explicação d'esse facto. O author do quadro não é Velasquez, é José Leonardo. Trataram os dois pintores o mesmo assumpto, e, quando na sala immediata virmos a maravilhosa tela de Velasquez, poderemos então avaliar pela comparação o genio immenso do pintor de Philippe IV.

Eis-nos emfim na sala esplendida, o Olympo da arte, o congresso dos immortaes, onde estão reunidos os quadros mais primorosos do Museu. Estamos immersos n'um oceano de maravilhas; immoveis nas suas telas, as figuras, que devem a vida ao pincel dos grandes mestres, reunem-se conservando nas suas physionomias as mais perfeitas expressões dos sentimentos humanos, ou da bemaventurança divina. Quem dirá que ha dois ou tres seculos que esses personagens surgiram das palhetas de Raphael, ou de Ticiano, de Velasquez ou de Murillo? O sorriso, que elles lhes imprimiram, conserva ainda hoje a sua graciosa frescura; estorcem-se ainda nas convulsões da angustia suprema, como no instante em

que a mão firme dos grandes pintores lhes contraíu as feições. Que maravilhoso segredo possuiam os homens dos grandes seculos da arte, que tinta empregavam elles para garantirem assim aos filhos da sua phantasia a juventude immortal que ainda hoje nos deslumbra? Não o sabemos; é certo porém que o tempo, como que tomado de admiração, não imprimiu uma unica ruga n'essas producções do genio humano.

Comecemos pelo divino Raphael. Não visitámos o Museu com tanta frequencia como desejariamos, e não podémos por conseguinte fazer mais do que indicar muito rapidamente os quadros que mais impressão nos fizeram. Quasi defronte um do outro estão duas telas maravilhosas do pintor d'Urbino. Á esquerda a *Perola*, á direita o *Spasimo*. A *Perola* deve esse nome á admiração de Philippe IV. É uma *Santa-Familia* que pertencera a Carlos I de Inglaterra, e que o rei de Hespanha comprou. «É esta a *perola* dos meus quadros», disse Philippe ao recebel-a. O amigo de Velasquez era fino apreciador, e a posteridade confirmou a sentença.

N'este maravilhoso Museu as virgens de Raphael e as virgens de Murillo campeiam ao lado umas das outras, e póde-se comparar o modo como os dois grandes pintores reproduziram o rosto suavissimo da mãe do Salvador. Nas telas de um e de outro resplende uma formosura suave e divina; mas o christianismo de Murillo é um christianismo familiar,

um christianismo do povo andaluz, para quem os santos são ainda um pouco os deuses lares das eras pagãs, ou os duendes da legendaria Escossia. A Virgem de Murillo é uma donzella hespanhola, innocente, casta e meiga, com uma rosa nos seus cabellos negros, e o sorriso sempre a florir-lhe nos labios nacarados. O sentimento maternal espanta um pouco a purissima virgindade da sua alma; a alta cathegoria, que a escolha do Omnipotente lhe vae dar na hierarchia celeste, assusta forçosamente a sua timidez modesta. As Virgens de Murillo devem resplandecer, á luz alegre do céo das Hespanhas, nos templos desaffogados, e banhados de sol. A suave gaditana, a sevilhana airosa, ao contemplarem-n'a, hão de sorrir-se para ella como para uma celeste amiga, uma confidente a quem não receiam confiar os segredos do seu coração juvenil.

A Virgem de Raphael é a expressão mais completa da formosura etherea, é a poesia suprema do christianismo, é o angelico vulto que inflamma em arrobos de mystico lyrismo a saudação das ladainhas. Não é só a virgem, não é só a mãe, é o elemento feminino da religião christã. É a Virgem como a sonham os poetas religiosos, casta, ideal, esplendida, é a formosura classica illuminada pelo sentimento christão, é um rosto de alabastro, moldado pelas mais puras fórmas da arte grega e docemente esclarecido pela chamma interior da alma de Jesus.

Defronte da *Perla* fica o *Spasimo di Sicilia*, e é essa talvez a verdadeira joia do Museu. Quem se deliciou um momento antes com as suavidades d'este magico painel, não imagina que elle possa dar os toques energicos e dramaticos do *Spasimo*. Na longa via dolorosa Christo succumbe ao peso da cruz; cáe exhausto, sentindo a fronte orvalhada pelo suor da agonia. Agrupam-se em torno d'elle todos os personagens que o acompanham no amargoso transito; o céo magoado e lugubre pesa sobre esta scena; a naturesa contempla attonita a divina tragedia. Que agrupamento de figuras! que desenho de physionomias! que varias expressões! que vida em todo aquelle quadro maravilhoso! É que, assim como as suas Virgens resumem nos seus rostos angelicos todos os caracteres da formosura suprema, assim Raphael é a mais completa expressão artistica do talento em toda a sua força, e em toda a sna expansão.

«Apesar da sua vida ter sido demasiadamente curta, diz Theophilo Gautier, Raphael percorreu todo o cyclo da arte. As suas tres maneiras resumem todas as phases possiveis da pintura. Parte de Perugino com o *Sponsalizio*, e chega quasi a Lebrun com a *Batalha de Constantino*. Da ingenuidade gothica chega, em alguns annos, a esses pincaros da arte, a essa perfeição absoluta, depois da qual já não ha senão decadencia. Sem duvida Raphael teve dons maravilhosos; o genio, a bellesa, a felicidade,

um caracter amavel e encantador que tornava tudo facil. Mas a sua qualidade suprema era a harmonia, resultante da facilidade, que tinha em fundir no seu talento quanto lhe parecia bello, com um acerto de proporção espantoso. Algumas salas dos banhos de Tito, algumas estatuas descobertas fizeram-lhe comprehender a antiguidade; um reposteiro da capella Sixtina corrido por Bramante basta-lhe para elle accrescentar á sua graça natural a energia e o vigor de Miguel Angelo.»

Affastemo-nos d'este quadro potente, e continuemos a percorrer o salão. Aqui nos surge Ticiano com a sua esplendida *Bacchanal*. Como nasceu este pintor em Veneza, como fundou uma eschola, que se tornou celebre no mundo inteiro pela magia do seu ardente colorido? Não tem Veneza aquelles largos horisontes banhados de luz da grande Grecia, aquellas aguas limpidas e azues do golpho napolitano, e comtudo os seus pintores tem a intuição da vida expansiva e risonha, tranquilla e forte da Italia do sul. Ri a mocidade em flor no rosto formoso das mulheres, que vivem nas telas venezianas uma existencia immortal; os seus cabellos doira-os com reflexos ardentes o mais brilhante sol da Italia. Que exuberancia de força e de belleza! n'esses collos de garças, que parecem modelados em marmore grego, sente-se comtudo circular o sangue por baixo da fina epiderme. Uma tela de Ticiano é um festim para os sentidos; repasta-se o olhar com delicias n'aquel-

las carnações animadas, que Rubens saberá tambem reproduzir, dando-lhes menos graça e mais opulencia.

O Museu é riquissimo em quadros de Ticiano. Não vimos a celebre *Salomé*, a proposito da qual se conta que dizia Tintoreto que Ticiano pintava «com carne moida na palheta». Esse assumpto foi tratado por um grande colorista francez, Henrique Regnault, cuja morte prematura privou a França e a Europa de um pintor de primeira ordem. A cabeça, selvagemmente bella, da lubrica syriaca chamou todas as attenções em Paris na exposição de 1870. Ainda ha pouco tempo Theophilo Gautier lhe consagrava na *Illustração* um artigo immensamente elogioso.

O *Retrato equestre de Carlos V* chama-nos a attenção pelo seu valor historico, e pelo seu valor artistico. O grande imperador teve a felicidade suprema de ser contemporaneo dos sublimes pintores do seculo XVI, e, sempre que passava pela Italia, o magico pincel dos grandes artistas, pincel que elle não se dedignava apanhar segundo uma tradição celebre, legava á historia, adornando-o com todos os esplendores do talento, o rosto augusto de Cesar. Ah! não se imagina quanto estes retratos maravilhosos influem no julgamento da posteridade! A historia vê ainda hoje em Carlos I de Inglaterra o cavalheiro elegante e melancholico do retrato de Van-Dick. O rei, a um tempo brando e despotico, o

soberano que entregou a Inglaterra á avidez de Buckingham, e que deixou que Strafford subisse ao cadafalso, dasapparece um pouco, e, a figura pensativa e nobre, que brotou da tela ao toque magico do pincel de Van-Dick, vem occupar o seu logar na historia. O Cesar Borgia é para nós ainda hoje aquelle homem de rosto frio, pallido, desdenhoso, de barba fina e levemente ondeada, de uma elegancia suprema, que Raphael nos apresenta. O Carlos V de Ticiano fica-nos egualmente impresso na imaginação. O orgulhoso Cesar da casa de Austria, o habil diplomata, o senhor de dois mundos, surge-nos em todo o esplendor da sua gloria, e esquecemos por um momento o negociador implacavel do tratado de Madrid, o soberano sem fé que tratou despiedosa e perjuramente o infeliz eleitor da Saxonia.

Ticiano é tambem um d'estes genios completos, que tem todos os toques na sua palheta, que nos seus passos de gigante percorrem o campo immenso da arte. Quem vir a sua *Bacchanal*, magnifica de colorido, de vida e de voluptuosidade, quem vir a figura cheia de magestade e de força tranquilla do imperador Carlos V na celebre tela do *Retrato Equestre*, difficilmente imagina que é elle tambem o author d'um pequeno quadro que se intitula a *Virgem das Dores*. Poucas obras d'arte me tem produzido uma impressão tão profunda. Como se revela n'aquelle rosto contrahido a immensa angustia ma-

ternal! que sentimento tão verdadeiro! Ticiano traçou ali com o pincel uma elegia repassada de lagrimas. A physionomia pallida, e compungida da Virgem Dolorosa grava-se para sempre na nossa imaginação; e quando, nas festas religiosas da semana santa, na egreja frouxamente allumiada, entre as melancholicas melodias das lamentações, que resoam no templo forrado de lugubres veus, escutamos as sublimes palavras *O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor mea*, é a Virgem das Dôres que nos surge de subito diante dos olhos da phantasia, é o seu rosto pallido que vem commentar a triste invocação.

Nunca nos consolaremos da rapidez com que passámos por diante do quadro de *Jesus entre os doutores*, uma das obras primas de Paulo Veronese. Mas, n'aquelle turbilhão de esplendores, como era possivel parar a cada instante? Promettiamos a nós mesmos voltar mais pausadamente, e logo mais adiante prendiam-nos outros encantos. Paulo Veronese é comtudo o pintor, que mais largamente usou da esplendida palheta veneziana. Tinha o amor do fausto, do luxo, do que resplende e scintilla. Não podia captival-o a simplicidade humilde do christianismo; não comprehendia os apostolos senão vestidos com os trajos esplendidos do seculo XVI; não acceitava a casa pobre de Cana, onde Jesus Christo mudava, sorrindo, a agua em vinho; para fazer o

scenario do milagre, não se eximia a desenhar as magestosas architecturas, a que tão affeiçoado era. Transportou o christianismo primitivo das margens do lago de Tiberiades para as ruas de palacios que orlam os canaes do Adriatico; fez d'aquella população rustica da Galiléa uma turba de patricios venezianos, toda resplandecente de oiro e de brocado, radiante de colorido, cheia de vida e de pompa. Os jesuitas, quando na India, para accommodarem o christianismo aos preconceitos dos rajahs orientaes, pintavam Christo como um magnata rodeiado de magnificencias, tinham só que se lembrar das amplas telas de Paulo Veronese, e escolhel-o para commentador dos Evangelhos.

Mesmo de passagem, não podemos deixar de notar aquella magnifica disposição de figuras, a largueza de composição, o colorido opulento que fazem d'este grande artista o pintor apparatoso por excellencia. As suas figuras, como as de Ticiano, parecem saltar da tela, tal é a animação e a vida das suas physionomias.

Percorrendo o salão ao acaso sem guia que nos indicasse os recantos escolhidos, onde se aninhavam as obras primas, quantas joias artisticas deixámos de ver! Eu procurava anciosamente quadros de Leonardo de Vinci, estava sobretudo desejoso de encontrar o *Retrato de Monna Lisa*, copia feita pelo proprio author da celebre *Gioconda*. Não o encontrei; ficou sem ser satisfeita a curiosidade que fôra

em mim despertada por uma pagina soberba de Theophilo Gautier:

«A *Gioconda!* Esphinge de bellesa que te sorris tão mysteriosamente no quadro de Leonardo de Vinci, e pareces propôr á admiração dos seculos um enigma que ainda não resolveram, um invencivel attractivo me chama sempre a ti! Oh! e effectivamente quem não tem ficado largas horas extatico diante d'essa cabeça banhada em meias tintas crepusculares, envolta em crepes transparentes, e cujas feições, melodiosamente embebidas n'um vapor arroxado, apparecem como uma creação do Sonho atravez da gaze negra do Somno? De que planeta caiu, no meio de uma paizagem azulada, esse estranho ser com o seu olhar que promette voluptuosidades desconhecidas e a sua expressão divinamante ironica? Leonardo de Vinci imprime ás suas figuras um tal cunho de superioridade, que nos sentimos perturbados na presença d'ellas. As penumbras dos seus olhos profundos escondem segredos defezos aos profanos, e as inflexões dos seus labios zombeteiros convem a deuses que sabem tudo, e despresam docemente as vulgaridades humanas. Que fixidez inquietadora e que sardonismo sobrehumano n'essas pupillas sombrias, n'esses labios ondulosos como o arco do amor depois de ter vibrado o tiro! Não se diria que a Gioconda é a Isis de uma religião cryptica, que, julgando-se só, entre-abre as prégas do seu véo, embora dê a loucura e a morte ao imprudente que

a surprehenda? Nunca o ideal feminino revestiu fórmas mais incontestavelmente seductoras. Creiam que, se Don Juan houvesse encontrado Monna Lisa, ter-se-hia poupado ao trabalho de escrever na sua lista tres mil nomes de mulheres, apenas haveria traçado um só, e as azas do seu desejo recusar-se-hiam a leval-o mais adiante. Ter-se-hiam fundido e desplumado ao negro sol d'essas pupillas.»

N'esta rapida visita ao Museu de Madrid, não podia ficar vasio o logar de Leonardo de Vinci; é um dos quatro ou cinco deuses do Olympo da arte. Já que eu não pude alli observar os toques magistraes do seu pincel, fique o logar preenchido, e preenchido superiormente, pela descripção enthusiastica de um critico tão authorisado como é Theophilo Gautier.

Se tive de me resignar a não conhecer Leonardo de Vinci, pude vêr o quadro celebre de um pintor, a quem eu votára uma grande admiração, desde que vira umas photographias do *Carro da Aurora* e do *Retrato de Beatriz Cenci*. Refiro-me a Guido Reni. Os entendedores não collocam este artista na plana dos grandes mestres, e sorriem-se um pouco da voga, que, segundo creio, elle sempre teve entre os profanos. Eu acho-o encantador. O meu presado amigo, Claudio José Nunes, que já estivera em Madrid, e que partilha a minha opinião, encontrou-me a um canto do Museu, pedindo aos echos da sala e ao catalogo quadros de Guido Reni. Tomou-me pelo bra-

ço, e conduziu-me direito á Cleopatra. Guido é o pintor das peccadoras; o seu pincel indulgente acaricia com amor aquellas suaves frontes pallidas e fatigadas, enche de luz uns olhos languidos, e dá-lhes uns toques de melancholia, que fazem lembrar as Marions e as Margaridas Gautier dos modernos escriptores. Tem um colorido levemente azulado, onde fluctuam garridamente as loiras tranças das Magdalenas. A doce arrependida, que enxugou com os longos cabellos os pés magoados de Christo, foi o typo predilecto de Guido. Retratou Beatriz Cenci, a filha criminosa de um pae incestuoso, e, indo procurar ao Oriente pagão a sua mais fascinadora cortezã, como procurára no Oriente christão a filha do peccado, que o amor e as lagrimas redimiram, fez brotar da tela a figura voluptuosa de Cleopatra. É este o quadro do Museu de Madrid; lá está a pallida cabeça lançada para traz com esse movimento gracioso, que desprende as tranças ondeantes, e a que Guido Reni era tão affeiçoado, que raras são as suas Magdalenas, que não ponham assim a cabeça para cravarem nas estrellas os olhos formosos, cuja luz se affoga em lagrimas. Guido affirmava que tinha duzentos modos de fazer uma figura olhar para o céo, e declara um critico celebre que não dizia senão a verdade pura. Já se vê portanto que estudára profundamente a posição em que se colloca a rainha Cleopatra, que não aspira ao céo como a arrependida Magdalena, mas que affronta a morte com a

desdenhosa indifferença de quem esgotou na vida a taça de todos os prazeres, de quem dissolveu no vinho das orgias as perolas de todos os sentimentos, de todos os affectos que nobilitam a alma.

Passemos rapidamente por diante de uns quadros do Albano, não porque sejam para desdenhar essas mythologias um pouco amaneiradas do Anacreonte da pintura, como lhe chamam, mas porque nos foge o espaço como lá nos fugia o tempo, e os grandes mestres reclamam-nos. No salão, cuja porta fica, se bem nos lembramos, fronteira ao *Spasimo*, captiva-nos primeiro a potente individualidade de Rubens. O grande pintor flamengo pertence á raça de Miguel Angelo, de Benvenuto Cellini, organisações exuberantes e cheias de uma vitalidade, que se manifesta debaixo de todas as fórmas. *Vous êtes une des forces de la nature*, dizia Michelet a Alexandre Dumas n'um momento de enthusiasmo inspirado pela robustez intellectual do grande romancista. O mesmo se póde dizer d'estes Titães da arte. Miguel Angelo arrojava aos ares a cupula de S. Pedro, arrancava com o cinzel energico do seio do marmore o vulto de Moysés, depois, empunhando o pincel vertiginoso, desenrolava nas paredes da capella sixtina a epopéa dantesca do *Juizo final;* depois fortificava Florença, ou dedicava sonetos a Vittoria Colonna; Benvenuto Cellini cinzelava o oiro e a prata, fundia em bronze estatuas preciosas, e, intrepido soldado, apontava as colubrinas do castello de Santo-Angelo contra o con-

destavel de Bourbon; Rubens enchia de quadros a sua cidade natal, a França e a Hespanha, dava hospitalidade ás rainhas, dirigia negocios diplomaticos, e passeiava pela Europa inteira a sua febril actividade. O fogo d'essa organisação traduz-se nos seus quadros, illuminados por um colorido, que tem os reflexos da chamma. Dêem-lhe uma larga tela; toma o pincel carregado de tinta, e eil-o que dá vida a um mundo phantasioso de reis e de divindades olympicas, distribue a luz em torrentes, prodigalisa o colorido. A sua pintura é, como dizem os francezes, *plantureuse*. Vimos no museu as *Nymphas e Satyros*. Todas as figuras respiram robustez e saúde. O seu ideal feminino são as fórmas opulentas e plenamente desenvolvidas, a bellesa flamenga, voluptuosa sem languidez, de linhas puras e correctas, mas não aereas e vagas.

Ficam-nos aqui ao pé algumas telas de Van-Dick. Os retratos do proprio pintor, e do conde de Bristol, bastam para nos dar idéa do talento essencialmente aristocratico, e elegante d'esse discipulo de Rubens. Olhando-se para a expressiva cabeça do pintor, sente-se a verdade da frase conhecida de Buffon «o estylo é o homem». Aquelle rosto de uma pallidez distincta, o fino bigode negro, o perfume de elegancia, que todo elle respira, denunciam immediatamente o pintor privilegiado da classe aristocratica, o homem cujo pincel delicado saberá imprimir o cunho da fidalguia nativa em todas as physionomias que reproduzir na tela.

Não muito longe fica o retrato d'Alberto Durer, pintado por elle mesmo. Eu fazia d'este pintor uma idéa verdadeiramente gothica. Suppunha que nos seus quadros se agitariam, no seio de mysticas sombras, as chimeras das velhas cathedraes, que o seu estylo seria uma revolta contra o colorido, a luz e o ridente paganismo da Italia. Imaginava que o seu pincel energico e rude traduziria na tela todas as imprecações germanicas, desde o grito de guerra de Arminius até ao grito de morte de João Huss, que emtorno dos seus personagens agitariam a rama dos carvalhos as florestas legendarias da Allemanha. É que eu via o grande pintor atravez do prisma dos versos de Victor Hugo:

On devine, devant les tableaux qu'on venére,
Que dans les noirs taillis ton œil visionnaire,
Voyait distinctement, par l'ombre recouverts,
Le faune aux doigts palmés, le sylvain aux yeux verts,
Pan, qui revêt de fleurs l'antre où tu te recueilles,
Et l'antique dryade aux mains pleines de feuilles.

Une forêt pour toi c'est un monde hideux.
Le songe et le réel s'y mêlent tous les deux,
Là se penchent rêveurs les vieux pins, les grands ormes
Dont les rameaux tordus font cent coudes difformes,
Et dans ce groupe sombre agité par le vent,
Rien n'est tout-à-fait mort, ni tout-à-fait vivant.

No retrato do pintor não se sente este romantismo que Victor Hugo descreve, sente-se um grande mestre, que sabe dar vida ás physionomias como Ticiano, que ama a luz e o colorido e a perfeição

classica da fórma. Uma tela comtudo não basta para avaliar um pintor.

Entrevemos de relance duas paisagens de Claudio Lorrain, uns quadros de Teniers, no genero que Luiz XIV, todo enlevado nas composições apparatosas de Lebrun, desdenhava completamente, e procuramos debalde, olho no catalogo, olho na parede, um quadro celebre de Rembrandt. É um mestre tambem, e Theophilo Gautier considera-o, n'uma gamma de tintas diversa, como um colorista rival dos venezianos. «É o mais original, o mais feiticeiro, o mais intenso de todos esses mestres, que, do fundo das suas brumas, sonhavam o sol e exprimiram-no talvez melhor, do que os italianos com as suas carnes morenas, que teem por fundo um inalteravel azul.»

Terminemos esta rapida revista com os quadros da escóla hespanhola.

Para a Hespanha foi o seculo XVII a grande época do seu esplendor artistico. A decadencia da monarchia de Carlos V coincidia com o desenvolvimento maravilhoso da pintura. Philippe IV via brotarem emtorno de si os prodigios da arte, a cada noticia que recebia de uma nova derrota, ou da perda de mais uma provincia. Murillo, Zurbaran, Ribera, Velasquez foram contemporaneos, e formam uma pleiade deslumbrante no céo da arte hespanhola.

Já fallámos de Zurbaran, dos seus monges ascceticos, das suas lugubres telas, do seu catholicismo

sombrio e inquisitorial; Ribera, o Hespanholeto, obedece ás mesmas inspirações, talvez mais carregadas ainda. É por tal fórma pronunciado o estylo d'este ultimo pintor, que o menos intelligente curioso conhece-lhe os quadros á primeira vista. D'uns fundos, intensamente negros, resaltam com vigor as carnes lívidas das figuras. Se Zurbaran conhece intimamente e retrata os pallidos fanaticos, os inquisidores que misturam com os sonhos do mysticismo os delirios sanguinarios, os ascetas selvagens, que teem no olhar a chamma sombria da febre que os devora e os exalta, Ribera vae mais adiante, assiste aos autos de fé, deleita-se com a contemplação dos tormentos, gosta de ver, nas salas da tortura, o algoz desconjuntar os membros da victima, e são essas as scenas que se compraz em reproduzir nas suas telás. O *Martyrio de S. Bartholomeu* é talvez o mais bello dos quadros de Ribera que figuram no Museu Real de Madrid.

Attribuem alguns criticos as tendencias de Zurbaran e de Ribera ao facto de terem sido ambos discipulos de Miguel Angelo Caravaggio, pintor violento, que teve grande influencia em alguns artistas italianos; mas tambem Ribera foi discipulo de Correggio, e comtudo não se sente nas suas telas o minimo vestigio da graça, do encanto voluptuoso do grande pintor de Parma.

Eis-nos chegados ao grande pintor hespanhol, áquelle que resume para a critica da nação visinha

o ideal da pintura—Murillo. Não serei eu que contrarie essas decisões; comtudo, quando um escriptor distinctissimo, o sr. Tubino, levado pelo seu enthusiasmo, chega a fazer um parallelo entre Murillo e o Dante [1], não posso deixar de protestar contra a associação d'esses dois nomes. O sr. Tubino mesmo, para fazer o parallelo, teve de ir buscar Dante á parte mais fraca da sua obra, teve que ir procurar ao Paraizo o sombrio cantor do Inferno. E o ideal christão de Dante é por acaso o ideal de Murillo? É uma virgem de Murillo a etherea Beatriz? O catholico pintor de Sevilha, que tanto gostava de encarar a religião debaixo do seu aspecto mais popular, que não procurava penetrar nos mysterios da theologia, que não via na Virgem mais do que uma doce protectora, uma celeste irmã das puras e innocentes donzellas, que passavam junto d'elle nas margens do Guadalquivir, póde por acaso comparar-se com o poeta proscripto, o pensador, o philosopho, o visionario, que se mergulhava com delicias em pleno symbolismo, o que d'isso advertia o leitor dizendo-lhe:

> O voi, ch'avete gl'intelleti sani,
> Mirate la dottrina, che s'asconde
> Sotto'l velame degli versi strani?

[1] Veja-se o notavel livro d'este distincto escriptor hespanhol, intitulado: *Murillo, su época, su vida, sus cuadros* (Sevilha, 1864). É um estudo completo ácerca do grande pintor hespanhol, estudo traçado por uma penna enthusiastica, mas erudita e authorisada.

Não, Murillo não pertence á familia de genios tempestuosos como o Dante; a sua existencia protesta contra a semelhança. Como elle vive placidamente em Sevilha, rodeiado pelos seus parentes, estimado pelos seus concidadãos, conversando ás tardes com os bons padres que lhe encommendam quadros! Quando acaba a tarefa do dia, quando todos dormem na cidade andaluza, elle fica só, respirando o ar das noites serenas embalsamado pelas flores dos jardins do Guadalquivir; a luz das estrellas vem-lhe banhar a tranquilla fronte, e a sua alma, remontando ao céo n'um extasi suavissimo, vae embeber-se nos puros mananciaes do christianismo. Essa inspiração das noites luminosas e perfumadas paira sobre os seus quadros, onde reproduz as scenas familiares da existencia, illumina-os com os reflexos do mais doce mysticismo, espalha por todos elles essa idealidade christã, esse mimo inexcedivel, essa transparencia luminosa, que tem sido o encanto de tres seculos.

Uma das telas mais formosas d'este pintor, que se encontram no Museu, é de certo *La Sagrada Familia del Pajarito ó del Perrito*. Chama-se assim, porque o Menino Jesus, com um passarinho na mão, faz negaças a um cãosinho, emquanto a Virgem e S. José contemplam esta scena com um sorriso cheio de amor. É este quadro um dos exemplos mais perfeitos d'esse christianismo familiar, que se revela tantas vezes nas telas de Murillo. A essencia

divina desapparece completamente. Apenas alli temos uma scena encantadora do lar domestico. Mas como é gentil, e graciosa a creancinha, que está a cem leguas de pensar na redempção da humanidade! com que jubilo maternal se revê Maria na graça do filho estremecido! que sorriso de pae no rosto bondoso de S. José! O dogma christão foi posto completamente de parte; o Espirito Santo, a Encarnação do Verbo, o messianismo, tudo isso está bem longe da imaginação do pintor. Temos apenas uma casa rustica da aldeia, uma scena intima de familia, tudo acariciado amorosamente por um pincel magistral, illuminado pelo magico fulgor das tintas de Murillo. Que maviosissima tela, e como nos fica impressa na impressão, para não mais se desvanecer, a imagem d'aquellas tres figuras, cheias de vida, de luz, e de alegria!

Este quadro está no salão das Perolas; na sala, onde vimos Rubens, Van-Dick, Alberto Durer, encontramos outra formosissima tela *A Adoração dos Pastores*. É, segundo dizem, um dos quadros mais luminosos do grande pintor, em cuja palheta se reverberava a luz doirada do sol da Andaluzia.

Cheguemos depressa a Velasquez. Eu, que não tenho pretenções a formular uma sentença em bellas artes, não hesito comtudo em contar sinceramente as minhas impressões pessoaes. Nenhum pintor, que tenha quadros no Museu de Madrid, me deixou uma impressão tão profunda como Velasquez.

Isto é dito confidencialmente, e peço aos leitores que o não communiquem ao meu amigo Claudio José Nunes, que é o mais assanhado *murillista*, que se encontra de certo nos dois hemispherios.

Dizia Luiz Viardot que Murillo era o pintor do céo, e Velasquez o pintor da terra. Estas distincções demasiadamente absolutas são sempre falsas. Em Murillo ha o *quid humanum* em grande abundancia; não falta em Velasquez o *quid divinum*. Se a frase applicada a Velasquez tem comtudo a mesma significação que a frase «Shakespeare é o globo» applicada por Victor Hugo ao tragico britannico, dou-lhe pleno assentimento. Shakespeare é o globo, porque nas suas obras palpitam todas as paixões, todos os sentimentos que constituem a vida complexa da humanidade, porque as suas tragedias são o espelho moral do homem; Velasquez é tambem o pintor da terra porque nos seus quadros agrupam-se e movem-se figuras cheias de vida e de realidade, nossas irmãs pelos sentimentos que se lhes leem no rosto, que se lhes reflectem no olhar. Cada physionomia tem uma individualidade propria, como tem cada personagem de Shakespeare um typo caracteristico. É o realismo na sua expressão mais elevada e mais bella.

E é necessario que nos entendâmos ácerca d'esta palavra, com que muito se pavoneia uma escóla que eu detesto, eu que julgo aliaz que a verdade humana deve ser a inspiração da arte em qualquer

das suas manifestações. Os modernos *realistas* julgaram ter attingido á perfeição suprema, quando copiaram methodica e friamente um objecto qualquer com todos os seus pormenores, com todas as suas verrugas e disformidades, e chamam-nos idealistas, quando lhes dizemos que a sua *verdade* é falsa, infiel a sua *fidelidade.*

Querem comtudo conhecer o segredo dos seus esforços infructiferos? Reparem n'uma observação luminosa de Guilherme de Humboldt ácerca da formação das linguas: «A subjectividade da nossa percepção dos objectos passa toda para a linguagem. Porque a palavra não é uma traducção, um signal do objecto tal como elle é em si mesmo, porém da imagem que gravou e deixou na nossa alma.» É esse elemento subjectivo, que entra na formação da linguagem, o que os *realistas* desprezam, quando descrevem ou narram.

Para que possâmos, com os limitados recursos da arte, fazer sentir a verdade d'aquillo que descrevemos, é necessario que despertemos no espirito do espectador, do leitor, ou do ouvinte, as impressões que o objecto descripto habitualmente nos causa. É por isso que, na musica, a abertura do 1.° acto do *Guilherme Tell* ha de ser sempre uma descripção de paizagem serena mil vezes mais fiel do que as que Ricardo Wagner penosamente elabora com uma collecção de notas, que pretendem representar, esta o canto dos passaros, aquella o murmurio da

agua, outra a verdura dos prados, outra a luz radiante do sol; é por isso que um retrato de Van-Dick, de Ticiano ou de Velasquez ha de sempre ter mais vida, mais verdade do que a mais perfeita photographia.

Não; essa escóla dos observadores minuciosos e frios não devia chamar-se a eschola dos *realistas*, mas sim a dos *objectivistas;* porque desprezam completamente o elemento subjectivo, aliás tão essencial que o espirito dos povos primitivos o fez entrar naturalmente, como diz Guilherme de Humboldt, na formação da linguagem, para dar vida, expressão e verdade ás palavras, que deviam fixar no pensamento o espectaculo do mundo.

Supponho que nunca pintor algum se approximou tanto da verdade como Velasquez.

Na sala, onde está o *Spasimo*, encontra-se tambem o quadro das *Lanças*. O assumpto é a capitulação de Breda. Observando-se com persistencia esse quadro, o Museu desapparece, desapparece a moldura, e desdobram-se diante de nós os campos que rodeiam Breda, vemos o governador da praça, rodeiado pelos seus loiros Flamengos, entregar as chaves ao general hespanhol, que as recebe com ademan satisfeito; as lanças dos soldados destacam-se por tal fórma na paizagem que se vê perfeitamente o intervallo entre cada uma d'essas hastes apinhadas, que se espera a cada momento que, pela nesga de céo azul que entrevemos, passe uma nuvem ou o rapido vôo de uma ave.

Eu podia usar n'este caso de um artificio oratorio de Dupaty, o mais rhetorico de todos os viajantes. Esse digno sujeito, sem a mais leve prevenção, consagra um capitulo á descripção pathetica de um incendio. Sabidas as contas, o leitor, já lavado em lagrimas, descobre que o incendio de que se trata é apenas o *Incendio del Borgo*, quadro de Raphael. Quiz assim o bom do Dupaty mostrar, com essa armadilha á sensibilidade dos leitores, o effeito surprehendente que o quadro lhe produziu. Pois o mesmo se podia fazer com o quadro das *Lanças;* não vemos uma obra d'arte, vemos ao longe, entre as molduras, a scena que lhe serve de assumpto.

N'esta mesma sala está um outro quadro deslumbrante de Velasquez; é o que se intitula as *Meninas*. Conta-se que Lucas Giordano dizia d'esta formosa tela, que era a theologia da pintura, porque via na sua composição a sciencia suprema, o grau mais elevado do sublime. E effectivamente como são animadas e caracteristicas todas as figuras do quadro! Velasquez é n'esta pintura verdadeiramente shakespeariano; como o grande tragico inglez, que, ao lado da suave physionomia de Cordelia, colloca o rosto zombeteiro do bobo do rei Lear, Velasquez ao lado das graciosas infantas collocou os anões da côrte. O pintor introduziu-se tambem no quadro, que o representa retratando as princezas. Diz a tradição que a cruz de S. Thiago, que figura no peito do artista, foi pintada por Philippe IV, que

d'essa fórma quiz indicar a recompensa que lhe concedia. Todos os premios eram pequenos, em comparação dos serviços que Velasquez lhe prestava. O reinado de Philippe IV revive na historia, illuminado pelo esplendor d'este genio artistico. A arte, na imaginação dos povos, chega a vencer a historia. Veja-se o quadro das *Lanças!* N'essa lucta epica, sustentada pelos Paizes-Baixos contra os seus tyrannos hespanhoes, Guilherme d'Orange, Mauricio de Nassau foram os vultos predominantes; a gloria é toda dos republicanos. Quem se lembra da capitulação de Breda, ou de algum outro ignorado episodio d'essa grande lucta? Chega Velasquez, e o seu pincel immortalisa a victoria hespanhola, e ahi toma ella o passo á batalha de Nieuport! Se Velasquez se lembra de pintar n'um quadro a capitulação de Evora, que D. João de Austria tomou, antes de ser derrotado no Ameixial, de nada nos valeria o heroismo da nossa lucta de vinte e oito annos; os ephemeros successos das armas hespanholas ficavam para sempre consagrados pelo pincel do grande artista.

A pallida physionomia de Philippe IV foi mais de uma vez reproduzida por Velasquez. Este grande pintor primava nos retratos. Theophilo Gautier hesita em dar a preeminencia, como retratista, a Velasquez, a Van-Dick ou a Ticiano, e quasi... quasi que opta pelo pintor hespanhol. Este, porém, foi infeliz no soberano que teve de immortalisar; Ti-

ciano legou-nos a altiva physionomia de Carlos V, Van-Dick o semblante melancholico de Carlos I. Velasquez teve de nos apresentar o rosto insignificante de Philippe IV. O pincel dos grandes mestres traçou involuntariamente uma grande pagina de historia nas paredes do museu de Madrid. Vêmos alli de relance o quadro da grandeza e decadencia da casa d'Austria. O imperador Carlos é radioso de energia, de intelligencia e de força. Ha exuberancia de seiva no tronco florescente da dynastia. Depois vae degenerando a raça; Philippe II é ainda a intelligencia, mas a astucia domina mais do que a força no seu organismo: passamos do leão ao tigre. Já não circula o sangue tão vivo por essas veias empobrecidas. Depois segue-se Philippe III, desmaiado, indolente, sem côr nas faces, sem energia no coração; Philippe IV perdeu já aquella distincção nativa, que ainda caracterisa a physionomia de Philippe III; Carlos II emfim é o ramo secco e esteril. O idiotismo lê-se já nos seus olhos sem luz. Havia para isso uma razão physiologica. As raças reaes julgavam que podiam eximir-se á lei dos cruzamentos; as ligações matrimoniaes contrahidas sempre nas mesmas familias levavam uma dynastia de Carlos I de Hespanha o vencedor de Francisco I, a Carlos II o ludibrio de Luiz XIV.

Uma das mais formosas telas de Velasquez é tambem incontestavelmente a dos *Borrachos;* Shakespeare desenhava com egual vigor Hotspur, Julieta

e Fallstaff. Velasquez dá tambem uma surprehendente realidade tanto aos guerreiros das *Lanças*, como ás graciosas infantas das *Meninas*, como aos vultos bachicos dos *Borrachos*. O seu pincel corre, com a maior facilidade toda a escala da expressão n'um rosto humano, desde a gravidade dos Hespanhoes e Flamengos até ao sorriso das regias crianças, e a gargalhada franca dos beberrões sentados no tonel.

Dizia-se que a Velasquez faltava a inspiração religiosa. Vem demonstrar bem claramente o contrario o admiravel *Christo crucificado*. Murillo é batido no seu proprio terreno; o quadro, em que elle tratou o mesmo assumpto, apezar de bellissimo, é na opinião de todos, ainda os mais enthusiastas do pintor sevilhano, inferior ao de Velasquez.

Não é possivel descrever-se a impressão, que nos produz aquelle Christo ascetico, e doloroso. É o Christo da edade media, o Christo das velhas cathedraes gothicas. Mezes depois de voltarmos de Madrid, Claudio José Nunes chamou-me para me mostrar uns versos seus, que principiavam pela descripção de um Christo; quando elle acabou, eu, triumphante, bradei: «Ah! murillista, esse é o Christo de Velasquez!» Depois arranquei-lhe os versos, e aqui os substituo á minha pallida prosa:

O Christo ensanguentado
Pendia em sua cruz; da lança de um soldado
Via-se-lhe o rasgão no peito de marfim.
Sobre os cantos da boca, em bolhas de carmim

Tingia-se de sangue a espuma da agonia.
Dos espinhos da fronte a sombra se estendia,
Em tenues projecções, nas palpebras sem côr.
Tinha no olhar vidrento esse iris, que anda á flor
Das aguas do paul, ao sol apodrecidas;
E, nos pés e nas mãos, os pregos regicidas
Dobravam-se ao pendor do tronco inerte e nú.

Declinava o sol, quando saímos do Museu; não tinhamos visto a decima parte das obras primas que encerra, e vinhamos comtudo deslumbrados, ebrios de maravilhas. Para mim aquella visita fôra uma verdadeira revelação; correra-se-me de subito a cortina que separa o ideal do mundo da realidade. Quasi que receiava que me houvessem embranquecido os cabellos, como os do cavalleiro da lenda, e que um dia, passado n'aquelle paraizo artistico, valesse tambem por cem annos da nossa prosaica existencia.

VI

O Museu Archeologico — O jardim — A sala ethnographica — Silveira Vianna e a numismatica — A Armeria — Aspecto da sala — Armaduras de homens celebres — As espadas historicas — As espadas legendarias — Um erro do catalogo — Dois paradoxos.

Já me não lembra o nome da rua, onde fica situado o Museu Archeologico; sei apenas que é uma rua solitaria, silenciosa, lembrando vagamente o nosso Buenos-Ayres, rua predestinada para a meditação e o estudo. Pouco poderei dizer d'este estabelecimento, que me deixou muito agradavelmente impressionado. Não havia catalogo impresso, e não posso portanto agora percorrer de novo com a imaginação as salas cheias de objectos valiosissimos debaixo do ponto de vista da arte e da historia.

Um cavalheiro de certa edade, cujo nome não soube, teve a condescendencia de nos acompanhar, mostrando-nos as coisas mais curiosas, e dando-nos os esclarecimentos mais completos, e as noticias mais amplas ácerca de todas ellas. O Museu está ainda muito no principio, mas já tem uma collecção riquissima. As remessas feitas pela commissão do Oriente, especimens magnificos da architectura arabe na Hespanha, sarcophagos dos primeiros seculos do christianismo, objectos esplendidos do thesouro dos reis godos descoberto por um camponez em Guarrazar, o craneo não sei se authentico de D. Pedro I de Castella, D. Pedro o Cruel, contemporaneo do nosso, o que permittiu a esses dois soberanos fazerem-se reciprocamente amabilissimos presentes, pondo cada um d'elles á disposição do collega os sujeitos em cuja cabeça faziam mais empenho; tapeçarias admiraveis; soberbos serviços de porcelana; uma espingarda de caça de Philippe III, toda engastada de pedras finas, e muitas outras preciosidades foram-nos mostradas minuciosamente pelo nosso amavel *cicerone.*

Descemos depois ao jardim, um verdadeiro jardim de sabios, onde se viam por entre as flôres mosaicos antigos e lapides com inscripções, e d'ahi passámos á sala ethnographica, onde um grande numero de manequins mostram aos visitantes os typos e os trajos de differentes povos. Abundam alli os objectos vindos do Oriente; muitas dadivas, que os

reis hespanhoes receberam dos rajahs indianos, depois de terem estendido o seu dominio ás regiões da aurora pelo facto de haverem cingido a corôa portugueza, encontram-se no Museu Archeologico, outras na Armaria... e as que os nossos reis recebiam todos os annos na frota de Gôa, as infinitas preciosidades que enviava para o thesouro portuguez o Oriente subjugado durante um seculo pelo nosso poder, onde estão, onde poderemos vêl-as? Onde estão depositados os titulos valiosos da vassallagem dos reis de Ormuz, enviados para o reino por Affonso de Albuquerque, e de cuja primorosissima sumptuosidade vem descripção minuciosa nos *Commentarios* do grande capitão? Não se sabe; desappareceram no terramoto: é a explicação universal de todas as perdas portuguezas. Ainda espero que cheguemos a um tempo, em que perguntemos pela India, e em que nos respondam: Desappareceu no terramoto.

Na sala ethnographica vieram ter comnosco outros dois cavalheiros, que nos acompanharam attenciosamente, com uma condescendencia egual á do nosso amavel cicerone. Um d'elles teve a bondade de me dar o seu bilhete de visita: D. Fernando Folgosio. Era um homem ainda moço, intelligente, illustrado, exprimindo-se em francez, com grande facilidade. Acceite elle n'estas paginas, onde deixo o seu nome, um testemunho sincero de sympathia do obscuro estrangeiro, que tão cordialmente acolheu.

Todos estes cavalheiros eram empregados no Museu Archeologico, de que é director, se me não engano, o distincto poeta D. Ventura Ruiz Aguilera, que n'essa occasião não estava em Madrid. Instavam todos para que prolongassemos a nossa visita; urgia o tempo comtudo, e, depois de havermos percorrido rapidamente as salas onde se conservam objectos das edades ante-historicas, teriamos saído, se o nosso bom amigo e companheiro de viagem Silveira Vianna não ficasse de subito fascinado pelo annuncio de que havia no Museu um magnifico gabinete numismatico.

Silveira Vianna é um colleccionador feroz; percorreria o mundo inteiro á procura da celebre moeda d'oiro do imperador Othão; endoideceria de jubilo se encontrasse um decadragma de Agrigento, e, se prefere as dobras de el-rei D. Pedro ás moedas falsificadas de el-rei D. Fernando, é apenas por serem um pouco mais antigas. Quando visitámos o Escurial, disse-nos o *cicerone* que havia um taverneiro na praça que tinha umas moedas de Philippe II. Silveira Vianna largou o Escurial e foi á caça do taverneiro. Imaginem que enthusiasmo lhe illuminou o rosto, ao saber que estava nas proximidades de um gabinete numismatico. Embrenhou-se logo n'uma erudita conversação com os nossos amaveis *ciceroni*, porque Silveira Vianna não é um simples *dilettante*, é um amador estudioso, que conhece a fundo a sua predilecta sciencia. A sua erudição illuminou-nos a todos com os seus reflexos. Houve um jornal hes-

panhol, que noticiou que «uns cavalheiros portuguezes, bons entendedores de numismatica, tinham apreciado muito o gabinete do Museu Archeologico.» Eu fiquei todo desvanecido com tão lisongeiro plural! Pois, muito confidencialmente, não ouso dizer se saberei distinguir um alfonsim de um cruzado novo.

Quando podémos arrancar o nosso amigo Silveira Vianna aos seus enlevos numismaticos, partimos para a Armeria, uma das grandes curiosidades de Madrid.

O edificio é mesquinho, não chega mesmo a ser edificio; a gente pergunta pela Armeria, indicam-nos uma porta d'escada ao canto de um largo, proximo das cavallariças reaes. Encontra-se fechada, tem de se tocar a campainha, e espera-se que o porteiro nos diga: Quem é que o senhor procura? Sobe-se uma escadita de Alfama, e entra-se finalmente n'uma vastissima sala, de altas paredes, todas forradas e tapetadas de tropheus e de bandeiras. No centro da sala estão dispostos n'uma phalange compacta corpos d'armas a pé e a cavallo. A luz clara e alegre do sol matinal reflectia-se nas armaduras polidas, mas, se visitassemos a sala ao caír da tarde, a impressão devia ser formidavel, principalmente pelo contraste com a mesquinhez da entrada. Imagine-se que sentimentos nos salteiariam o espirito, se, depois de termos subido a estreita escada de um predio de Alfama, chegassemos ao primeiro andar,

viesse um Templario abrir-nos a porta, e nos introduzisse n'uma sala, onde vissemos uma turba immovel e silenciosa de cavalleiros, e de homens de armas da edade média. Gelar-nos-hia de terror essa estranha apparição.

Quando o catalogo nos orientou, sentimos de subito passar-nos diante dos olhos a visão dos seculos extinctos, o confuso panorama das épicas batalhas, onde figuraram todas essas armaduras, por baixo das quaes palpitaram intrepidos corações, todas essas espadas manejadas por mãos robustas, onde tremularam, soltas ao vento da peleja, essas bandeiras que hoje tapetam modestamente os tectos de uma singelissima sala. Este elmo poisou na cabeça do condestavel de Bourbon, talvez no momento em que elle cercava em Roma, desdenhoso catholico, o Santo Padre Clemente VII; aquella meia armadura vestiu-a Manuel Philisberto de Saboya, o vencedor de S. Quintino, o glorioso filho da infanta portugueza D. Beatriz; esta é a armadura de D. João de Austria, o heroe de Lepanto, o sympathico moço perseguido toda a sua vida pela inveja sombria de seu irmão; além está a armadura inutil do pobre principe D. Carlos, que a lenda historica transformou em heroe de romance, e que foi apenas a pouco interessante victima do algoz coroado que lhe dera o ser.

Olhemos para este lado; aqui temos o montante de Diogo de Parêdes, um Rodamonte por ahi além,

cujas façanhas constituiam o ideal de D. Quixote. Lá falla Cervantes no robusto e intrepido cavalleiro. Para todos os lados, para onde nos voltemos, encontramos armaduras sumptuosas do imperador Carlos V, que passou uma grande parte da sua vida nos acampamentos, expondo a sua imperial pessoa ás desagradaveis surprezas de Inspruck. Abundam tambem bandeiras, armaduras, capacetes, primorosamente lavrados, cheios de inscripções arabes. São os tropheus de Lepanto, d'essa gloriosa batalha que foi um dos jubilos da christandade do seculo XVI. O sombrio Philippe II teve, parece-me, tres grandes alegrias na sua vida: a noticia da Alcacer-Quibir, a noticia de Lepanto, e a noticia da tomada de Antuerpia.

Eis as armaduras dos generaes do imperador. Já fallámos na do condestavel de Bourbon, aqui nos apparece a do marquez de Pescara, além uma armadura milaneza de Antonio de Leyva. Esta meia-armadura vestiu-a Garcilasso de la Vega, brioso soldado e dulcissimo poeta; aquella armadura de cavalleiro pertenceu a Fernão Cortez, foi talvez a mesma em cuja polida superficie scintillaram os raios do sol americano, quando as aterradas populações mexicanas viram apparecer de subito aquelles homens vestidos de ferro, e montados em animaes desconhecidos. A meia armadura de Juan de Padilla, um dos chefes da revolução dos *comuneros*, tambem se ostenta na sala; a pouca distancia vê-se

a armadura do marquez de Santa-Cruz, que, derrotando a esquadra franceza de Strozzi, e tomando a ilha Terceira, destruiu as ultimas esperanças da independencia portugueza. As armaduras do general democratico e do general cortezão contemplam-se friamente, e o mesmo raio de sol faz-lhes resaltar das laminas o mesmo scintillante reflexo.

Nos armarios brilham as espadas historicas; aqui a espada de Boabdil, que não logrou salvar Granada, além a de Jayme de Aragão, terror dos Moiros, mais adiante a de D. Diogo Hurtado de Mendoza, cuja penna ainda é mais celebre, a do Grão-Capitão, que, para ser mais leal do que o eminente guerreiro que a manejou, não precisava de muito, depois a de S. Fernando, santo militante, como S. Luiz rei de França. Aqui nos surge a espada de Pelayo, rude e forte como a tempera dos Godos das Asturias, dos vencedores de Cangas de Oniz; comparando a sua cruz singela, a sua lamina despolida com os alfanges scintillantes de pedrarias dos mahometanos, vemos a fiel imagem das duas civilisações, que principiaram no seculo VIII a sua longa lucta. Pouco adiante da rude espada que deu começo ao incessante batalhar, podemos ver o gracioso espadim que lhe poz termo. É uma espada valenciana de Isabel a Catholica. Sabem os leitores que a energica rainha assistiu ao cerco de Granada, animou os combatentes, e deu a esse ultimo episodio de tão prolongada guerra uma feição cavalheiresca. Entre

essas duas laminas, a da grosseira espada de Pelayo e a da fina espada valenciana de Isabel estão oito seculos de pelejas, está a formação da nacionalidade hespanhola.

Agora temos as espadas legendarias, a Colada do Cid, a espada de Bernardo del Carpio. Tinham nomes proprios as espadas dos antigos cavalleiros, não por mero capricho, mas porque se lhes attribuia uma individualidade propria. D'algumas se dizia que eram *fadas*. A espada celebre do Cid era a *Tizona;* com essa é que elle emprehendia as grandes façanhas; a Armeria, segundo parece, não póde apanhar esse gladio maravilhoso, teve de se contentar com o substituto. Mas, quando já houve quem pozesse em duvida a propria existencia do Cid, como podemos jurar na authenticidade das espadas? Bernardo del Carpio é tambem um sujeito, que as brumas legendarias de tal modo affogam, que mal se lhe póde distinguir a individualidade historica. Os romances fizeram d'elle um heroe por ahi além, e as chronicas depois copiaram os romances, curiosa evolução litteraria, primorosamente estudada e comprovada por Ticknor. Aqui temos tambem a espada de Suero de Quiñones, o cavalleiro andante que sustentou um Passo d'armas que ficou celebre na historia. Collocou-se este maganão n'uma encruzilhada, e não deixou passar cavalleiro que se não batesse com elle em justa leal. Quando passava alguma dama, tomava-lhe uma das luvas, que tinha de ser resgatada

por algum outro cavalleiro galanteador. Vão lá fazer a policia das estradas com semelhantes impecilhos! O pobre do D. Quixote julgou que ainda podia fazer d'estas extravagancias, e por isso levou bordoada a torto e a direito. *Alteri tempi, alteri pensieri.*

Passemos rapidamente, sem nos determos nem na espada de Francisco Pizarro, o conquistador do Perú, nem na armadura de Christovão Colombo, nem na armadura equestre do marquez de Vilhena, e rectifiquemos um erro historico do catalogo ácerca de um objecto de origem portugueza. É uma esplendida armadura completa, que tem o n.º 2:419, e que assegura aos nossos artistas do seculo XVI um verdadeiro triumpho n'aquella sala, onde estão reunidos maravilhosos especimens das fabricas d'armas de todas as épocas e de todos os paizes. Referindo-se a ella, diz o catalogo o seguinte a pag. 162: «Esta armadura foi dada de presente a el-rei D. Philippe II por el-rei D. Manuel de Portugal. A perfeição do seu trabalho, que é assombroso, a bellesa do estylo e a puresa do debuxo revelam n'este arnez os grandes artistas do seculo XVI.»

Concordamos plenamente com a apreciação do auctor do catalogo, mas só achamos difficil que el-rei D. Manuel désse um presente qualquer a Philippe II. Tendo D. Manuel morrido em 1521, e tendo Philippe II nascido em 1527, este ligeiro inconveniente impedia-os, no meu entender, de trocarem essas provas

de affecto. Mas a armadura é incontestavelmente de origem portugueza, tanto que lá tem gravadas as quinas. Ora ou o presente foi dado por D. João III, ou Philippe II fez a alguma armadura, que pertencera a el-rei D. Manuel, o mesmo que elle e os seus successores fizeram aos canhões portuguezes, que foram quasi todos dar um passeio até ao arsenal de Sevilha.

Alli estivemos largo espaço, embebidos nas recordações historicas, suscitadas por esta preciosa collecção, e admirando tambem os primores artisticos de muitas d'essas armas offensivas ou defensivas. Ha principalmente escudos deslumbrantes. Como o velho Homero na descripção do broquel de Achilles, os grándes artistas dos seculos XV e XVI davam largas á sua phantasia ao lavrarem os ornatos de alguns escudos. Estes representam caçadas e combates, aquelles ostentam allegorias, outros episodios historicos ou de poemas conhecidos; a imagem de S. Thiago na batalha de Clavijo repete-se n'uma immensidade d'elles. Clavijo é o Ourique dos Hespanhoes, e S. Thiago appareceu ao rei Ramiro tão incontestavelmente, como Christo crucificado ao nosso D. Affonso Henriques.

Quando saímos, viemos conversando no que viramos, e fazendo uma reflexão que acode ao espirito de todos, em presença d'estas pesadissimas armaduras, e d'estas lanças colossaes. Como podiam os nossos antepassados mover-se, correr, e pelejar

com semelhantes trambolhos! Cada um deu a sua explicação, e Claudio José Nunes aventou, com applauso geral, a idéa de que todas aquellas armaduras, lanças e espadas tinham sido feitas de proposito para embaçar a posteridade, de accordo com os chronistas do tempo. Estando na ordem do dia a demolição da historia, eu suggeri que, sendo inacreditaveis as crueldades e as devassidões dos imperadores romanos, era de suppôr que Suetonio e Tacito não fossem mais do que jornalistas da opposição esbravejando contra o governo, e que os Cesares tinham perdido no conceito do futuro, por não haverem chegado ás nossas mãos os livros governamentaes do seu tempo, que nos permittissem tomar a media das diversas opiniões.

Ainda paradoxavamos e riamos, quando chegámos ao Congresso.

VII

O Congresso — Aspecto da sala — As sessões nocturnas — A questão da Internacional—Varios oradores—Emilio Castelar—Alonso Martinez — Martinez Izquierdo — Nocedal—Segunda visita—As salas — O quadro dos comuneros — Uma apparição phantastica.

Começam tarde as sessões do Congresso em Hespanha. Abrem-se ás tres horas habitualmente, e duram até ás sete e meia. Não admira pois que nos dirigissemos, ao cair da noite, para o parlamento hespanhol. Subimos as escadas, mergulhadas n'uma penumbra mysteriosa; andámos perdidos nos corredores, sem sabermos para onde haviamos de dirigir-nos. De quando em quando abria-se algumas das porta das tribunas, e sentiamos uma bafagem

de ar tepido, um rumor confuso dominado por uma voz potente. As galerias estavam atulhadas de espectadores. Dirigimo-nos emfim a um porteiro; aquelles d'entre nós que eram deputados invocaram essa qualidade, e o porteiro logo se apressou obsequiosamente a conduzir-nos á tribuna reservada dos senadores. Emquanto o seguiamos pelos corredores atapetados, quasi apenas illuminados pela frouxa claridade do crepusculo, íamos continuando a ouvir a mesma voz sonora, que parecia acordar todos os echos do parlamento. «Quem está fallando? disse um de nós para o porteiro—Emilio Castelar, respondeu elle.»

Ao ouvirmos esse nome magico, precipitámo-nos na tribuna. Era uma ventura inesperada; ouvirmos, assim que chegavamos, o orador poeta, o esplendido Castelar!

A sala tinha um aspecto solemne. Como não é muito grande, enchem-n'a completamente os deputados, que, além d'isso, não podendo circular com facilidade, conservam-se nos seus logares, o que torna verdadeiramente magestoso o espectaculo do amphitheatro. Os partidos não se confundem na sala, como succede entre nós; fórma cada um a sua phalange compacta. Na extrema esquerda estava o grupo dos republicanos, seguia-se o dos zorrillistas, depois carlistas, affonsinos, união liberal e sagastistas na extrema direita, formando a maioria do ministerio Candau-Malcampo. Ao fundo da sala via-se a

mesa elevada do presidente. Estavam completamente cheias as galerias.

As sessões nocturnas tem sempre um não sei que de dramatico. Aquellas torrentes de luz artificial, que illuminam vivamente alguns pontos, deixam ficar as sombras aninhadas nos recantos, e mergulham uma parte da sala n'uma penumbra mysteriosa. A febre da paixão politica accende-se mais facilmente, n'aquelle scenario, que recorda os episodios mais notaveis do parlamento revolucionario da França. A noite de 4 d'agosto de 1789 viu desmoronar-se o velho edificio do privilegio; a noite de 10 de agosto de 1792 viu desabar a realeza de S. Luiz.

A sombra nocturna parece velar um pouco a voz dos oradores, dando-lhe uma intonação mais grave e mais solemne; o pallido reflexo das luzes ondeia na face dos tribunos, e accende-lhes nas feições a commoção da lucta. Depois a multidão indistincta dos deputados que escutam, immersos na sombra, e d'onde sáe de vez em quando um brado de reprovação ou de applauso, o mar ondulante de cabeças que se agglomeram nas galerias, a atmosphera da noite condensada por milhares de respirações, tudo exalta um pouco, tudo afina o nosso organismo por um diapasão mais elevado, tudo nos predispõe a enthusiasmarmo-nos, a agitarmo-nos com as peripecias da peleja parlamentar. É a impressão dos theatros, essa vaga electricidade que se produz á noite nas salas de espectaculo apinhadas de ouvintes, inun-

dadas de luz, e que actúa sobre os nossos espiritos, secreto mas poderoso cumplice dos prestigios da arte e das illusões da scena.

A sala do Congresso presta-se mais do que qualquer outra a essas impressões da noite. No fundo, aos dois cantos da casa, erguem-se as brancas estatuas dos reis catholicos. Na parede vêem-se dois quadros, representando, se me não engano, uns juramentos de Constituições. Immersos na sombra, os vultos de Fernando e Isabel presidem, silenciosos e tristes, a estes debates que elles não previram. Quando fundaram a nacionalidade hespanhola, julgavam ter ao mesmo tempo assentado a supremacia da corôa em bases inabalaveis, sobre os fóros menospresados dos municipios, sobre as ruinas dos solares da altiva e independente fidalguia.

Discutia-se então a existencia da Internacional em Hespanha. A situação politica era indecisa. Saira do poder o ministerio radical presidido por D. Manoel Zorrilla, em consequencia de uma votação da camara, que déra a presidencia a Sagasta. Esta votação, porém, resultára de taes combinações entre os varios partidos em que se divide a Hespanha, a maioria ficára por tal fórma indefinida, que d'esta crise resultára simplesmente um ministerio, para assim dizer, incolor, um ministerio de transição que se via comtudo a braços com graves difficuldades. Levantava-se-lhe debaixo dos pés a questão da Internacional, como depois lhe appareceu tambem a

questão do tributo sobre os titulos de divida publica.

A esquerda da camara defendia a legalidade da existencia da Internacional, em presença do direito de associação consignado na constituição hespanhola. Era justo. Comtudo, tempos depois, apesar do direito de associação e do principio da liberdade de cultos, foi combatida, pelos mesmos que defendiam a Internacional, a existencia dos conventos. Estas desegualdades, que constituem um privilegio para uma associação funesta, são deploraveis. Julgo pessimas as leis de excepção para a Internacional, como a que foi ha pouco tempo votada pela assembléa franceza, leis absurdas que não fazem senão transformar em sociedade secreta, e portanto duplamente perigosa, uma associação, cujos tramas se podiam combater á luz do sol, que não fazem senão dar a esses reaccionarios da demagogia a auréola de perseguidos, que põem nas mãos dos Rigault, e dos Ferré, tyrannos odiosos, o gladio sagrado de Spartaco, que transformam as casas da rua das Roseiras, onde se promulgam sentenças de assassinio, em catacumbas onde parece que se reunem, a abrigo de iniqua perseguição, os adeptos de uma lei nova de liberdade e amor; entendo porém que, se a Internacional não deve ser excluida do direito commum nos paizes onde existe, não póde de maneira alguma ser incluida na lista das associações que favorecem o progresso e a democracia. Nos paizes

que têem, sem restricções de especie alguma, o direito de associação, viva á luz do sol a Internacional, como poderiam viver os jesuitas de Loyola e os anabaptistas de João de Leyde, mas não mostre o partido liberal por ella uma tacita predilecção, concedendo-lhe direitos que nega a outras associações, que, por muito reaccionarias que sejam, não o podem ser mais do que essa sociedade, cujas idéas, applicadas ao organismo social, produziriam uma verdadeira reacção para as tyrannias asiaticas, como disse n'um dos seus escriptos o proprio Emilio Castelar.

O acaso collocára-nos n'um sitio, onde tinhamos por baixo de nós o grande orador que fallava. Ouvimos-lhe um brevissimo arrazoado. Estava quasi a encerrar-se a sessão, e o presidente dera a palavra aos oradores, que a tinham pedido para explicações. Castelar já pronunciára n'esse dia o celebre discurso, que os nossos jornaes traduziram; no momento em que entrámos, respondia brevemente a algumas observações dos seus adversarios. Causaram-nos grande impressão as suas qualidades oratorias. O gesto largo, a palavra fluente e colorida, a voz sonora e vibrante, a sua bella cabeça, já desprovida de cabello, tudo nos lembrava a saudosa imagem de José Estevão. Tem até, como o nosso grande orador, o habito de estar em movimento, quando falla, pelo menos tanto quanto lh'o permitte a estreiteza do logar. A sua argumentação nem sempre é solida»

mas coordena admiravelmente os raciocinios, apresenta-os debaixo da sua mais impressionadora fórma, e conquista os applausos d'aquelles mesmos que estão a reconhecer no intimo da sua consciencia a fraqueza das razões que expõe. Julgámos de todo o ponto merecida a grande reputação do eminente tribuno hespanhol, e tribuno lhe podemos verdadeiramente chamar, porque tem todos os predicados, todos os dotes do orador popular, do orador que arrasta comsigo as turbas, e desencadeia as revoluções: a paixão a inflammar-lhe e a illuminar-lhe a frase, o pensamento a exprimir-se sempre pela imagem, a eloquencia a dirigir-se antes ao sentimeuto do que ao raciocinio, a generalisação facil e constante. O orador conserva nos seus discursos todas as qualidades dos seus escriptos.

Seguiu-se-lhe um deputado, que nos pareceu distincto n'um genero completamente diverso: Alonso Martinez me disseram que se chamava. Esse respondia á linguagem ardente da paixão com a fria linguagem do bom senso. Pareceu-nos que era um homem de talento modesto e serio.

Tudo o que digo aqui é o reflexo das rapidas impressões do viajante; podia facilmente recorrer a uma galeria biographica, tomar de um livro as minhas apreciações, que assim não podem deixar de ser superficialissimas, logo que apenas as dicta o vestigio deixado no meu espirito pela audição fugitiva de brevissimos discursos; mas este livro não aspira

a ser mais do que um livro de impressões. Escrevo sobre o joelho, avivando na mente o panorama ainda não obliterado da minha digressão, nos rapidos momentos furtados a outras occupações e a outros estudos. Travo com o leitor benevolo, como se diria n'um prefacio, uma conversação despretenciosa; bom ou máo, já agora não desejo tirar a essas paginas, que ahi solto ao vento da publicidade, o caracter que de principio lhes imprimi.

A Alonso Martinez seguiu-se Martinez Izquierdo. Este orador produzia a mais favoravel impressão nos seus ouvintes, a ponto de se manifestar em palmas a approvação de uma parte da assembléa. Nas noites immediatas não se ouvia na Puerta del Sol senão o grito dos rapazes, que apregoavam o *Discurso de Martinez Izquierdo.* Não o podémos apreciar sufficientemente. Pareceu-nos um orador que arredonda cuidadosamente os periodos, mais um discursador academico do que um tribuno. Quem sabe quanto irá longe da verdade esta minha apreciação!

O ultimo orador, que n'essa noite ouvimos, foi Nocedal. Não podiamos sympathisar com as idéas d'este homem politico, adversario constante da liberdade em Hespanha, cujo nome está ligado a todas as perseguições de Isabel, e que é hoje o chefe da opposição reaccionaria. Fez-nos comtudo uma certa impressão a sua attitude fria e serena. Respeita-se a coragem nos proprios adversarios. Ora, apesar da extrema divisão dos partidos, é certo que a maioria

da Assembléa estava animada pelo sopro da liberdade, e zelava com ufania as gloriosas tradições da revolução de Cadiz. A sua attitude não era por tanto sympathica ao orador. Este comtudo expendeu friamente as suas idéas, levantando por mais de uma vez verdadeiras tempestades. Quando alguma das suas palavras provocava reclamações procellosas, Nocedal calava-se, deixava passar a tormenta para a qual não deixavam de contribuir as galerias, e depois repetia a palavra contestada, exactamente no mesmo tom em que já a pronunciára. Em quanto Castelar, com a sua eloquencia torrentuosa, a sua palavra apaixonada, o seu gesto amplo, a sua voz clara e sonora, personificava a revolução; Nocedal, com o seu modo sereno, o seu gesto sobrio, a sua voz pausada e mordente, o seu olhar frio e cortante como o aço, era a personificação da resistencia.

No dia seguinte voltámos ao Congresso, e assistimos ao principio da sessão. Ouvimos dois novos oradores, um, o celebre Bugallal, segundo nos disseram, conhecido pelo nome do homem do *lapis rojo*, porque marcava, no tempo de Isabel, com o lapís vermelho da censura os artigos de jornaes, que não podiam ser publicados; o outro, o sr. Candau, que era n'esse tempo ministro de *la gobernacion*, e contra o qual se cruzava, nos bancos dos differentes grupos da opposição, um verdadeiro tiroteio de interpellações. Desculpe-nos s. ex.ª, mas o seu olhar, as suas maneiras, produziram no nosso espirito a

convicção de que o illustre ministro dizia sempre exactamente o contrario do que pensava. Simples impressão physionomica.

Ao inverso do que succede entre nós, o publico entra para as galerias antes de se abrir a sessão, e os deputados é que esperam fóra que ella se abra. Podem fazel-o, porque no palacio do Congresso tem todas as commodidades, todo o luxo imaginavel. As suas salas magnificas, esplendidamente alcatifadas, fazem um contraste completo com a mais que democratica singelesa da nossa camara dos deputados. N'uma das salas, a sala das conferencias, vimos o celebre quadro dos *Comuneros*. pintado por Gisbert, e que figurava outr'ora na sala das sessões. Esse quadro, que commemora um dos mais notaveis episodios da historia da Hespanha, o supremo esforço tentado contra o despotismo centralisador do seculo XVI pela liberdade municipal expirante, é verdadeiramente uma obra magistral.

Quando sôa a hora de se abrir a sessão, o presidente faz a sua entrada processional, seguido pelos secretarios, que são quatro, e pelos maceiros, que se collocam immoveis atraz da sua cadeira, symbolos tradicionaes da dignidade suprema do chefe da assembléa legislativa.

Estes maceiros, mais proprios da formalista Inglaterra do que da Hespanha, causaram-me, na primeira visita ao Congresso, uma singular surpresa. Quando andavamos em procura da escada, que nos

devia conduzir ás galerias, parámos um instante ao fundo de um corredor, entre duas portas fechadas por pesados reposteiros. A sombra do crepusculo agglomerava-se n'aquelle recanto escuro. Subito vejo correr-se um reposteiro, e um homem, de cota bordada, chapéo de plumas, trajado verdadeiramente á moda do seculo XVI ou XVII, passar por diante de mim, lento e grave, e desapparecer por outra porta. A apparição, completamente imprevista, deixou-me assombrado. Julguei que, á força de ver quadros de Ticiano e armaduras de Carlos V, adquirira uma especie de daltonismo, e que, assim como os individuos, atacados d'esta doença, não vêem senão umas certas côres, eu ficára reduzido a não ver, em pontos de vestuario, senão trajos do seculo XVI. Já me aterrava com a idéa de contemplar todos os nossos homens politicos ornados de chapéo de plumas, e suppunha-me condemnado a ver o sr. José Luciano, e o sr. Sampaio travarem as suas luctas parlamentares com gibões golpeados e cabeções á Henrique IV. Ainda não me recobrára da minha surpresa, quando o reposteiro correu de novo no varão, e um outro vulto, vestido exactamente como o primeiro, atravessou o corredor com o mesmo passo lento e grave. Decididamente, pensei eu comigo, no Congresso ha apparições phantasticas, os homens politicos dos seculos extinctos vem de vez em quando saber como se governa a Hespanha. Naturalmente estes dois sugeitos, que

passaram diante de mim, são o principe d'Eboli e o duque d'Alba, reconciliados no outro mundo, ou o conde-duque de Olivares e D. Luiz de Haro, porque eu nem pude reparar em qual era a época verdadeira, indicada pelas modas dos espectros.

N'isto chegava Claudio Nunes com as informações necessarias para proseguirmos no nosso caminho. Contei-lhe a *sinistra aventura*, que me succedera *no corredor... no corredor*. Claudio Nunes desatou a rir, como se eu lh'a tivesse cantado com a musica da *Grã-Duqueza*, e deu-me a explicação do facto.

Eram os maceiros do Congresso.

VIII

Homens notaveis da politica e da litteratura hespanhola.—Sagasta.—Adelardo Lopes Ayala.—Os financeiros e o theatro.—Pi y Margall.—Emilio Castelar.—Indole do seu talento.—As suas lições de historia.—Conversação litteraria.—A idéa iberica.

Como bem se póde imaginar, era um dos meus mais vivos desejos conhecer pessoalmente alguns dos homens notaveis da nação visinha. Não acceitára porem em Lisboa nem uma só carta de recommendação; quizera conservar a plenissima liberdade do viajante. Claudio Nunes, porém, que já estivera em Madrid com mais demora, tinha alli numerosas relações. Voltando ao Congresso, antes de se abrir a sessão, fomos recebidos pelo sr. Sagasta, então presidente, hoje ministro. É um homem na força da vida; tez peninsular, cabello negro, olhar

fino e radiante de intelligencia, sorriso amavel de diplomata. Tivemos uma conversação de poucos minutos. Elle estava n'esse tempo entregue a todas as agitações da lucta. O seu adversario era, como todos sabem, o sr. Zorrilla, chefe da fracção do partido progressista, que se denomina radical. Não o podemos conhecer pessoalmente, porque um ligeiro incommodo o inhibia de assistir ás sessões do Congresso.

Qual d'estes dois homens notaveis tem a responsabilidade da scissão do partido progressista, scissão tão funesta á Hespanha? Não podemos dizel-o. É certo que esse acontecimento inaugurou na Hespanha democratica uma era tristissima, em que ás generosas aspirações dos revolucionarios de Cadix começam a substituir-se as ambições pessoaes, que nunca recuam diante dos actos de immoralidade politica, que desacreditam os partidos, e desorganisam o systema liberal. A colligação eleitoral de partidos profundamente divergentes é um dos primeiros symptomas d'essas transigencias funestas, que affrouxam as convicções, e semeiam o scepticismo no animo do povo. Quando os republicanos aconselham aos eleitores que votem n'um candidato carlista, quando um progressista radical sancciona com o seu voto o poder legislativo conferido a um isabelista, como póde a turba acreditar na sinceridade da eleição, como póde a camara dizer-se filha legitima da vontade popular? Um candidato republicano representa

por acaso as opiniões dos absolutistas, e dos monarchistas liberaes, que apoiaram a sua candidatura? E o que resulta de tudo isto? Uma camara heterogenea. Derruba o ministerio... e depois? Sobe um dos grupos ao poder, os ministeriaes derrotados vão juntar-se aos grupos excluidos, reconstitue-se a opposição, e o novo governo succumbe tambem, de fórma que as paixões, hoje congregadas, produzem uma situação anarchica, impossivel, sem solução imaginavel.

No olhar brilhante do sr. Sagasta, por baixo do seu sorriso, amavel, mas um pouco vago, podia já entrever-se o reflexo das tempestades que se preparam agora.

Teve elle a bondade de ordenar aos continuos que nos deixassem circular livremente por toda a parte, e, despedindo-se de nós, depois de nos aconselhar a que ouvissemos n'esse dia os srs. Salmeron e Rios Rosas, conselho que infelizmente não podémos seguir, deixou-nos partir para a galeria. Momentos depois um deputado hespanhol, que residira em Lisboa, e que se esmerou em obsequiar-nos, o sr. Terrero, veio procurar nos, e levou-nos á sala, onde se reuniam os membros do Congresso, antes de se abrir a sessão. Alli encontrámos o sr. D. Angel Fernandes de los Rios, que perderamos de vista, desde que elle nos salvára as malas, mas que não deixára de nos procurar em casa, não conseguindo encontrar-nos, porque nós poisavamos ape-

nas na hospedaria. Mostrando sempre a amavel obsequiosidade que o distingue, tratou de nos apresentar aos deputados, que julgou que nos seria mais agradavel conhecermos. A mim levou-me logo ao sr. D. Adelardo Lopez Ayala, que estava conversando a pouca distancia. É um homem de apparencia distinctissima e de physionomia perfeitamente juvenil. Orador primoroso, que já foi chamado ás cadeiras do ministerio, notavel poeta dramatico, o exito immenso da sua comedia *Tantos por ciento* rodeiou o seu nome da aureóla da popularidade. É que o dramaturgo fustigára, com mão segura e com generosa indignação, o prestigio insolente do dinheiro. Não ha tyranno mais respeitado, e não ha ao mesmo tempo tyrannia mais odiada. Todos se curvam diante da realesa do oiro, todos procuram com ancia, com frenesi, possuir uma fracção d'esse poder, e todos se indignam contra os que o exercem, e todos reconhecem o que ha de esterilisador para os affectos do coração e para as aspirações do pensamento n'esse culto que se presta ao deus milhão. Por isso quando alguma nobre alma de poeta ousa reagir contra o jugo, quando o olhar ironico e o labio sarcastico do escriptor dramatico ousam insultar o idolo em pleno theatro, a multidão applaude freneticamente, e corôa com os loiros da victoria o corajoso athleta. Assim o *Turcaret* de Lesage foi levado ás nuvens pela sociedade franceza do seculo XVIII, que ajoelhava aos pés dos financeiros: assim *L'Honneur et l'argent* de Ponsard, foi

enthusiasticamente applaudida, á noite, pelas platéas, que pela manhã venderiam a alma para se arrojarem ao jogo infernal da Bolsa; assim o *Tantos por ciento* de Lopez de Ayala causou delirio n'uma sociedade, que não manifesta pelo dinheiro, e pelos lucros amplissimos um excessivo desdem.

N'este momento passava junto de nós um sugeito idoso, de oculos e de barbas brancas, a quem D. Angel tambem nos apresentou. Era um dos ornamentos do partido republicano, o sr. Pi y Margall, economista distinctissimo, cujo nome é entre nós de certo bem conhecido. Emfim, vimos vir ao longe, caminhando apressadamente, porque já se abrira a sessão, D. Emilio Castelar. Em quanto eu lhe exprimia rapidamente a impressão que a sua eloquencia me causára e a admiração, que de ha muito votára ao seu brilhantissimo talento, não cessava ao mesmo tempo de o observar com soffrega curiosidade. Decididamente a figura não é tribunicia, mas a cabeça é bella e expressiva. Tivemos uns minutos de conversação, não querendo nós impedil-o de tomar parte na lucta, em que estava o Congresso empenhado. Estavam satisfeitos os nossos desejos; tinhamos apertado a mão de um dos primeiros oradores da Europa contemporanea.

Se houve já quem chamasse a Thiers *Mirabeau-mouche*, nós podiamos chamar a Castelar *Mirabeau-rossignol*; só assim poderemos definir bem o modo como se casam, na eloquencia do grande orador re-

publicano, a paixão torrentuosa e arrastadora do tribuno com o lyrismo exuberante do poeta. Nas assembléas politicas os poetas, que não deixam ficar no seu gabinete a lyra tradicional, apanham nas questões um incidente, aproveitam-n'o para uma digressão, e eil-os a bordarem phantasiosas variações sobre esse thema. Emilio Castelar não segue tal methodo; a poesia da sua linguagem espaneja-se em pleno assumpto. Tem a facilidade da generalisação; agrupa os factos que se discutem, ou os argumentos que apresenta, coordena com uma rapidez inacreditavel uma synthese maravilhosa, illumina-a com os reflexos da sua imaginação potente, encontra para cada argumento e para cada facto a expressão mais colorida, e mais melodiosa, e, sem se furtar nem por um momento ás exigencias da eloquencia parlamentar, sabe dar-lhe todos os ineffaveis encantos da poesia—a côr e a musica.

Na sua cadeira de historia é o mesmo que no congresso; as lições, que constituem o livro intitulado *A Civilisação nos cinco primeiros seculos*, são por esse lado admiraveis. Não ha uma só digressão; mas vemos desenrolar-se-nos diante dos olhos, em syntheses consecutivas, o panorama da civilisação antiga proxima do occaso, e da civilisação moderna na sua aurora, illuminado por um esplendor de linguagem que banha com os mais vividos clarões os acontecimentos e os personagens, que passam diante de nós, saindo vigorosa e phantasiosamente da

sombra, á medida que entram na irradiação d'aquelle grande espirito.

Imaginem que passam diante de Roma, illuminada pelo clarão argenteo, vivo e suave de um luar de agosto no céo azul da Italia. Agora surge da sombra o Colyseu melancolico e grandioso, logo a cupula de S. Pedro desenha no firmamento o seu arrojado perfil; aquella claridade poetica amacia os contornos, espelha no quadro umas tintas imaginosas, que nem sempre lhes deixam conhecer a severa realidade das coisas, mas que espectaculo maravilhoso lhes fica para sempre gravado no espirito! Arranquemos ao acaso algumas paginas d'esse magnifico livro; exemplos mais do que explicações fazem com que o leitor comprehenda a indole do talento de Castelar.

Oiçamol-o por exemplo, quando elle traça de relance o quadro geral da civilisação:

«O grande protogonista da historia é o espirito humano, e o instrumento do espirito é a liberdade. O homem, esse anjo caído, ponto de união entre o espirito e a natureza, ministro de Deus nas suas obras, que ergue com o pensamento a creatura ao creador; collocado entre o finito e o infinito, como entre dois polos; habitante do mundo sobrenatural pelas idéas, pela phantasia, e de esta apertada terra pelo corpo; antithetico, inharmonico, e destinado a comprehender e a realisar todas as harmonias; este anjo caído distingue-se dos seres arroja-

dos como um pedestal ás suas plantas; dos orbes, diamantes que lhe corôam a fronte; distingue-se d'estes seres pela sua liberdade, santa idéa, sem a qual a religião seria enganosa mentira, a sciencia vão phantasma, a justiça burla cruel, a sociedade um sepulcho, a consciencia um deserto, sim pela liberdade, sopro creador que ninguem póde roubar ao nosso espirito, e que, entre as trevas de todos os tempos, e aos pés de todos os tyrannos, e no seio de todas as tempestades, reluzirá sempre immortal, como a essencia do nosso ser, como a obra mais formosa e mais grandiosa do Eterno. A historia do mundo, disse um escriptor profundissimo, é a historia da liberdadade. A solidariedade humana é evidente, o homem é uno na historia. O homem na India estava encerrado na estreitesa da creação; immovel ao pé dos seus altares, perdia-se-lhe a consciencia na luz d'aquelles astros, como o pyrilampo nos raios do sol, a vida na seiva exuberante da natureza como a gota de chuva no mar. Um dia porém sentiu-se o homem triste; duas paixões luctavam no seu coração, duas idéas na sua mente, dois deuses no seu altar, e ousou forjar uma espada no fogo do sacrificio, e fez-se guerreiro, e sentiu-se mais forte, e chamou-se persa, e montado no seu cavallo foi disciplinando as raças asiaticas na sua eterna carreira para o Occidente. E outro dia o genio da civilisação surgiu nas montanhas do Libano; sentou-se o homem á sombra dos seus cedros, e viu ao longe

o mar que o convidava, como se fosse um céo na terra, com as suas prateadas espumas, com os canticos das suas ondas, e deu se o homem á navegação, e chamou se phenicio, e sentiu-se mais livre; e acorrentou os ventos, e lustrou os mares, e o seu destino transformou-se. Ao ver passar o navegante entre as floridas plagas do Mediterraneo, ergueram-se, como nereidas coroadas de perolas, a Grecia, a Italia, a Iberia; e a Grecia recebeu o genio phenicio; metamorphoseou-o nos seus valles, e, enlaçando-o com o seu proprio espirito, animou com o seu bafo vivificador o homem, e creou o cidadão; e Roma, abrigando o genio do Oriente e o da Grecia, as almas de dois mundos, no seu gigante seio, forjou a idéa de humanidade, e a humanidade, pelos seus grandes trabalhos, pelo seu continuado martyrio, pelas suas obras maravilhosas, achou-se emfim digna de receber no seio o espirito de Deus; e Deus e a humanidade uniram-se por meio do Verbo no Calvario, e nasceu d'essa união o mundo moderno; e no seu nascimento cercaram-n'o mil inundações, mil dores, mil inimigos, e parecia que ia desapparecer toda a grande obra da liberdade, e Deus levantou contra aquellas tormentas duas grandes fragas incontrastaveis, o castello feudal, para rechassar a força com a força, a Egreja para receber como em eterna arca santa os espiritos; e a Egreja chamou os Cruzados quando o feudalismo já não era necessario, quando rematára a sua obra, e debaixo do seu

manto nasceram as universidades destinadas a educarem o povo para acabar com os senhores feudaes, o direito romano destinado a quebrantar com a sua mysteriosa unidade o chaos do feudalismo, o municipio, pequena glande de que havia de nascer o carvalho da liberdade dos cidadãos, a authoridade dos reis destinada a formar as nacionalidades, e a imprimir na sua fronte a idéa de egualdade; e, quando esta obra se concluira, o espirito humano, exuberante de liberdade e de vida, não cabia no velho mundo, e Deus do fundo do Oceano fez saír outra creação mais esplendida, outro mundo mais formoso, e, ao calor das sciencias e das artes, o espirito humano cobrou vida nova, passou incolume por meio das revoluções modernas, arrancou do seio d'essas grandes tempestades novos direitos, novas idéas, e nós, filhos de tantas dores, de tantas grandes obras, nascidos n'esta terra ensopada em sangue e em lagrimas, coberta com o pó dos ossos de infinitos martyres, devemos conservar e engrandecer esta nossa personalidade, que foi a obra toda da civilisação, todo o grande trabalho da historia.»

Oiçâmol-o descrever-nos ainda o esphacelamento do mundo pagão:

«Senhores, a aristocracia está destruida, anniquilada; os cidadãos dispersos e fugitivos; os libertos enchem o Foro e as ruas; os escravos são tantos como os deuses; os veteranos de Cesar pedem poder e pão, e devoram o trigo reservado para o po-

vo; os legionarios de Sexto Pompeu, recrutados na classe infima da mais baixa servidão, passeiam, pela via Appia, com as suas togas de seis varas de largura, ou montados em soberbos corceis; reclinam os hombros, cortados pelos lategos dos senhores, nos templos patricios, pisam com os pés, que ainda conservam o estygma dos grilhões do mercado, o palacio dos senadores, e apoderam-se com as suas mãos, só proprias para o trabalho servil, das melhores terras de Falerno; os ferozes bandidos dos Abruzzos, de grandes braços, e meio-nús, vem perpetrar os seus roubos nas proprias ruas de Roma; o Senado, composto de mil homens, *deformis et condita turba*, muitos d'elles que mal sabem fallar latim, senado barbaro, filho do pensamento de Cesar, destroe a antiga Roma, e alli forja o novo homem e o novo seculo; os cavalleiros, os ricos, os potentados, não se atrevem a ir sentar-se nos bancos de preferencia no theatro com medo dos seus credores; a propriedade passada e trespassada de umas mãos para outras, de Sylla para Pompeu, de Pompeu para Cesar, de Cesar para Antonio, de Antonio para Octavio, sem deus Termo, sem augures, sem as antigas ceremonias religiosas que a garantiam, desfaz-se aos golpes da chuva de sangue que inunda o mundo; o pobre lavrador, esse artista da natureza, que provido reparte pelos homens a taça da vida, é arrancado do campo, onde a sua existencia tinha raiz como a arvore, e aparta-se, chorando,

com a sua familia despida e faminta, dos seus bois que o olham tranquillos, das ovelhas, que parecem mostrar no seu balido pena por tão triste partida, das pombas que alimentava e que pairam sobre a sua fronte, das doiradas messes que os pés de ferozes soldados devastam e estragam, e, em tão doloroso trance, não tem a quem volva os olhos, porque, para ser ouvido de Cesar, precisa de exprimir as suas queixas em som tão magoado e harmonioso como o cysne de Mantua, o grande Virgilio; os deuses, que podiam, com a sua influencia religiosa, occorrer a estes males, agonisam, sem fogo no altar, sem offerendas na ara; a caverna de Delphos, aonde iam os republicos interrogar os segredos dos Estados, e o numen do porvir, está vasia e muda; a Pythoniza, gelada de espanto e de terror, deixa cair a fronte sobre o marmore do altar, sentindo apagado já seu inextinguivel numen; até o Mediterraneo, alegre como os antigos deuses, formoso como a theogonia classica, se lamenta; e, em certo dia em que radiosa nave, como festim fluctuante, cruzava as suas ondas, ouviu-se ao longe triste e plangente voz, parecida com o gemido de um moribundo, que dizia ao piloto: «Thamusis, vae dizer á Grecia, que o deus Pan morreu» e lamentavam-se as vagas, e lamentavam-se as arvores da praia, e a brisa, que infunava suas brancas velas, lamentava-se tambem, e as ridentes costas repetiam o lamento, que se ia estendendo em varios echos desde as ilhas de Naxos

até ás margens do Epiro, lamento que exprimia a grande dor da natureza, proxima a cair dos altares e a perder seus attributos de deusa; de fórma, senhores, que esta época que historiamos, época grande e tremenda, é uma d'essas épocas de transição, como a que ha tanto tempo nós tambem vamos atravessando; épocas mui beneficas para o mundo, que segue novo rumo em seu caminho, e novos impulsos da Providencia, mas muito tristes para os que n'ellas nascem, porque, suspensos entre dois abysmos, entre o passado que conhecem e odeiam, e o futuro que amam e ignoram, costumam ser victimas das grandes e pavorosas explosões em que rebenta o mundo n'estas edades tremendas de renovação de todo o espirito, de mudança de todas as direcções da historia.»

Oiçamos finalmente o magnifico exordio da lição, que Emilio Castelar intitula *O Christianismo e o Oriente.*

«Senhores. Nas minhas anteriores lições, graças á benevolencia do publico, cujo affecto nunca agradecerei bastante, bosquejei o quadro do imperio. Para conservar as eternas harmonias da historia, a cadencia dos seculos, necessito voltar os olhos para a nova idéa, que n'aquella occasião descia do céo. Esta nova idéa é o christianismo. Mas, tendo tratado já, com a extensão compativel com o estreito circulo em que devo encerrar-me, dos precedentes historicos e religiosos do christianismo, vou tratar esta

noite da religião do espirito e de Deus, frente a frente com a religião dos sentidos e da natureza. E digo isto porque vou apresentar, contra o costume geral dos historiadores, o christianismo frente a frente com as religiões orientaes; porque assim resaltam com luz mais vivida e mais nova aos nossos humanos olhos os seus divinos dogmas. Eu não posso aproximar-me do Oriente, d'esse templo das revelações e dos mysterios, sem me sentir pasmado e confuso; o echo dos seus canticos, o aroma suave do sacrificio, onde ardem as essencias de todos os seres, a vista dos seus deuses cobertos de pedras preciosas arrancadas das entranhas da terra, e de perolas nascidas entre às algas dos mares, offuscam-me a vista e embargam-me o pensamento. Mas eu, entre os templos gigantes do Oriente, entre seus apinhados altares, entre os seus mil idolos de oiro, de prata, e de bronze, nos seus umbrosos bosques, onde viça no celeste lago o formoso lodão, e rasteja entre flores a symbolica e variegada serpente; entre as suas gerações de sacerdotes arrobados na meditação e no extasi, não procuro esse Deus immenso e multiforme, que vive produzindo, devorando e ruminando seres, que se deleita em respirar o vapor do sangue exhalado pela ara do sacrificio, que toma todas as fórmas desde a do tigre até á do homem, que se veste com todas as cores, desde a opaca tinta das negras nuvens até o azul desvanecido do claro céo, que consome todas as substan-

cias, desde a ardente lava que referve nas entranhas do volcão até á petrificada neve que corôa o pincaro das montanhas; não procuro de nenhuma fórma esse Deus, cujo alento cheio de vida me envenena como se fosse o halito da morte; procuro a cruz, esse affrontoso supplicio, d'onde pende um moribundo, cujo ultimo suspiro me refrigera e me renova o sangue como se fosse o alento da vida; a cruz, fonte inexgotavel de esperança, sol sempre fixo nos horisontes; que todos vimos ao abrir os olhos á luz da vida á cabeceira do nosso berço, a par do doce sorriso das nossas mães; que todos invocamos nas grandes tribulações e dores, pois, á medida que cresce o nosso espirito, vemos esta cruz divina estender-se, crescer, ensombrar todas as frontes; á medida que estudamos os seculos, vemos todos os poderes fugirem como sombras, e todas as civilisações dissiparem-se, e essa cruz divina fluctuar em todos os naufragios, esclarecendo os philosophos, inspirando os poetas, exercendo santa maternidade no nosso espirito; á medida que cresce a nossa razão, e vemos crescer tambem essa cruz divina aos nossos olhos, affirma-se-nos incontrastavelmente no animo a crença nunca obscurecida, nem eclipsada no mundo, de que essa cruz é a arvore da eterna vida, que com as suas flores perfuma de virtudes o nosso ser, e com os seus fructos alimenta o nosso pensamento, fortifica as nossas faculdades, e, acima de todas as nossas faculda-

des, senhores, a grandiosa liberdade do nosso espirito.»

Iamo-nos deixando arrastar, mais longe do que o permittem as dimensões d'este livro, pelo encanto d'este maravilhoso estylo. E não se imagine que são paginas selectas as que transcrevemos, arrancámol-as quasi ao acaso; estas syntheses tão luminosas succedem-se, encadeiam-se, formam a serie das lições de Emilio Castelar. Há n'ellas principalmente uma espontaneidade que maravilha. Eugenio Pelletan em França, na sua *Profissão da fé do seculo XIX*, tambem pinta, com palheta veneziana, o grande quadro da civilisação; mas sente-se que elle arredonda o periodo cuidadosamente, que o lavra, que o cinzela, que não cessa de polir laboriosamente as asperezas da frase. Em Emilio Castelar aquella exuberancia parece alheia á arte; o seu estylo orna a historia, como o acantho da tradição artistica ornou com a sua folhagem graciosamente recurvada o capitel corinthio. Como os musicos tem uma lingua á parte para exprimirem os sentimentos, que nós exprimimos na linguagem vulgar, o grande orador cortou naturalmente para si no idioma hespanhol um vocabulario mais melodioso e mais colorido. Quando quer exprimir as suas idéas, acodem-lhe as palavras que cantam, as phrases imaginosas que resplendem, os periodos a um tempo scintillantes e harmoniosos. Mas tudo isso jorra-lhe dos labios natural, torrentuoso, como o rio que se despenha em cataractas,

cujas espumas brilham, como diamantes, ao sol. As lendas classicas e romanticas podem envolver para o futuro Emilio Castelar no seu aerio veu; como a princeza dos contos de fadas, quando falla, póde dizer-se que lhe saltam perolas da boca; ouvindo os melodiosos discursos, que lhe manam tão facilmente dos labios, póde dizer-se ainda que as abelhas do Hymetto lhe espremeram em sonhos, como a Platão, o mel dulcissimo da eloquencia.

Voltemos ás salas do Congresso, onde, depois de termos deixado Castelar, nos demoramos em larga e deleitosa conversação com alguns cavalheiros distinctissimos pelo seu talento e pela sua erudição. Lembram-nos agora o sr. Barrantes, moço ainda, que se entrega com fervor a estudos historicos, mas cuja physionomia pallida e contrahida não revela saúde muito robusta. Tencionava elle vir a Lisboa procurar documentos para estudar a época do nosso rei D. João II; a palestra seguiu o rumo das grandes theorias historicas. Foi então que o sr. Barrantes mostrou por Alexandre Herculano a veneração mais profunda. Entrou no dialogo o sr. D. Patricio Escosura, muito conhecido em Lisboa, espirito original, exprimindo-se em frases sacudidas, mas que encerram sempre observações notaveis. Lembra-me ainda que n'esse dia sustentava elle a idéa de que a liberdade só pôde manter-se nos paizes, onde foi o privilegio de uma classe poderosa, e tomava essa observação como ponto de partida para

considerar como funesto o abatimento da nobreza, domada por D. João II em Portugal e pelos reis catholicos em Hespanha. Emquanto eu conversava com os srs. Barrantes e Escosura, Claudio Nunes palestrava com o sr. Moret y Prendergasti, que foi ministro da fazenda no gabinete radical, presidido por D. Manoel Zorrilla. É um homem elegantissimo, extremamento amavel, que parece muito novo ainda, mas que revelou, na sua passagem no poder, uma intelligencia brilhante e profundos conhecimentos.

Quando assim estavamos embebidos n'uma conversação, que privava a Internacional indistinctamente de adversarios, e de defensores, appareceu de subito o visconde de Moreira de Rey. Consigno o facto, porque na confusão da *gare* este nosso excellente companheiro de viagem perdera-se de nós, e fôra arribar a outra hospedaria. De vez em quando encontravamo-nos na Exposição, no theatro, no Congresso, trocavamos um aperto de mão, e sumiamo-nos de novo, cada um para seu lado, no occeano madrileno. Quando partimos para Lisboa, elle ficou em Madrid, teve occasião de se fazer ouvir n'uma reunião publica, e o seu improviso foi muito applaudido pelos nossos visinhos. Registramos o triumpho sempre agradavel a compatriotas.

Cito os tres que nos achámos presentes n'essa visita ao Congresso, porque, sendo necessario, posso invocar o testemunho dos meus dois amigos e collegas para confirmação do que vou dizer. Tivemos

occasião de tratar n'esse dia com alguns dos homens mais eminentes da politica hespanhola. Essencialmente delicados, abstiveram-se de proferir a mais leve frase, que podesse, ainda que remotamente, ferir a nossa susceptibilidade patriotica; sentia-se comtudo na sua linguagem, nos seus queixumes retrospectivos, nas imprecações com que fulminavam Philippe II, *que tivera nas mãos Lisboa*, dizia D. Patricio Escosura, *e não soubera fazer d'essa cidade a capital do seu vasto imperio*, sentia-se em todas as suas theorias historicas, em todos os seus desenvolvimentos ethnographicos a sua preoccupação constante, o seu devaneio predilecto, a idéa iberica. Essa idéa domina todos os espiritos em Hespanha com uma persistencia notavel. Não tem o caracter d'aquella *gallophagia*, que dominou por tanto tempo os allemães, e que ainda hoje os domina, apesar de saciada em parte. Estendem-nos os braços com affecto fraternal, que eu julgo sincero. Reprovam convictamente os pensamentos de conquista, preferem a propaganda. Estygmatisam com verdadeira indignação o procedimento odioso dos Philippes. Nutrem porém, apesar de tudo, o pensamento da união. Para elles é uma questão de tempo, e de habilidade. Julgam que, em logrando convencer-nos de que são muito nossos amigos, de que não alimentam idéas de supremacia, de que não tencionam transformar-nos em seus vassallos, nós não poderemos resistir por mais tempo *a su voz enamorada.*

A idéa de conquista está agora, no meu entender, muito longe do seu pensamento; repellem-n'a com sinceridade. Comtudo, quando a nossa obstinada casmurrice ultrapassar todas as raias, elles hão de perder as estribeiras, e temos comnosco a explosão. Por ora vae tudo bem; os nossos visinhos armaram-se de paciencia para comnosco; estão dispostos a empregar os meios brandos, e estão persuadidos de que hão de lograr convencer-nos, com mais ou menos trabalho, de que a nossa nacionalidade é um absurdo, contrario a todas as conveniencias ethnographicas, geographicas e politicas. Mas afinal hão de enfadar-se, porque o accordo é impossivel. Os nossos pontos de vista são diametralmente oppostos. Para elles Portugal é ainda o Portugal do seculo xv, uma especie de Aragão, cioso até ao exaggero dos seus foros, mais feliz do que o reino aragonez que viu para sempre extinguir-se, no cadafalso de Lanuza, a sua independencia provincial, illudido pelos Philippes que prometteram respeitar-lhe as isenções e mentiram á fé jurada, e que portanto se mostra rebelde a acreditar nas promessas de dualismo da moderna Hespanha. Nós encaramos a coisa por outro aspecto; embirramos em considerar os hespanhoes tão estrangeiros como os francezes ou os italianos; teimamos em que o Caya é uma fronteira tão respeitavel como o Bidassoa; julgamos que temos os mesmos titulos que a Hespanha para fazermos parte da communhão neo-latina,

que figuramos como planeta independente na familia européa, e não como satellite, e, emquanto elles olham para nós como o Piemonte olhava para Napoles, nós olhamos para elles como Veneza olhava para a Austria.

Esta divergencia absoluta nos pontos de vista é que me faz receiar que, cedo ou tarde, venhâmos a ter desaguisado. Esperemos que antes d'isso tenha prestado a Europa uma homenagem solemne ao respeito pela vontade dos povos, cuja violação constitue o direito de conquista, embora o acobertem as condescendentes theorias da sciencia moderna.

O que eu julgo comico é que se imagine que a Hespanha nos queira conquistar individualmente, e que o sr. D. Angel Fernandez de los Rios viesse encarregado de pescar os portuguezes a um e um. Não supponho que o distincto diplomata hespanhol esteja debruçado sobre Lisboa, de cana, linha e anzol, esperando com paciencia; e que, de quando em quando, ao sentir um estremeção, puxe vivamente a linha, e atire triumphalmente para as terras de Hespanha com uma enguia jornalistica, ou uma truta da litteratura.

Por isso agradeci sinceramente a cordeal hospitalidade dos madrilenos, apreciei a delicadeza com que todos procuravam disfarçar as suas ambições e as suas esperanças, e lamentei unicamente a illusão em que laboram, julgando que é possivel a união iberica sem as violencias da conquista.

IX

Vida de Madrid.—As capitaes.—Memorias heroicas.—Animação politica.—Um barbeiro republicano.—Madrid á noite—A Puerta del Sol.—Os cafés.—Luxo e miseria.—O Manzanares.—A Vista Alegre.—Madrid á tarde.—O Prado.—O Retiro.

A hora das sessões do Congresso é um symptoma do modo de existencia de Madrid. Na capital de Hespanha a vida quotidiana começa tarde, e acaba tarde tambem. Um dia, em que, tencionando ir a Toledo, perdemos o comboyo da manhã, andámos, para nos distrahirmos, percorrendo ao acaso as ruas de Madrid. Dormia a cidade *la grasse matinée;* só depois de termos dado um passeio quasi de uma hora é que nos mercados, que se fazem em ruas estreitas, começaram a apparecer as criadas para tratarem das suas compras. Almoça-se tarde, junta se tarde tam-

bem; depois do theatro prolonga-se o serão nos cafés até proximo da madrugada. É que Madrid tem todos os habitos de côrte; agglomeram-se ali os trabalhadores da intelligencia, os empregados e os vadios, tudo gente que tem o horror das madrugadas, e uma affeição particular ás lampadas nocturnas. Madrid tem uma certa semelhança com a Washington dos Estados-Unidos. Porque a escolheram para capital? Porque está no centro da Hespanha, e tambem para se pouparem os soberanos ao embaraço da escolha entre tantas cidades, que se julgariam com direito á primazia. Optariam por Sevilha que é o esplendor, por Toledo que é a tradição, por Barcelona que é a riqueza? Por nenhuma d'ellas. Lembraram-se de Madrid, crearam ali um municipio neutro, formaram uma gentil e artificial cidade, um acampamento perpetuo, mas um *Camp du drap d'or*, onde se reunem todas as magnificencias, mas onde falta o trabalho, uma cidade de consumidores onde escasseia a producção.

N'essa cidade onde se agglomeram, vindas de todos os angulos da Hespanha, as ambições febrís, as aspirações inquietas, não admira que a politica domine sem rival em todos os animos. E effectivamente, de manhã até á noite, não se pensa ali n'outra coisa. As sessões do Congresso são seguidas com uma assiduidade que nos espanta. As galerias estão atulhadas constantemente. Os cafés tambem nunca se encontram vasios. Todos discutem, fallam todos,

cada um tem um systema, cada um tem uma politica. Os radicaes e os republicanos predominam. Os grandes centros são sempre progressistas; nos campos é que domina habitualmente o elemento conservador. Madrid não é comtudo simplesmente palradora; adquiriu nobremente o direito de expender o seu voto e de exprimir a sua vontade. As suas ruas tem sido regadas por mais de uma vez com o sangue dos seus habitantes. Não escassearam nunca ali os martyres ás sagradas causas de independencia e da liberdade. Attestam-n'o maio de 1808 e junho de 1866. As pedras das suas calçadas tem ainda impressas as ferraduras dos cavallos dos dragões de Murat; nas paredes das suas casas está ainda gravado o vestigio da metralha de O'Donnell.

Eu tenho serias rasões para saber que o povo todo em Madrid se occupa de politica, porque, no dia seguinte ao da minha chegada, o barbeiro da hospedaria, emquanto me enchia a cara de espuma de sabão, houve por bem communicar-me a sua profissão de fé politica, e pôr-me egualmente ao facto da sua naturalidade. Soube que tinha a honra de estar sendo ensaboado por um filho de Pamplona, republicano, iberico e internacionalista. Admirador exaltado de Emilio Castelar, dignou-se dar-me uma idéa da mimica do orador, gesticulando com a navalha de modo que eu estava tremendo dos raptos oratorios.

Da sua conversação substanciosa e do modo como

desempenhou as suas funcções, deduzi eu que o homem era um excellente republicano, mas um pessimo barbeiro. Fiquei barbeado regiamente, o que, n'um tempo em que os barbeiros são republicanos, não se póde dizer que seja o ideal da perfeição. A cara ficou-me a arder... como Paris, e notei que a barba permanecera, naturalmente por ser uma instituição democratico-socialista, como se prova pelas photographias de Raul Rigault e de Ferré!

Á noite é que se manifesta a vida de Madrid em toda a sua expansão. Jorram por todos os lados torrentes de luz, e a Puerta del Sol apresenta um aspecto magico. As lojas magnificas e numerosas, entre as quaes notámos, pela sua elegancia e bom gosto, a de chocolate do celebre Mathias Lopez, concorrem tanto para a illuminação da praça como a propria municipalidade. Os botequins esses inundam de esplendor os passeios. A esta claridade quasi solar circulam magotes de povo com ar azafamado. Ouve-se o rodar das carruagens, o pregão guttural das mulheres e das crianças, que vendem a *Correspondencia* e pamphletos de todas as côres politicas. O *réclame* espaneja-se em toda a sua magnificencia na Puerta del Sol. Uma vez parei com curiosidade a ver dois marujos, que desenrolavam um pendão carmezim com letras d'oiro, semelhante aos das procissões. Quando elles o hastearam, vi que estava em presença do cartaz de uma companhia, que vendia não sei que generos com uma pasmosa

barateza. A febre do annuncio ainda não attingiu entre nós áquellas proporções.

Nos cafés é que principalmente se concentra á noite a vida de Madrid. São todos brilhantissimos; o café Imperial á esquina da Puerta del Sol e da Carrera de San-Geronimo, e o café de Fornos na calle de Alcalá esses são sumptuosos. Uma quantidade espantosa de bicos de gaz enchem de luz as salas; os espelhos reflectem e multiplicam até ao infinito aquelle magico panorama. Apezar da sua vastidão, os dois cafés estão sempre cheios de frequentadores de ambos os sexos. Todos fallam alto, riem, discutem, de fórma que a gente mergulha-se com prazer n'aquelle turbilhão, e sente dissiparem-se-lhe os fumos de tristeza que possam ennublar-lhe o pensamento.

Guarda o meu estomago uma saudosa recordação dos cafés de Madrid. Eu gastronomicamente fui muito infeliz em Hespanha; a refeição da noite era-me inhibida; torradas horripilantes de dureza, chá detestavel, café iniquo, e o chocolate... delicioso, segundo affirmam, porém eu, ó deuses, não gosto de chocolate. Ah! mas tive uma noite a inspiração de pedir um sorvete! Ó sultanas de Granada, moiras ardentes que preparaveis talvez na Alhambra, com as vossas mãos delicadas, os sorvetes perfumados de baunilha para os lidadores da Vega, que voltavam encalmados dos seus torneios com os christãos, fostes vós que ensinastes aos botequineiros hes-

panhoes o segredo d'estes adoraveis gelados? Eu, pelo menos, saboreando o meu sorvete de flôr de laranja, n'aquella salas cheias de luz, ouvindo a melodia guttural das vozes hespanholas, julgava-me transportado para o pateo dos Leões, ou para os jardins de Lindaraxa. Oh! é que o estomago tambem tem a sua poesia e o seu devaneiar! Quem bebe cerveja sente-se por força casmurro e taciturno como um Hollandez, e brutal como um Pomeraniano; quem saboreia um sorvete aromatico e fresco, sente-se logo impregnado na languidez lasciva das brisas orientaes.

Nos cafés é que se encontravam mais frequentemente os membros da fluctuante colonia portugueza. Foi alli que o acaso nos deparou um dia o nosso excellente amigo, o par do reino, Mello e Carvalho, que se perdêra de nós á saída do caminho de ferro. Contou-nos as suas aventuras. Depois de andar de hospedaria em hospedaria, sem encontrar logar vago, fôra salvo por um sereno, que abrira tranquillamente com uma chave a porta de uma casa de sumptuosa apparencia, e o convidára a entrar. Mello e Carvalho olhára para elle de revez, porque, não suppondo que alguem podesse ter a chave de uma casa que não fosse a sua, começava a imaginar que o sereno era algum principe disfarçado. A pouco e pouco é que nós viemos a perceber aquelle uso hespanhol. Os serenos tem uma certa zona que vigiam, e os proprietarios dos predios comprehen-

didos n'essa zona confiam-lhes as chaves das portas da rua, para darem de noite entrada aos inquilinos. Isto deve fazer com que os serenos sejam confidentes forçados de muitas aventuras, conheçam muitos segredos, e possam dar a explicação de muitos mysterios. As *Memorias* de um sereno deviam formar um livro curioso.

O *sereno* da nossa rua tinha a cara mais bonacheirona d'este mundo sublunar, signal de que a rua era pacata, e de que todos os habitantes se recolhiam a horas convenientes. Chamava-se Manoel. O nosso amigo Bandeira de Mello conquistára as suas sympathias. Apenas elle entrava na rua, e bradava «Manoel»! o digno sereno abandonava quaesquer outras occupações, e elle ahi vinha, de lanterna e de mólho de chaves, pôr o seu prestimo á disposição do viajante portuguez.

Até agora apresentámos Madrid á noite debaixo do seu aspecto deslumbrante; o esplendor dos cafés, a magnificencia das lojas, a sumptuosidade do theatro do Oriente, a animação da Puerta del Sol, tudo isto faz de Madrid uma verdadeira cidade de fadas; mas a par d'este luxo quanta pobreza, quanta miseria! Uma noite, em que voltavamos do theatro do Oriente, vimos uma pobre criança, uma vendedora da *Correspondencia*, dormindo sentada no degrau de uma porta. O frio era cortante, nós aconchegavamos, quanto podiamos, os nossos casacos e as nossas capas; a pobre criança, vestida de andra-

jos, dormia, ao ar gelido da noite, no degrau de uma porta, o somno da miseria e da fadiga! E vinhamos de um theatro, onde se abusava escandalosamente do veludo, onde superabundavam as doiraduras, onde corriam rios de diamantes emtorno do collo das senhoras, que se recostavam nos molles sophás da sala de espera, emquanto não chegavam as suas carruagens magnificas. Era pungitivo o contraste.

E repetem-se tanto! E são elles que motivam as declamações do socialismo, as queixas acerbas dos proletarios. E nós, pelo facto de admittirmos que não está no internacionalismo o remedio, não se segue que neguemos a existencia do mal, que nos surge a cada passo, profundo, doloroso, irritante.

Em Madrid o contraste é quasi tão saliente como na Inglaterra. A par das grandes riquezas ha a miseria profundissima. Fomos um dia visitar a esplendida casa de campo do sr. marquez de Salamanca. Fica situado o palacete, chamado da Vista-Alegre, n'um sitio que se denomina Los Carabancheles.

Á peine nous sortions des portes de... Madrid, assaltou-nos logo não o monstro classico da narrativa de Théraméne, mas uma turba de mendigos, que se atropellavam uns aos outros, perseguindo a carruagem, e bradando com voz esganiçada: *Una limosna, señoritos.* Atravessámos uma das soberbas pontes sobre o Manzanares. O leitor dispensa-me de accrescentar um epigramma aos tantos que tem sido

dirigidos contra esse rio... platonico. Sabem que se assevera que Madrid vendera o rio para pagar as pontes; conhecem o dito de Alexandre Dumas, que, depois de beber agua, dava ao criado da hospedaria o copo ainda meio, dizendo-lhe com toda a solemnidade: «*Va le porter au Manzanarés; ça lui fera plaisir*. Não augmentarei pois a longa lista dos epigrammas, tanto mais que o Manzanares tratára-nos com tal ou qual amabilidade. Em nossa honra tomára uns certos ares fluviaes. Ou fosse porque a municipalidade de Madrid, por occasião das viagens de recreio, tivesse mandado deitar, mais generosa do que Alexandre Dumas, dois ou tres barris de agua no leito do Manzanares, ou fosse por qualquer outro motivo, o que é certo é que por baixo das pontes corria um fio d'agua, representando um rio, como em S. Carlos quatro comparsas representam um exercito.

Chegámos emfim ao palacio do sr. marquez de Salamanca; não tentarei descrevel-o, ainda que está muito longe de ser um d'estes palacetes banaes, burguezes, opulentos, onde abundam o polimento e o oiro. Vê-se que é um homem de fino gosto o senhor d'aquella deliciosa vivenda. Espantou-nos porém a negligencia com que está tratada a quinta. Mas, apenas se entra nas salas, a admiração encontra largamente objectos em que possa saciar-se.

Descance o leitor; ainda não esqueci o meu Boileau, lembro-me perfeitamente do celebrado verso

Ce ne sont que festons, ce ne sont qu'astragales

e portanto dispenso-o de *se sauver á travers le jardin*. Deixe-me só communicar-lhe a tristeza que senti ao vêr resplandecerem nos salões do marquez de Salamanca, postos no logar de honra, magnificos moveis portuguezes do seculo XVI, lavrados e cinzelados, como sabiam lavrar e cinzelar os nossos entalhadores dos seculos transactos. Esses moveis, que ahi figuram, pulverulentos e desdenhados, nos nossos bazares, e ás vezes na propria feira da Ladra, soube o sr. Salamanca descobril-os, e aprecial-os. E com esses primores d'arte, que iam enriquecer os palacios do intelligente banqueiro hespanhol, cruzavam-se talvez no caminho alguns moveis banaes vindos de França, para adornarem as salas da nossa opulenta burguezia!

Entre as coisas, que mais nos impressionaram no palacio do marquez de Salamanca, devemos citar uma preciosa sala no gosto da Alhambra. Julgamonos transportados de subito para um palacio arabe, e na doce meia luz em que está immerso o aposento, podemos suppôr que vão passar por diante de nós as sombras das sultanas granadinas, que apaixonaram, com os vagos echos do seu alaúde encantado, Washington Irving, o suave scismador americano.

O que abunda tambem no palacio do marquez de Salamanca são os quadros celebres e as formosas estatuas. Os opulentos Madrilenos procuram todos

ter magnificas galerias. A do marquez de Salamanca é uma das mais celebres. Vimos apenas os quadros que ornam a sua casa de campo; além de optimas telas dos antigos mestres, havia na sala de jantar dois quadros modernos, de Gisbert, se me não engano, um intitulado *Os Puritanos*, e o outro ***Primeira entrevista de Francisco I com a sua noiva D. Leonor***, que são verdadeiramente magnificos.

Não citarei senão de relance uma formosa mesa de Sévres, que é o encanto de todos os visitantes, e o museu de antiguidades romanas de Pompeia, que mostra que o marquez de Salamanca tem todas as predilecções de um homem illustradissimo.

Não faltam em Madrid nem o bom gosto, nem a riqueza, e, como já disse, a opulencia contrasta de um modo pungente com a miseria. Uma tarde, percorriamos nós o Prado, no meio de centenares de esplendidas carruagens, a pouca distancia vimos passar um rebanho de cabras por esses terrenos vagos, com os quaes confina o magnifico passeio. Pareciano-nos o symbolo de Madrid no seu duplo aspecto de luxo e de pobreza.

Quantas vezes tem sido descripto o Prado! Qual dos leitores não conhece já pelos livros de viagem, pelas correspondencias dos jornaes, o Salão, a Fonte de Neptuno, a Fonte de Cybele, o obelisco de 2 de maio, sempre cercado de corôas votivas, todas as bellezas d'esse longo passeio? Descrevel-o de novo seria loucura; não posso deixar de dizer comtudo

que impressão pittoresca produz, ao cair da tarde, aos raios do sol poente, aquella fila immensa e profunda de carruagens e de cavalleiros, que enchem a larga e comprida alameda. O Prado é o Bois de Boulogne de Madrid, e até, para se completar a semelhança, as carruagens, quando chegam ao fim do passeio, dão a volta ao obelisco da Fonte Castelhana, como se faz em Paris *le tour du lac.*

Das 4 ás 6 horas da tarde, é o Prado o ponto de reunião de toda a fina sociedade de Madrid. As senhoras vão alli mostrar a sua formosura, as suas *toilettes*, e as suas carruagens. A primeira estrophe de uma poesia celebre de Musset tem applicação exclusiva ao Prado

Madrid, princesse des Espagnes,
Il court par tes mille campagnes
Bien des yeux bleus, bien des yeux noirs;
La blanche ville aux sérénades,
Il passe par tes promenades
Bien des petits pieds tous les soirs.

Recostadas mollemente nas macias almofadas dos seus trens, alli desfilam no Prado todas as bellezas aristocraticas de Madrid. Não se póde fazer idéa do movimento, da vida e do turbilhão que resultam d'esta agglomeração de passeiantes. As carruagens que se cruzam, os cavalleiros que passam a meio trote, os passeiantes pedestres que enchem as alamedas lateraes, as crianças que brincam, o murmurio das conversações, tudo isto debaixo de um céo

azul e sereno, entre a placidez e os esmorecidos esplendores de uma tarde formosissima, tudo isto retempera o espirito, mergulha-nos em pleno vortice da vida moderna, da vida expansiva e sociavel. Os nossos jardins publicos são lugubres, spleenaticos, aconselham o suicidio. Tem as grades e os guardas, e o passeio lento dos officiaes reformados, e as conversações em voz baixa. O Prado é radioso. O Prado á tarde, depois as ultimas horas da sessão do Congresso, em seguida os theatros, finalmente os cafés resumem a vida buliçosa de Madrid.

Saimos do Prado bem dispostos, exaltados pelos effluvios magneticos que se exhalam da multidão, vamos d'alli cheios de vivacidade para a palestra, para a lucta, para o enthusiasmo. Eu estou convencido que o Passeio Publico tem exercido uma influencia deleteria na nossa capital. A nossa indifferença politica, a nossa frieza litteraria emanam um pouco do Passeio Publico. Aquella alameda sinistra, com os cysnes, os peixinhos encarnados, e os guardas, recebe a população lisbonense animada e bem disposta, e devolve-a para os theatros, para os clubs, para o gabinete do estudo, soturna, preguiçosa, anemica. Quem destruir o Passeio Publico presta um verdadeiro serviço á civilisação da sua patria.

Madrid tem tambem um passeio melancholico, mas grandioso, nobre, com as suas alamedas amplas e aristocraticas, as suas altas arvores, o seu vasto lago senhorial. É o Bom Retiro. O Prado é o

passeio progressista: o Bom Retiro é o passeio conservador. Além a vida moderna, aqui a tradição. Além a agitação e perpetuo movimento; aqui o silencio e a solemnidade. Antes de irmos ao Prado, estivemos passeiando largo espaço nos jardins do Bom Retiro. O sol poente doirava as cupulas das arvores, uma brisa mansissima enrugava ao de leve as aguas tranquillas do lago, onde vogava uma gondola. Affastados por um momento do borborinho da cidade turbulenta, estivemos embebidos nas magestosas recordações do passado. E, já que voltamos para ahi o nosso espirito, permitta-me o leitor que o conduza agora ao Escurial. O Bom Retiro lembra a chronica official, cortezã e solemne da realeza; dentro dos muros do Escurial encontraremos a sua legenda sombria, e ensanguentada.

X

O Escurial.—Dois companheiros de wagon.—Aspecto do edificio.—O pateo dos reis.—O côro da egreja.—A crypta regia, e a chronologia do sachristão.—Uma estatua de S. Lourenço.—O palacio.—Aposentos de Philippe II.—Os jardins.—A' procura da grelha.—Regresso a Madrid.

Eu ia decidido a sentir uma impressão soturna e lugubre. N'aquelle pesado monumento, que o genio de Philippe II erigiu no meio de um deserto, está symbolisado um periodo da historia de Hespanha. Dentro d'aquellas sombrias e humidas muralhas definharam quatro gerações de reis; alli se escondeu o ascetismo livido dos soberanos, aquelle palacio-mosteiro foi a expressão perfeita do regimen fanatico e monachal, a que a monarchia hespanhola esteve sujeita. O Escurial portanto não era para mim um simples monumento, era um livro de historia. Claudio

Frollo não tem completamente razão; a imprensa não matou de todo o edificio; o monumento e o livro vivem a par, cantam as estrophes das epopeas e das elegias dos povos. O pensador lê com tanta clareza o nosso glorioso passado nos versos de Camões e nos capitulos de Fernão Lopes, como nos columnelos de Belem, ou nas arcarias da Batalha.

O caminho de Madrid ao Escurial é de uma aridez melancholica. Emquanto a paizagens, fomos infelizes na nossa digressão a Hespanha. Não vimos senão charnecas e rochedos. Por isso quando voltámos a Portugal, saudámos com gritos de amor os deliciosos panoramas de Constança, da Barquinha, do castello d'Almourol, e achámos risonho... o Alemtejo.

Quando me convenci de que era inutil a attenção com que eu olhava pelas portinholas do wagon, abri um «Guia de Germond Delavigne» e, encontrando no livro uns excerptos do *Tra-los-Montes* de Theophilo Gautier, relativos ao Escurial, li-os em voz alta aos meus companheiros de viagem. Iam comnosco dois Hespanhoes, um edoso e exaltado, typo de militar, o outro, de oculos, e de meia edade, typo de professor de rhetorica. Theophilo Gautier não era extremamente amavel com o architecto do Escurial, e os nossos dois visinhos, depois de ouvirem por algum tempo em silencio, não poderam conter-se, e protestaram em côro. Foi então que pude apreciar o tradicional exaggero hespanhol. Os

louvores do monumento foram entoados alternadamente, em estylo de Gongora, por esse Tytiro de oculos e esse Melibeu reformado. As suas duas vozes uniam-se depois n'um formidavel *ensemble* para arrojarem contra os Francezes em geral, e contra Theophilo Gautier em particular, uma torrente de invectivas. Este duetto, ora elogioso, ora virulento, foi o que nos impediu de adormecermos durante o fastidioso trajecto.

Poupo-lhes os pormenores da hospedaria, e ponho-os immediatamente, caros leitores, face a face com o monumento. A impressão, que senti, não foi a que eu imaginava. Ou porque a minha residencia de cinco annos em Mafra me houvesse habituado a estas lugubres e pesadas massas de pedra, ou porque a Mafra hespanhola seja effectivamente, como me parece, menos monumental, apezar de mais vasta, do que o edificio de D. João V, a verdade é que não senti mais do que o fastio que produz no nosso espirito uma enorme banalidade. Esperava experimentar um frio terror, sentir-me acabrunhado e triste, e estava apenas desapontado.

Entrámos emfim, e a impressão que eu procurava, lá estava escondida nos recessos d'esse mosteiro immenso. Apenas me vi no pateo dos reis, diante das estatuas colossaes dos seis monarchas israelitas, sentindo um frio glacial, no meio de um silencio pesado e lugubre, diante d'aquellas immensas paredes amarelladas, sobre as lages musgosas, como que

senti que a mão gelada de Philippe II me sequestrava do mundo dos vivos, e me inoculava a horrida melancholia d'aquelles claustros asceticos.

Subimos uma escadaria monumental, cujo tecto foi pintado por Luca Giordano, Luca *Fa-Presto*, como diziam os seus contemporaneos, admirados da rapidez do seu trabalho. Entrámos no côro que domina a egreja, e onde se mostra a cadeira, em que vinha sentar-se, livido e silencioso como um espectro, Philippe II. A imagem do homem fatal começava a perseguir-nos. A memoria do filho de Carlos V enche o Escurial, paira no seu ambiente como ave sinistra, espalha em todo o edificio, com a projecção das suas negras azas, uma penumbra aterradora.

Por traz do côro ha um nicho, onde se admira um Christo de Benevenuto Cellini. Fizeram bem em o collocar para alli, retirado e escondido. No lugubre Escurial não tinha logar de honra possivel essa estatua em que o marmore branco foi acariciado pelo cinzel amoroso do grande artista. Filha da Italia, precisa que a luz do sol a doire. Mas o Escurial foi construido por Philippe II para poder fugir do sol, que elle odiava, porque é a manifestação radiosa do Deus bom. E elle não queria conhecer senão o Deus das vinganças e dos terrores, o Deus que rodeiava com a auréola avermelhada dos autos de fé. O Escurial foi o ninho de pedra, que para si construiu aquelle mocho da realeza.

Passámos então á sachristia, onde se admira um

quadro magnifico de um pintor celebre, nosso compatriota, Claudio Coelho. A Hespanha enumera-o entre os seus pintores notaveis; mas, embora elle nascesse em Madrid, era filho de paes portuguezes, e o ter vivido na côrte de Carlos II, como hespanhol adoptivo, não impede que nos ufanemos de que fosse sangue portuguez o que corria nas veias d'esse artista insigne.

O quadro de Claudio Coelho, que occupa todo o retabulo do altar da Sagrada Forma, representa a perspectiva da propria sachristia onde figura, de modo que o retabulo parece prolongar a sala como se fôra um espelho. N'esta visita eramos acompanhados por uns poucos de artistas portuguezes, taes como o sr. Tomasini, o auctor d'essas deliciosas marinhas que foram tão admiradas em Madrid como em Lisboa, o sr. Leonel, cujas composições são muito apreciadas, o sr. Chaves, pintor de grande futuro; e, se me não engano, os srs. Bordalo Pinheiro, pae e filho, que em generos diversos conquistaram merecidissima reputação, tambem figuravam na caravana. Formaram um grupo, que se extasiou diante do quadro do seu antepassado artistico, ao passo que o sachristão explicava uns mysterios de corrediças que fazem desapparecer o quadro, e surgir a Sagrada Hostia, machinismo de magica religiosa que não joga senão em dia de festa de santo graúdo.

Este sachristão era um velhote impagavel. Mos-

trava-nos tudo de muito mau humor, e dava-nos as mais laconicas explicações. Ousei pedir-lhe que nos mostrasse o thesouro do Escurial, que Theophilo Gautier vira e descrevêra. Respondeu-me que o tinham levado os francezes. Os francezes em Hespanha são como o terremoto em Portugal, explicam todas as desapparições. Ainda me aventurei a lembrar-lhe que alguns viajantes tinham logrado ver o dito thesouro depois d'essa epocha nefasta. O homem aprumou-se todo, e declarou-me solemnemente que presenciára elle mesmo o roubo, o que não admirava, porque era, havia cincoenta annos, sachristão do Escurial. De mim para mim não achei que isso explicasse sufficientemente o ser testemunha de um facto, que devia ter-se passado dez annos antes de elle começar a exercer as suas funcções. Não me atrevi comtudo a dizer cousa alguma; porque eu respeito muito a sciencia e a veracidade dos *ciceroni*. Um rapazito dos seus quinze annos já contára confidencialmente ás senhoras, que nos tinham logo transmittido essa importante revelação, que uma estatua de S. Lourenço, existente no Escurial, fôra encontrada nas ruinas de Pompeia. Consignei a noticia nos meus apontamentos, para escrever, em occasião favoravel, uma memoria, baseada n'esse facto, que deve lançar muita luz na historia das origens do christianismo.

Ainda de mau humor pelas minhas intempestivas observações, o sachristão fez-nos descer uma esca-

da que nos conduziu á crypta dos soberanos hespanhoes. De subito achámo-nos n'um recinto, illuminado pela frouxa luz de uma lampada funeraria, e onde dormem o eterno somno, dentro dos seus caixões magnificentes, quasi todos os soberanos, que empunharam o sceptro das Hespanhas desde Carlos V até hoje. Que alluvião de pensamentos me tumultuavam no cerebro, emquanto ouvia distrahido as banalidades, que o sachristão resmungava com um modo enfastiado! Alli, a dois passos distante de mim, estava Filippe II! Bastava que eu estendesse o braço, que encontrasse o caixão aberto por acaso, para poder tocar n'aquella mão mirrada, n'aquella face que deve conservar na morte a funebre pallidez que lh'a tingia em vida! Um passo mais, e daria de rosto com o imperador Carlos V! Surgiria diante de mim o homem, que tanto pesára nos destinos do mundo! Descêra vinte degraus, e mergulhára de subito nas profundezas do Oceano da historia. Estavamos silenciosos; creio que na mente de todos adejavam os versos do admiravel monologo de Victor Hugo no *Hernani*. Fôra na boca do homem que alli jazia que o grande poeta puzera a sua magnifica evocação da sombra de Carlos Magno:

Charlemagne, pardon! Ces voûtes solitaires
Ne devraient répéter que paroles austéres.

Estavamos em presença do evocador. Não vinhamos pedir-lhe lições de realeza, mas, se podessemos

collar o nosso ouvido aos seus gelidos labios, pedir-lhe-hiamos que nos revelasse os obliterados segredos da sua agitada historia. Guardavamos silencio; o sachristão fallava em voz alta e alegre. Todos os dias aquelle homem alli desce para cuidar no Pantheon, para dar alimento á lampada. Todos os dias, cantarolando talvez, penetra na intimidade d'aquelles mortos, e, apesar das mil superstições pueris que lhe povoam o espirito, só não pensa que póde uma vez encontrar os pallidos phantasmas, empunhando a coroa e o sceptro, e conversando em voz baixa nos destinos da monarchia e nos mysterios da eternidade!

Quando saímos do Pantheon, respirámos com força. Pareceram-nos alegres aquelles corredores sombrios do Escurial.

Visitámos rapidamente a bibliotheca; não estava lá o bibliothecario, que nos dizem ser um cavalheiro muito instruido, e não podemos ver por conseguinte senão as curiosidades mais ou menos banaes, cuja relação figura em todos os Guias de viajantes; nem mesmo vimos o celebre Coran de Lepanto. Estamos a cada instante pronunciando este ultimo nome; é que os despojos d'essa batalha enriqueceram todos os museus de Hespanha.

Voltámos então á egreja, e, passando por diante da capella-mór, lá vimos de um lado as estatuas da familia de Carlos V, do outro as da familia de Filippe II, ajoelhadas na attitude da oração. Immoveis

nos seus mantos de bronze doirado, illuminados tenuemente pela frouxa luz que penetra na egreja, alli estavam o grande imperador e o sombrio rei, prestando orgulhosamente á Divindade a magnificente homenagem da sua eterna prece.

Restava ainda ver o palacio que nada tem de curioso. Tivemos comtudo de percorrer todas as suas salas banaes, para obedecermos aos caprichos dos *ciceroni*, que mostram com a mesma admiração um quadro de Velasquez, ou um naviosinho de pôr em cima da mesa, feito por um cego de Valencia ou não sei d'onde, maravilha que faria as delicias de um tendeiro retirado, e figuraria dignamente na sua sala entre uma redoma de flores de cera, e um bordado de missanga da menina da casa, mas que em pleno Escurial produzia uma desafinação incrivel. A muito custo nos vimos livres das amodernadas salas do palacio, onde ha apenas a notar os frescos das paredes, que são quasi todos de Goya, mas que ainda assim pouco valem, em comparação dos magnificos e tempestuosos esboços d'esse pintor febril, que ornam os muros do museu de Madrid. Atravessando a sala das batalhas, em cujas paredes se desenrola o panorama da victoria de S. Quintino, que deu origem ao voto regio, de que resultou o Escurial, chegámos emfim aos severos aposentos de Filippe II.

São simples, pequenos e tristes; uns quartos que parecem apenas as cellas de monges penitentes.

Mostram-se ainda alli, não sei se com a sufficiente authenticidade, o leito onde morreu o fundador do convento, a mesa onde escrevia, o banco onde tambem, segundo se assevera, se sentava Antonio Perez, o seu secretario, e, segundo se diz tambem, o seu rival em amores. Junto do leito ha um pequeno postigo; abre-se e vê-se de subito a capella-mór da egreja. Estamos no quarto humilde e modesto do fanatico, e de subito vemos diante de nós, ao descerrar-se o postigo, a estatua doirada do monarcha ajoelhado.

Aquelle quarto pequeno, onde Filippe II vivia encerrado no meio do vasto monumento que erigira, é o symbolo perfeito da sua existencia politica.

Filippe II foi a aranha monstruosa que herdou o imperio da aguia. Emquanto Carlos V, ave imperial, paira sobre o mundo inteiro, afferrando de subito com as garras possantes a presa que mais lhe agrada, Filippe II, escondido a um canto da sua vasta monarchia, urde silenciosamente os fios da teia onde hão de vir cair as provincias, os reinos que namora. A decadencia da raça austriaca não principia em Filippe III, principia em Filippe II. Carlos V era o genio luminoso e audaz; Filippe II é a paciencia laboriosa, que ás vezes consegue o mesmo que o talento brilhante. Desconfiado, venenoso, Filippe II não tem a colera expansiva, tem a raiva concentrada. Combate na sombra de que se rodeia; faz manobrar com delicias um exercito

de espiões. É um espirito subtil, mas acanhado e estreito. É despotico, porém não domina os outros pela manifestação de uma vontade forte; domina-os porque os traz enlaçados nos mil fios da sua mysteriosa intriga. Aquelle homem é um trabalhador infatigavel, lida sem descanso em cimentar, pedrinha a pedrinha, o seu immenso poder. Em cada despacho, em cada officio diplomatico, Filippe II accumula as notas escriptas pela sua letra com inexhaurivel prolixidade. Quando se nos depara na historia aquelle vulto sombrio, agachado no meio da sua teia que incessantemente amplia e complica, sentimos uma sinistra impressão, como se tocassemos sem querer no corpo frio e molle de um reptil immundo e peçonhento. A sua acção é lenta, corruptora, friamente cruel. Não póde vencer pela força os Paizes-Baixos, mas enerva-os, corroe-os lentamente. Em todos os pontos da Europa se encontra n'essa epocha o trabalho subterraneo, silencioso dos agentes de Filippe II. D. Luiz de Requesens, Alberto e Isabel nos Paizes-Baixos, Christovão de Moura em Portugal, os prégadores da Liga em França, todos trabalham segundo as inspirações do lugubre habitante do Escurial. O oiro, a intriga, o assassinio são os meios predilectos, o cadafalso e a fogueira quando é indispensavel; mas as victimas de Filippe II morrem quasi sempre mysteriosamente, como D. Carlos seu filho, como o falso D. Sebastião da Calabria. como M. de Montigny, como Es-

covedo. A violencia brutal e franca emprega-a o duque de Alba; mas o duque de Alba perde, talvez por isso, o valimento, e Christovão de Moura, o portuguez renegado, o comprador das consciencias, é o valido da ultima hora.

Comtudo, se os meios eram mesquinhos, eram grandiosos os fins, gigantes as aspirações. Uma ambição immensa devorava aquelle rei pallido e triste. Sonhava a monarchia universal, o mundo, a seus pés, unificado e humilde, queria nivellar debaixo do seu jugo os povos e as consciencias; uma só fé, um só governo, um só pensamento, e elle, no fundo do seu palacio sombrio, a saborear a voluptuosidade ineffavel de imprimir o supremo impulso a esse machinismo enorme. Na sua estreita e escura alcova illuminavam-lhe o espirito sonhos arrojados. Um dia sonhou o Escurial, um monumento que fosse um mundo, outro dia sonhou a Grande Armada, uma Atlantida fluctuante. Aquelle soberano, educado nos preconceitos religiosos do seu tempo, impregnou-se, mais do que ninguem, no espirito da egreja, porque a sua individualidade parece ser o reflexo das duas poderosas instituições do catholicismo authoritario: a Inquisição e a Companhia de Jesus. É, como a Inquisição, implacavel, e tem a ambição dos discipulos de Loyola. Todos os escrupulos desapparecem, para elle, em presença do fim a que aspira. N'estas grandes crises da humanidade, em que lutam duas grandes correntes, que pro-

curam arrastar comsigo os seculos e as gerações, as idéas adversas consubstanciam-se quasi sempre em certos vultos que as representam e symbolisam. Nos fins do seculo XVI encontram-se frente a frente Filippe II de Hespanha, e Henrique IV de França, o Escurial e o Edito de Nantes, o regimen theocratico e o pensamento liberal, o mosteiro ascetico e lugubre, e a carta de alforria da consciencia, e, como diria Claudio Frollo, *ceci tua cela;* o livro matou o edificio, e emquanto por toda a parte, á luz do seculo, no meio do turbilhão e da agitação da vida moderna, o pensamento livre se manifesta e expande, o mosteiro isolado e triste, sem monges nem rei, povoado apenas pelo phantasma de Filippe II, projecta nos campos solitarios a sua sombra immensa. O que resta d'esse terrivel Escurial, cuja imagem pesou durante um seculo no destino e no pensamento dos povos? Uma egreja silenciosa, onde os echos repetem tristemente o som dos passos do visitante, e uma crypta de reis, que um pobre velho allumia com uma lampada soturna. O que é hoje a formidavel basilica de Filippe II? Um tumulo n'um deserto.

Saímos do edificio; esta ultima impressão, produzida pelos aposentos de Filippe II, era a que nos devia ficar gravada no espirito. Percorremos um pouco distrahidamente os jardins, onde ha com effeito, segundo a phrase de Theophilo Gautier, mais architectura do que vegetação. Depois de nos retem-

perarmos, respirando largamente o ar puro do campo, cuidámos em duas coisas: no jantar, e n'uma visita á *casa do principe*, um palacete que é um precioso museu, e que fica a pouca distancia do Escurial.

Houve n'este ponto um incidente, que ainda hoje não está esclarecido, e que lançou a discordia no seio do nosso pequeno grupo. A esposa do meu bom amigo Silveira Vianna é uma senhora muito intelligente, muito instruida, de perfeita distincção; quiz porém a fatalidade que se lembrasse de que o Escurial devia ter a fórma de uma grelha, porque assim o exigira a consagração a S. Lourenço, que n'uma grelha fôra martyrisado. É difficil comtudo perceber-se o modo como as fachadas se dispõem para produzirem a similhança; e a nossa companheira de viagem entendeu que não deviamos sair d'alli, emquanto se não resolvesse o problema. O dr. Bizarro, um excellente moço, de esclarecidissimo espirito e de nobilissimo coração, embrenhou-se em identicas investigações. Silveira Vianna, eu e minha mulher, que achavamos mais importantes n'aquelle momento os bifes da hospedaria do que a grelha do Escurial, ainda tivemos paciencia por algum tempo; mas a final as fachadas não se desembrulhavam, andavamos de um lado para o outro, e a grelha cada vez se confundia mais. Então começámos a gritar, allegámos que constituiamos a maioria, demos a materia por sufficientemente discuti-

da, propozemos um voto de censura, e nada conseguimos. «A grelha!» respondiam-nos elles. Então descemos ás supplicas, insinuámos que isso de grelha fôra talvez uma patranha, inventada pelos historiadores, que o Escurial nunca tivera a fórma de uma grelha, que nem sequer estava sufficientemente provado que S. Lourenço tivesse sido martyrisado d'esse modo, que em todo o caso a grelha inventára-se para beneficio e não para prejuizo dos estomagos, e que deixarmos nós de jantar por causa de uma grelha era um facto completamente novo nos annaes da gastronomia. De nada nos valeu termos mudado de tom, e parece-me que, por uma vergonhosa transigencia, nos resignámos tambem a investigar o caso da grelha, para ver se apressavamos a resolução do problema e a hora do jantar.

Emfim soltou-se o *Eureka* tradicional; descobriu-se o ponto de vista d'onde se percebia a combinação das fachadas, e dirigimo-nos triumphalmente para a hospedaria.

O *casus belli* começa agora. Jantámos, e logo depois da sobremesa appareceu-nos á porta o carro, que nos devia conduzir á estação do caminho de ferro. Era a hora da partida do comboyo.

Portanto não nos foi possivel irmos ver a casa do principe, e, para cumulo de infortunios, encontrámos na estação o grupo de artistas nossos compatriotas, que não fizeram senão dizer-nos maravilhas d'esse pequeno museu.

Aqui principiam as recriminações: — Se não fomos á *casa do principe* foi por causa da grelha.—Foi por causa do jantar.—Para que precisavam de verificar de *visu* uma coisa que affirmam tantos historiadores fidedignos?— E para que é que precisavam de jantar em viagem, gulotões?—Para que precisavamos de jantar, acudiamos nós, essa é nova! Nós não nos alimentamos com o plano do Escurial. É demasiadamente indigesto. Exigem de nós uma abnegação superior á dos martyres christãos! S. Lourenço foi assado n'uma grelha, e resignou-se; mas, se o obrigassem a comer a grelha, S. Lourenço protestava. Isto não parece de compatriotas! Em Hespanha temos comido muitas coisas pouco substanciaes; mas até agora ainda nos não obrigaram a jantar architectura. Foi uma discussão interminavel. Quando chegámos a Madrid, invocámos a arbitragem de Claudio Nunes, que nos não acompanhára a essa digressão, e Claudio Nunes não decidiu coisa alguma. Está ainda a questão suspensa; vamos submettel-a ao tribunal de Genebra; mas eu sempre direi, leitores, que, se não vimos a *casa do principe*, foi por causa da grelha.

Uma das recordações mais agradaveis da nossa viagem é a da meia hora em que estivemos á espera do comboyo que se demorava. Estou a ver o quadro na imaginação. Fazia um frio asperrimo; o ar estava de uma limpidez, de uma pureza admiravel; nós passeiavamos, conversando e rindo; não

se ouviam senão vozes portuguezas; parecia que o Escurial fôra tomado de assalto. A lua affogueada surgia como um largo escudo vermelho no horisonte. Ouviam-se ao longe, nos campos, todos os rumores vagos do crepusculo; as linhas severas da paisagem esfumavam-se vagamente nas brumas da tarde. Estavamos longe dos conflictos mesquinhos, das preoccupações quotidianas, de tudo o que enturva e amargura o espirito. Era uma d'estas raras horas de repouso em que o combatente fatigado respira com desafogo as livres aragens, e saboreia com prazer as delicias da convivencia franca e amigavel.

O comboyo chegou emfim. Precipitámo-nos nos wagons, e d'ahi a um instante estavamos no caminho de Madrid. Pareceu-nos curta a viagem. Recordo-me que eu e o doutor Bizarro nos empenhámos n'uma longa conversação, em que percorremos, levados pelos caprichos das transições, todos os assumptos imaginaveis. Foi uma d'essas deliciosas *causeries*, que Alexandre Dumas tanto apreciava, diz elle, que ia de proposito de Florença, de Roma, de Londres a Paris para conversar.

Já era tarde quando chegámos a Madrid. Passámos o resto da noite nos cafés, e então no meio d'aquelle turbilhão de risos e de fallas, no meio d'aquellas torrentes de luz que innumeros bicos de gaz derramam, puz-me a pensar na lampada mortiça, que illumina a crypta dos reis no silencioso Escurial.

XI

Uma corrida de toiros.— Capitulo indispensavel.— O sr. Galdo.— Aspecto da praça.— A morte do toiro.— O circo de Roma e o amphitheatro de Madrid.— A carnificina dos cavallos.— Impressão geral.— Retirada desastrosa.

Ir a Hespanha e não ver uma corrida de toiros seria incontestavelmente um acto de mau gosto; livro de viagens na Hespanha, onde faltasse capitulo tão essencial, não encontraria meia duzia de leitores. Por isso os meus editores e amigos, Pedro e Caetano Afra, não tinham cessado de me recommendar que visse uma toirada, custasse o que custasse. Pois estiveram quasi ficando sem o capitulo. A epocha das corridas terminára já, e só em attenção aos viajantes do comboyo do recreio é que houve uma toirada no ultimo domingo, que passámos em Madrid.

Tivemos para essa corrida um camarote magnifico, devido á delicadeza de um cavalheiro que só tarde conhecemos, mas que se esmerou em obsequiar-nos, o sr. D. Manuel Maria Galdo, alcaide de Madrid. e hoje, segundo vimos nas ultimas noticias, senador eleito pela capital da Hespanha. É um dos homens notaveis do partido liberal progressista, e é ao mesmo tempo um homem de uma simplicidade, de uma affavel modestia que o tornam sympathico á primeira vista. Teve a bondade de presencear o espectaculo no nosso camarote, dando-nos todas as explicações com uma obsequiosidade encantadora.

Eu ia assistir á toirada, unicamente para cumprir o meu dever de viajante. Nunca frequentei em Lisboa a praça do campo de Sant'Anna, e confesso que não sou desviado pelos sentimentos philantropicos, mas pelo receio do fastio. Acho de uma insupportavel monotonia esse divertimento peninsular. Comtudo não havia remedio. Era necessario ver uma toirada em Hespanba.

Cheguei tarde, e perdi por conseguinte o brilhante espectaculo da entrada dos toireiros, e das cortezias. O panorama da praça era porém maravilhoso. Havia uma enchente real, e um tumulto indescriptivel. Eu chegava ao theatro em plena acção do drama. O toiro já tinha as pontas ensanguentadas, os cavallos já reluctavam tristemente á espora implacavel dos picadores. Cruzavam-se nos ares milhares de interpellações. Uma algazarra infernal, uma

vozearia de ensurdecer. Depois de contemplar por um momento o espectaculo animadissimo do amphitheatro, voltei os olhos para a arena.

Devo confessar uma coisa: houve um instante em que senti commoção bem diversa da indifferença com que assisto, de vez em quando, em Lisboa, ás corridas de toiros; foi quando o *matador* entrou em scena. O mais notavel dos tres que trabalhavam n'essa tarde era o Frascuelo. Creio que esteve em Lisboa; eu via-o em Madrid pela primeira vez. A elegancia com que elle, deitando aos hombros a sua capa escarlate, se fazia seguir pelo toiro enraivecido, o supremo desdem com que furtava o corpo ás suas pontas afiadas, produziam já uma certa impressão. O pulso bate-nos com mais rapidez, quando, entre os gritos delirantes dos espectadores, sôa o signal de morte. Vamos assistir a um duello tremendo; o perigo está alli evidente e palpavel; de um lado o toiro espumante, raivoso, curvando a cabeça ornada com as pontas já vermelhas, do outro lado um homem esbelto, enrolando no braço a capa provocadora, empunhando com uma das mãos a espada. Os olhos cravam-se involuntariamente nos dois actores d'aquella scena. Frascuelo, sereno e risonho, chama a si o toiro, sacode a cabeça com um gesto elegante, expõe o peito desarmado ao embate do animal enraivecido. Chega ao seu auge o terror tragico; devora-nos a febre das situações pungentes; no vasto amphitheatro reina um silen-

cio absoluto. Então o toiro escarva a arena com a pata impaciente; o matador espera-o com a espada em riste, com o peito descoberto, com os olhos cravados, com fixidez magnetica, no seu adversario. O animal investe emfim; Frascuelo furta-lhe o corpo com um movimento rapido e correcto, e a espada, cravada exactamente no sitio indicado pelas regras tauromachicas, ondula um momento na cerviz do toiro.

Então rompem de todos os lados applausos freneticos, a musica atroa os ares com os sons festivos, e não podemos deixar de confessar a nós mesmos que tivemos uma impressão violenta, que nos sentimos agitados durante cinco minutos pelo sopro tragico da scena.

Ah! mas a morte do toiro é que é um espectaculo pungitivo. O animal, que caíra aos pés de Frascuelo, sentiu ainda em si uns restos de vida, levantou-se sobre os joelhos, pareceu relancear uma vista de olhos por todo o amphitheatro, soltou um mugido longo e triste, depois recaíu, pesado e inerte, na arena. Aquella agonia de um ente vivo, que eu contemplava de luvas e binoculo, aquelle olhar que parecia procurar ainda o verde das pastagens tranquillas, o azul dos largos horisontes campestres, aquelle mugido triste que soava no meio da louca vozearia da turba, dos applausos delirantes e da musica festiva, do exaltado enthusiasmo de todos, produziu-me uma sinistra impressão. Ah! ponham

n'aquella arena dois gladiadores, que travem um duello de morte, façam caír um d'elles a um golpe artistico vibrado pelo seu adversario, e eu lhes juro que essa turba, faminta de commoções, insensivel ao espectaculo de uma agonia, applaudirá com o mesmo phrenesi o vencedor, e o ultimo suspiro do vencido exhalar-se-ha no meio da indifferença de todos, como se perdeu na confusão dos applausos o triste mugido do toiro expirante. O pensamento da fraternidade humana não terá imperio sobre a turba, porque esse pensamento é filho da reflexão, e, logo que não se repelle o hediondo espectaculo de uma agonia, póde-se estar certo de que, seja qual for o ente que expire, ha de encontrar a mesma indifferença.

O homem não muda com o decorrer dos seculos, nem com as conquistas do progresso. No fundo tem sempre as mesmas paixões, e os mesmos instinctos. A civilisação tende sempre a recalcar os maus instinctos, e a domar as más paixões. Colloquem-nos porém n'uma situação, ou dêem-nos um espectaculo, onde uma excitação violenta dissipe a influencia da educação e dos habitos polidos, e as paixões e os instinctos reapparecem sempre os mesmos. A torre de Ugolino da edade media reproduz-se na jangada de *Medusa* do seculo XIX; o circo de Roma reproduzir-se-hia no amphitheatro de Madrid, se diante d'aquella turba, inebriada com a vista do sangue, exaltada pelas commoções acres da lucta mortal, apparecessem de subito os gladiadores antigos.

E não se diga que é a arte do toureiro, a sua destreza e a sua bravura que enthusiasmam principalmente os espectadores; o que os exalta é a vista do sangue, fascina-os a côr vermelha como ao bruto, que alli na arena se arroja cegamente ás capas escarlates. A carnificina dos cavallos é uma coisa repugnante. Os picadores, nas corridas hespanholas, são uns comparsas encarregados de entregarem os cavallos ás armas dos toiros. Revestidos de uma armadura que lhes entorpece os movimentos, nem se esmeram em primores de equitação, nem tentam defender com arte os seus pobres sendeiros. Os espectadores a isso os incitam, bradando «Ao toiro, ao toiro». Esta indicação tem unicamente por fim obrigar os picadores a procurarem o animal furioso, para que este crave as pontas no ventre dos cavallos, e as saque depois fumegantes e vermelhas. O picador nem foge, nem furta o cavallo aos golpes. O toiro póde á vontade repetir as marradas, que redobra com isso o delirio dos espectadores. É esse um prazer verdadeiramente especial. Consiste unica e exclusivamente na vista do sangue, e dos intestinos do cavallo espalhados na praça. E não se fartam e querem mais, e avaliam a belleza da corrida pelo numero de cavallos mortos! Saboreiam com delicias aquella voluptuosidade hedionda. Eu, quando ouvia fallar n'uma corrida soberba em que tinham morrido quatorze ou quinze cavallos, imaginava ao menos uma lucta formidavel, uma

corrida vertiginosa, o picador defendendo-se com intrepidez e pericia, o toiro alcançando e prostrando o corsel, percorrendo victorioso a arena até succumbir aos golpes do matador. Enganava-me. N'esse ponto não ha lucta, ha matança. Vi com os meus proprios olhos um dos picadores, obedecendo ás exigencias da multidão, approximar o cavallo do toiro, pôl-o de modo que lhe fosse commodo matal-o, e tel-o alli immovel a receber a marrada taurina.

Aquelles miseros rocinantes apresentam ás vezes prodigios de vitalidade. Vi um cavallo branco sobreviver a cinco toiros. Parecia impossivel como elle ainda tinha sangue. Percorria a arena convulso, com movimentos sacudidos, e os toiros a investirem-n'o, a rasgarem-n'o, e elle sempre de pé! Os espectadores estavam indignados; o afferro do cavallo branco á vida transtornava-lhes todo o prazer da toirada. Saíram descontentes; os toiros não sabiam matar, o cavallo não sabia morrer. Tem havido toiros celebres em matança de cavallos; d'esses guardam-se em Hespanha preciosamente as cabeças, e creio que são veneradas como reliquias.

Não é só o gosto dos espectadores que exige esta carnificina estupida; é tambem, segundo me dizem, uma necessidade de *mise-en-scene*. O sangue dos cavallos é uma especie de absyntho, que desperta o appetite do publico; a excitação, produzida pela matança dos cavallos, entrega a turba mais

exaltada, mais febril, ao prestigio das façanhas do matador. Se o espectador estivesse tranquillo e distrahido no momento em que se trava o duello final, a victoria do toureiro excitaria talvez a admiração e o applauso, mas não o enthusiasmo delirante. Assim, quando se chega a esse momento, ha já um véu vermelho entre a arena e os espectadores; tem já estes os labios seccos, a voz rouca, e os olhos inflammados. Depois que impressão produziria no nosso animo a scena em que é protogonista Frascuelo, se o toiro tivesse apenas feito caír dois capinhas, e escorregar um picador? A idéa do perigo desappareceria; affigurar-se-nos-hia o combate facillimo; tomaríamos o toiro por um animal quasi inoffensivo. Mas, quando vemos a praça juncada de cadaveres, quando vemos o sangue correr a jorros, quando contemplâmos com um vago terror o toiro que brame furioso, que percorre ovante a arena, por entre os destroços que fez, com as armas ensanguentadas, procurando novas victimas, a impressão produzida pela figura esbelta do matador, que avança, quasi desarmado, apenas com a espada reluzente, levando enrolado ao braço o escudo fluctuante da capa, é verdadeiramente profunda. O matador saúda cortezmente os espectadores, brinda em voz alta e serena por todos os que presenceiam a lucta, e depois avança sem hesitação ao encontro do seu terrivel adversario. Então não podemos deixar de perceber que o duello é formi-

davel, que o perigo existe, que o toureiro vae affrontar a morte, cuja imagem paira em torno de nós sobre nuvens de sangue. Já vêem que à *mise-en-scene* é indispensavel; o toureiro precisa de dar bastante realce á ferocidade do seu inimigo, para tornar mais brilhante a sua propria victoria.

Saímos da praça dos toiros, já depois de fechada a noite. Levavamos uma impressão desagradavel. O tedio era o sentimento dominante. O meu excellente amigo, doutor Bizarro, ia indignado. Não cessava de me aconselhar a que fustigassse tão barbaro divertimento. Não me sinto com auctoridade bastante para isso, nem quero fazer entrar este livro despretencioso na senda da declamação pomposa. Limito-me a narrar sinceramente as impressões que experimentei. Não posso negar que estive por alguns momentos debaixo do imperio de uma irresistivel fascinação, que senti uma commoção violenta, que o duello do matador e do toiro me agitou quasi tanto como podem agitar-me as peripecias de uma tragedia de Shakespeare.

A carnificina dos cavallos causou-me um tedio impossivel de descrever. A agonia de entes vivos, presenceada indifferentemente por uma turba enthusiasmada, despertou-me uma singular especie de irritação. E n'aquelle amphitheatro apinhado de gente havia mulheres e creanças; não eram as que menos se deliciavam com o espectaculo!

Sim, a toirada hespanhola é um divertimento

iniquo. Agita as paixões brutaes, falla aos instinctos ferozes da humanidade. Estamos a cada instante combatendo as tendencias corruptoras do drama contemporaneo, que agita as paixões sensuaes, que inocula o veneno da criminosa languidez nas veias dos que escutam a linguagem lasciva dos auctores de certa escola.

É justa a censura. Mas o ideal da civilisação deve estar tão longe da ferocidade como da immoralidade. Nem Sybaritas, nem Cannibaes, e sobretudo lamentâmos o povo que tem, como os Romanos do imperio, espectaculos que perturbam os sentidos e desvairam a consciencia, e espectaculos que embotam a sensibilidade e ensinam a ser cruel, a bachanal e o circo. Nem tremedal, nem lago de sangue. Tristes então dos povos, que se atolam, como os Cesares romanos, em lama ensanguentada!

Devo confessar que a mocidade madrilena, que fôr da praça dos toiros aos Bufos Arderius, precisa de uma grande energia moral para resistir a esses dois dissolventes.

Não nos corria bem o ultimo dia passado em Madrid; á porta da praça esperava-nos uma pancada de agua formidavel. Julgámos obter facilmente uma carruagem, e avançámos com intrepidez. Baldada esperança! A multidão, que enchera as trincheiras, e que saíra primeiro do que nós, confiscára os trens, e aqui atravessâmos nós o Prado, a pé, fustigados por despiedosas cordas de agua. Ainda nos conser-

vámos unidos por um instante, mas a chuva implacavel transformou em breve a nossa retirada n'uma verdadeira retirada da Russia. Chamámos uns pelos outros, em alta voz, o vento levava os gritos, e resignámo-nos emfim a seguir cada qual o seu caminho, amaldiçoando a interminavel extensão do Prado que o torna tão brilhante em tardes serenas, mas que nos privava agora absolutamente de abrigo. Só na *carrera de San-Geronimo*, a dois passos de casa, é que encontrámos um trem. Estavamos litteralmente alagados, cheios de lama até aos joelhos, tudo isto para pagarmos o gosto especialissimo de vermos sangue de cavallo, e uns poucos de cadaveres levados a rastos da arena por umas mulas resignadas.

Jantámos de muito mau humor. Partiamos no dia seguinte, e, se avaliassemos Madrid pela ultima impressão que nos deixára, tinhamos que dizer muito mal d'ella. Esses caprichos comtudo são só permittidos a Byron, que tornou Lisboa responsavel pela sova que apanhou de um boleeiro, segundo a tradição assevera. Não tornemos Madrid responsavel pela pancada de agua que apanhámos no Prado, e enviemos á gentil e hospitaleira cidade um grato e saudoso adeus.

XII

Viagem de regresso.—Escassez de aventuras.—A resurreição dos bandidos.— Em pleno romantismo.— Uma flor de assafrão.— Um episodio da nossa historia.— A retirada celebre de D. Pedro de Almeida.—Entrada em Portugal.—As rosas do Crato.— O valle do Tejo.—Um cocheiro lisbonense.—A insurreição carlista.— Ultima saudação.

Na segunda feira 30 de outubro de 1871, ás 11 horas da manhã, partiu o comboyo, que nos devia reconduzir a Lisboa. Não tinhamos tempo senão de deixar bilhetes de despedida a alguns cavalheiros que mais nos tinham obsequiado. Cito entre esses o sr. Contreras y Gonzales, redactor do *Argos*, apesar de querer a fatalidade que nunca nos encontrassemos. Umas poucas de vezes nos procurou, pondo á nossa disposição o seu prestimo, e tratando-nos muito amavelmente no noticiario do seu periodico.

Esmerou-se tambem em nos dar provas da sua sollicitude e obsequiosidade um dos nossos amigos da ultima hora, o sr. D. Manuel Maria Galdo, que só na vespera nos conhecêra, e que veio comtudo despedir-se de nós á estação do caminho de ferro, aplanando todas as difficuldades, poupando-nos todo o incommodo com as bagagens, tratando-nos emfim com requintada amabilidade. Muitos outros dos nossos amigos ali appareceram, e entre elles a excellente familia do sr. D. Benigno Martinez.

Este cavalheiro estava então em Lisboa, e para Lisboa veio tambem comnosco um filho seu, creança intelligente e sympathica. A sua conversação ingenua e viva foi um dos encantos da viagem. Emprehendeu ensinar a pronuncia castelhana ao dr. Bizarro, que revelou incompatibilidades invenciveis com o *j* hespanhol. O doutor Bizarro é um implacavel adversario da união iberica; podem comtudo as circumstancias fataes obrigal-o a transigencias de qualquer ordem. Transigirá com as andaluzas, talvez até sem demasiada repugnancia, transigirá com os governos e seus respectivos fusilamentos, transigirá com as toiradas, com uma coisa assevero eu que elle não transige; é com o *j*.

Não teve incidentes notaveis a nossa viagem de regresso; atravessámos simplesmente as mesmas terras, por onde tinhamos passado á ida, percorremos a mesma estrada monotona e fatigadora, nem ao menos tivemos um episodio commovente, simi-

lhante a esse de que ha pouco davam noticia os jornaes. Refiro-me ao assalto de um comboyo pelos bandidos. Passámos proximo do theatro d'esse romanesco incidente. A estrada ferrea bifurca-se em Manzanares, segue um dos ramos para a Andaluzia, e outro vem caminho de Portugal. Pois foi, na linha andaluza, a pouca distancia do entroncamento, entre Manzanares e Val de Penas, que se praticou a façanha dos salteadores.

Viva a Hespanha! Decididamente é o unico paiz do mundo, onde existe o pittoresco. Todos diziam que o caminho de ferro matára a poesia das viagens, que se haviam dissipado com elle as aventuras de estrada real, as commoções, o imprevisto e o drama. Os salteadores tinham passado a ser um mytho; toda a gente suppunha que se mandára empalhar o ultimo bandido da Sierra Morena. Ladrões de estrada agora, com o caminho de ferro e o telegrapho electrico! Só se fosse algum D. Quixote da classe dos rapinadores, que, desvairado pela leitura dos romances de Paulo Féval, imaginasse resuscitar os heroes de bacamarte n'esta epocha de locomotivas! E a guarda civil trataria esse bandido quichotesco, da mesma fórma que a Santa Hermandad tratou o cavalleiro da Triste Figura.

Pois enganavam-se! Nas bochechas da guarda civil, dos wagons, dos fios electricos, da civilisação e dos candieiros de gaz, uns poucos de hespanhoes audaciosos trataram o caminho de ferro como um

desfiladeiro da Sierra Morena! E note-se que não esqueceram nem uma só das tradições do genero, a mascara de rigor, o bacamarte e a cinta, a amabilidade com as senhoras, a polidez com os homens! O chefe era João Sbogar em pessoa, um cavalheiro distincto, um pouco pallido, de olhos negros, brilhando através da mascara, nervoso e elegante, melancholico, fatal, um mixto de Lara e de Antony, com uns toques de Karl Moor. Mostrou perceber perfeitamente as obrigações romanticas da profissão, usou do bacamarte authentico, em vez de recorrer ao revolver ou á espingarda de agulha, respeitou os haveres dos passageiros, como os companheiros de Jehu, e só procurou o dinheiro da companhia ou do governo, mas teve um esquecimento imperdoavel... não raptou uma passageira. Isso merece acre censura. Quando é que viu, *caballero,* um chefe de bandidos, moço e esbelto, atacar um comboyo sem levar comsigo uma viajante, a quem ame desde que a viu no theatro ou no passeio, uma vez que foi á cidade, onde o recebiam nas melhores salas, suppondo-o conde de tal? Isto é uma tradição das mais authenticas, senhor!

Mas estamos em 1830, na aurora do romantismo! Resurge, Musset, e solta de novo ao vento, poeta estouvado e travêsso, os teus *Contos de Hespanha e de Italia!* Dom Paez, bebe de novo o teu philtro! Veste o fato de romeiro, Hernani! Acorda as tuas melodias, opera-comica de Auber! E nós a

rirmo-nos, desastrados, d'esse mundo semi-phantastico! a suppormos que tudo era Offenbach, e trens expressos! Abençoada sejas tu, Hespanha, que conservas preciosamente a mantilha e os salteadores, as *malagueñas* e os carlistas! Continuas a ser a inspiradora da poesia, a musa da zarzuela, a eterna heroina do romance! Ó vós, que fugis da prosa, que odiaes o caminho de ferro, vinde vêl-o vencido, humilhado pela aventura triumphante! Ó serenatas, guitarra lasciva de *Don Juan*, doidos boleros, *basquiñas* graciosas, toureiros de scintillante jaleca, bandidos de chapéu de *majo*, escadas de seda ondeantes ao vento na grade das varandas, Rosinas de olhos negros, Almavivas de capa aventurosa, viveis, reinaes, subsistis, apesar do caminho de ferro, apesar de Offenbach, apesar do rei Amadeu, apesar do realismo, e apesar da internacional!

Ah! mas o que nós não mereciamos á Hespanha é que nos não tivesse obsequiado com este prato de bandidos para a sobremesa da nossa viagem! Não o deviamos esperar de um paiz que tão hospitaleiramente nos tratou! A Hespanha sabe quanto são agora procuradas no mercado estas aventuras de salteadores, que se vão tornando raras! A Hespanha bem vê que se percorre a Europa inteira sem se encontrar este manjar especial! A escassez chegou a ponto de começarem os inglezes a encommendar bandidos artificiaes, que os surprehendam na estrada n'um ponto combinado, para lhes darem

ao menos um arremedo d'essas obliteradas sensações! E a Hespanha tinha bandidos ao natural, bandidos authenticos, e não nos fez a honra de nol-os offerecer! Lamentâmol-o sinceramente.

Já que o não fez por obsequiosidade, que o faça ao menos por especulação. Annuncie proximamente o seguinte: «Comboyo de recreio para Madrid! Bilhetes de ida e volta! Com ataque de bandidos, 18$000 réis; sem ataque de bandidos 9$000 réis. Os passageiros de 1.ª classe serão atacados directamente, os de 2.ª classe serão ameaçados, e os de 3.ª classe poderão apenas ver o que se passar.» E verá a Hespanha que turbilhão de viajantes desaba sobre o seu territorio.

Chegámos a Ciudad-Real, sem que nos apparecesse nem o mais leve bandido no horisonte. Não tendo aventuras que nos entretivessem, foi-nos forçoso recorrermos ás tradições. Um dos nossos companheiros de viagem, quando o comboyo parou por alguns minutos, apeiou-se e voltou para o wagon, trazendo uma flor de assafrão. Essa flor despertou-nos a idéa de um facto da nossa historia, facto quasi desconhecido, e que não deixa de ser honrosissimo para nós.

Contemol-o agora, já que estamos proximos da nossa querida patria, e que os nossos pensamentos para ella se voltam com um affecto, que esta pequena ausencia ainda tornou mais vivo.

No seculo XVIII, quando se travou a grande guerra

européa, por causa do testamento de Carlos II, e da successão do throno de Hespanha, nós, como é sabido, entrámos na lucta, a reboque da Inglaterra, defendendo os direitos do archiduque Carlos contra a França que defendia Philippe V, e a propria Hespanha que acceitára primeiro com indifferença o principe bourbonico, mas que depois, irritada por ver que as outras nações européas decidiam da sua sorte sem a consultarem, sagrou rei nacional o duque d'Anjou, e o defendeu com inteira energia e absoluta dedicação.

Militarmente não fizemos má figura n'essa guerra, o marquez das Minas revelou-se general distinctissimo, deu muito que fazer ao duque de Berwick, atravessou metade da Hespanha como conquistador, e como conquistador entrou em Madrid. A orgulhosa capital da monarchia hespanhola passou pelo dissabor de entregar as suas chaves a um general portuguez, de se curvar aos seus mandados, e de acceitar das suas mãos o rei que elle lhe quiz impôr.

Mas uma guerra nacional é uma guerra terrivel, a Hespanha revoltava-se por todos os lados, a fortuna sorria de novo a Luiz XIV, os nossos alliados não nos auxiliavam convenientemente, o archiduque Carlos não soubera aproveitar a marcha audaciosa e triumphal do marquez das Minas. Na retaguarda do exercito portuguez as povoações sublevavam-se, interceptavam as communicações, e o marquez, senhor de Madrid, viu-se cortado da fronteira portu-

gueza pelo povo em armas. Quando teve de abandonar Madrid, em vez de retirar sobre Portugal, retirou para as provincias orientaes da Hespanha, então occupadas pelos Austriacos e Inglezes nossos alliados. Essa retirada lenta e imponente foi considerada como uma das mais bellas operações militares da campanha.

Assim o marquez das Minas, tendo partido de Portugal, tomava tranquillamente os seus quarteis de inverno na extremidade opposta da peninsula hispanica, apoiando-se na esquadra ingleza que dominava o Mediterraneo.

No anno seguinte, menos felizes, fomos completamente batidos em Almanza pelo duque de Berwick. Lá nos ficaram prisioneiros treze regimentos, e, ao passo que Lisboa vestia lucto, Versailles, costumada havia largo tempo ás noticias dos desastres, alegrava-se e exultava com as boas novas de Hespanha.

Pouco depois o marquez das Minas, desgostoso, partia para Lisboa, deixando o commando do exercito. Queixava-se dos seus alliados, e principalmente de lord Galloway. Parece-nos que não ía muito longe da verdade. É essa pelo menos a opinião de Paquis e Dochez e de muitos outros historiadores da Hespanha, que reconhecem no marquez das Minas um dos mais notaveis generaes, que as tropas alliadas contra Philippe V tiveram na peninsula.

Proseguiu a guerra na fronteira da Beira e no

Alemtejo; e na Catalunha e Aragão, onde era mais accesa a lucta, continuou a militar uma divisão expedicionaria portugueza, intrepida reliquia do brilhante exercito, que atravessára como venceder a Hespanha, entrára em Madrid, e fôra succumbir em Almanza. Essa divisão serviu debaixo das ordens de Staremberg e Stanhope, distinguiu-se muito nas batalhas de Saragoça e Villa-Viciosa, e mereceu por mais de uma vez as menções mais especiaes e mais lisongeiras dos generaes estrangeiros.

Descance o leitor que já não estamos muito longe d'aquella florinha de assafrão.

Fez-se a paz. Foi por causa do copo d'agua da duqueza de Marlborough, como quer Eugenio Scribe? Foi por causa da subida do archiduque Carlos ao throno imperial? Foi por causa das victorias francezas de Denain e de Villa-Viciosa? Dispense-nos o leitor de o investigarmos agora; o que é certo é que se fez a paz entre a França, a Inglaterra e a Hespanha, e que nós estivemos por um momento ficando quasi postos á margem pelos nossos fieis alliados, porque se não fallou em tratado de paz entre Portugal e a Hespanha. Ajustou-se apenas no tratado que a nossa divisão expedicionaria (empregâmos esta denominação militar moderna para facilidade da narrativa) podesse recolher ao seu paiz, atravessando livremente a Hespanha.

O commandante era então um moço de pouco mais de vinte annos, chamado D. Pedro d'Almeida,

o mesmo que foi depois primeiro marquez de Alorna. Os privilegios da casta o haviam levantado áquella situação de tanta responsabilidade, mas o energico mancebo mostrou-se muito digno de a preencher. A sua marcha atravez da peninsula é considerada como uma verdadeira façanha.

Effectivamente os nossos visinhos viam de muito má vontade a passagem livre d'aquelle corpo de tropas inimigas, e o governo hespanhol não poupava dissabores ao general portuguez, e o commissario, que fôra encarregado de conduzir a divisão e de a aboletar, tomára a peito desgostar e enraivecer os seus hospedes. Além d'isso tinha um empenho especial em alliciar os nossos soldados. Marchas enormissimas e fatigadoras, alojamentos pessimos e contrariedades de toda a especie não faltavam aos terços portuguezes; esperava-se que assim ficassem muitos soldados á rectaguarda, e que desertassem outros. Não se contára porém com a indole de D. Pedro d'Almeida. O general imberbe sabia manter a mais rigorosa disciplina n'esses terços compostos dos veteranos do marquez das Minas. Além d'isso, tinha um modo de reprimir o commissario, que lhe foi pouco a pouco tirando a vontade de lhe fazer pirraças. N'uma cidade de Aragão havia tropas francezas que deliberaram alliciar soldados nossos. Armaram mesas nas ruas onde se bebia á larga. Dois portuguezes deixaram-se seduzir, e estavam fazendo grande bambochata com os seus novos camaradas,

os soldados de Luiz XIV, quando D. Pedro d'Almeida os mandou prender como desertores, arrancando-os d'entre o povo e os regimentos estrangeiros que pareciam querer defendel-os. Em seguida mandou-os fuzilar ali mesmo, em pleno Aragão, em presença do estupefacto commissario hespanhol e dos assombrados officiaes francezes.

Chegou emfim a Ciudad-Real sem ter deixado um soldado á retaguarda, requisitando cavalgaduras, quando lhe eram necessarias, não praticando um unico desacato, mas não consentindo que lhe faltassem nem com a mais leve attenção. Ahi quiz aquartelar os seus terços, disseram-lhe que não havia casernas, pediu boletos, responderam-lhe com evasivas. Não lhe deu esse facto grande cuidado. Constituia n'esse tempo a cultura do assafrão uma das grandes riquezas de Ciudad-Real. D. Pedro d'Almeida, em presença das respostas da municipalidade, entendeu que tinha de acampar ao ar livre, e para isso se preparou com um fleugma britannico, que lhe fôra provavelmente inoculado por lord Peterborough. Para acampamento da cavallaria designou especialmente os campos de assafrão. Quando os habitantes de Ciudad-Real viram a sua messe pisada aos pés pelos cavallos, correram em chusma a protestar contra isso. D. Pedro d'Almeida respondeu-lhes que não podia ir acampar na lua, nem ter os cavallos suspensos na atmosphera. A municipalidade quiz parlamentar, encontrou o general

portuguez inflexivel. Não houve remedio senão serem admittidas na cidade as nossas tropas e aquarteladas maravilhosamente.

Eis as memorias que despertava no meu espirito aquella singela flôr de assafrão. D. Pedro d'Almeida ainda teve depois as suas contendas com o marquez de Bay, commandante do exercito hespanhol, que nos fazia guerra na fronteira do Alemtejo; mas afinal entrou na sua patria, onde foi acolhido como um triumphador. A sua marcha atravez da Hespanha deu-lhe tanta honra como a Xenophonte a retirada dos dez mil, como ao marechal de Belle-Isle a retirada da Bohemia. Hoje está isso tudo olvidado, e ninguem se lembra de folhear as paginas da *Historia Genealogica da Casa Real*, ou de qualquer outro venerando *in-folio*, para lêr esta curiosa narrativa.

Seguindo pacificamente o itinerario de D. Pedro de Almeida, viamos ao longe, d'ahi a algumas horas, illuminado pelos clarões da manhã, o perfil pittoresco de Badajoz. Avultavam para nós no horisonte as montanhas da patria; com que inexprimivel jubilo as saudámos! D'ahi a instantes atravessavamos o Caya; estavamos de novo em terras de Portugal.

Já dissemos que á volta nos pareceu quasi risonho o Alemtejo; não ha aridez que se compare com a das solidões da Estremadura hespanhola, com a das planicies da Mancha; ao menos no Alem-

tejo viamos ao longe scintillar, á luz do sol, a alegre alvura das casas portuguezas. Estivemos alguns minutos parados no Crato; havia junto da estação umas enfezadas roseiras, saltámos no jardim e saqueámos as rosas. É que traziamos saudades de flores.

Quando entrámos, junto de Abrantes, no valle do Tejo, tivemos um verdadeiro deslumbramento. Á ida não tinhamos prestado a attenção conveniente á paisagem; não a póde haver mais linda! A placida corrente do Tejo, as aldeias mirando, nas suas aguas, a alvejante casaria, as encostas verdejantes, as quintas risonhas e aprazíveis, formam um admiravel conjuncto. Que podem ter de mais deleitoso os valles celebres da Suissa? Constança deve egualar, senão exceder no pittoresco do seu panorama, qualquer das povoações do lago Léman. Sonha-se Coppet, e pensa-se que só faltou á nossa risonha villa uma Staël para a tornar conhecida em todo o mundo. E o castello de Almourol, visto á luz do sol poente, parecendo boiar nas aguas do rio, dentro de um cesto de verdura! Que suavidade nos horisontes, que pureza no firmamento, como a ampla toalha liquida do Tejo anima a paisagem e lhe dá frescor e vida! Que idyllios serenos se devaneiam n'aquelles vergeis ridentes, junto d'aquellas casas cercadas de flores, e em cujas varandas, abertas para o rio onde dorme o barco indolente, ou passa uma vela branca, entrevemos de re-

lance um vulto feminino, que mira descuidoso a locomotiva que vôa com um silvo atroador.

Chegámos a Lisboa á noite, noite chuvosa e fria. Mettemo-nos n'uma carruagem de praça, e logo conhecemos por tres coisas que estavamos na patria. Ás nove horas da noite as ruas desertas e silenciosas assimilhavam-se ás funebres alamedas dos cemiterios; estranhámos a ausencia dos cyprestes. Era noite de gala, e havia luminarias; tinha Lisboa portanto a luz sufficiente para se vêr que estava ás escuras. Não haviamos feito ajuste com o cocheiro, e fomos obrigados a pagar o que elle nos exigiu; lembrámo-nos então que estavamos em Portugal, e pensámos que, se os cocheiros, em vez de tomarem os viajantes na estação, os assaltassem no comboyo, á hespanhola, davam prova de maior franqueza.

Que importa? Mas abraçavamos os nossos com entranhado jubilo, mas respiravamos os ares da patria, mas contemplavamos com amor a nossa triste e magestosa Lisboa!

Findava a nossa digressão, que tudo conspirára para tornar agradavel. Fomos obsequiados por toda a gente, a começar pela companhia dos caminhos de ferro de Norte e Leste, á qual agradecemos a delicadeza dos seus offerecimentos; tivemos excellentes companheiros de viagem, amaveis, affectuosos, intelligentes e intrepidos, o que não é máo n'estas digressões. Um companheiro de viagem que não se arrisca heroicamente a rasgar o fato n'um

silvado, a jantar detestavelmente, a moer o corpo n'uma caleça impossivel, e a não dispensar de vez em quando as bagagens, é a maior praga com que Deus póde fulminar um tourista. Encontrámos a mais fina e ao mesmo tempo a mais discreta amabilidade em todos os hespanhoes com quem tivemos relações. Passámos finalmente oito dias deliciosos, immersos no turbilhão da vida moderna, que tem em Madrid um dos seus focos mais activos.

A Hespanha é um dos paizes da Europa de mais brilhante futuro. Solo uberrimo, população intelligente e energica, enthusiasmo pelas novas idéas e vontade de caminhar na senda do progresso, são garantias seguras do seu rapido desenvolvimento. Infelizmente a luz, concentrada ás vezes com intensidade excessiva nos grandes centros intellectuaes, Madrid, Barcelona, e Cadix, não penetrou ainda nos desfiladeiros das montanhas, e, emquanto por um lado se manifestam ardendes aspirações para o que ha de ser a humanidade no seculo XX. revelam-se por outro lado fanaticas saudades do que foi a catholica monarchia hespanhola no seculo XVI. A sociedade debate-se ao impulso d'estas duas correntes contrarias. No momento em que fechamos este livro, recebem-se em Portugal noticias de uma insurreição carlista. Os partidarios do altar e do throno reaccendem o facho ominoso da guerra civil.

Nunca houve insurreição mais sacrilega!

A guerra da Vendéa, em França, não apresentava

o caracter de uma lucta a favor do despotismo, e contra a liberdade. É certo que se defendia contra um governo republicano o regimen absolutista, mas a republica apresentara-se debaixo da sua fórma dictatorial; fundára as instituições do futuro, mas comprimira provisoriamente todas as liberdades, e fôra principalmente em nome da sua liberdade de consciencia opprimida, em nome dos direitos individuaes violados, que a Vendéa soltára o grito da cruzada. A Revolução perseguira o catholicismo, fechára as egrejas, e condemnara os padres: os catholicos vendéanos iam defender para os seus bosques as suas crenças ultrajadas; a Revolução enviára á guilhotina, sem prova de crime nem processo, homens e mulheres que não tinham outra culpa senão a de pertencerem á aristocracia, os parentes, os amigos, os correligionarios, os fieis servidores d'essas familias infelizes lançavam mão da espingarda das guerrilhas para vingarem os seus martyres. Defendiam uma causa má; porém o motivo immediato das suas acções era nobre, santo e cavalheiresco.

Hoje mesmo a revolução legitimista em França não póde significar senão um affecto tradicional a uma bandeira, e a uma dynastia. Essa dynastia e essa bandeira offerecem poucas garantias á liberdade, mas não ousam affrontal-a directamente. Não proclamam com descaro o seu odio ás instituições liberaes, não dizem no seu programma que querem fazer retrogradar a França para as epocas nefastas

da escravidão das consciencias e do aviltamento dos espiritos.

Só em Hespanha se ousa defraldar ao vento o estandarte do despotismo; só em Hespanha ousa um partido lançar audaciosamente a sua luva á liberdade, só em Hespanha ousa um grupo de homens bradar com exaltação. «Nós queremos ser escravos». Só em Hespanha ha homens que luctam e morrem por esta aviltante idéa.

E foi com o grupo que hasteia audaciosamente a bandeira das trévas que se alliaram os progressistas monarchicos e os progressistas republicanos! Tristes ambições politicas! Ha dois partidos em Hespanha, com os quaes deviam ser intransigentes os campeões da liberdade, o partido internacionalista e o partido carlista, os partidos da reacção. E comtudo esses partidos adquirem a cada momento novas forças. E o throno constitucional da Hespanha, abalado pela opposição dynastica e pela opposição republicana, vacilla no solo minado pelos inimigos da sociedade e da liberdade. E a revolução carlista agita o seu facho rubido, e a revolução internacionalista accende na chamma ondeante o seu facho destruidor, e o paiz convulso vê por toda a parte a ruina e o incendio. O que sairá de tudo isto? Não o sabemos, e só podemos enviar a essa nobre terra a nossa saudação sympathica: Deus salve a Hespanha!

FIM.

INDICE